



# TREUSS

A ENERGIA PRECEDE A MATÉRIA

ANNA FROTA

# TREUSS

A ENERGIA PRECEDE A MATÉRIA

ANNA FROTA

Primeira edição  
Santana de Paranaíba, 2025

**Capa, projeto gráfico e editoração:** Marcos Túlio Arabe

**Revisão:** Daniela Marini Iwamoto

**Foto da segunda e terceira capas internas:** Aldebaran S, [www.unsplash.com](http://www.unsplash.com)

Notas de rodapé: As expressões e palavras-chave em esperanto, hebraico ou outros termos específicos presentes no livro estão numeradas e são explicadas em notas de rodapé na página em que aparecem pela primeira vez.

---

Em conformidade com a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, Anna Frota é a autora e detentora dos direitos autorais deste livro. Seus filhos, Marina Passalacqua Frota de Godoy Sitchin e Vinicius Passalacqua Frota de Godoy Fabbri Paiva, poderão usufruir dos rendimentos advindos da obra por 70 anos, contados a partir de 1º de janeiro do ano seguinte ao falecimento da autora. Após esse período, a obra passará a ser de domínio público.

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Frota, Anna

Treuss : a energia precede a matéria / Anna Frota. -- Santana de Parnaíba, SP : Ed. da Autora, 2025.

ISBN 978-65-01-44614-1

1. Ficção científica brasileira I. Título.

25-268728

CDD-B869.308762

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção científica : Literatura brasileira  
B869.308762

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Agradeço, primeiramente, a Deus.  
Ao meu pai, por me mostrar a força da utopia.  
Ao amor incondicional de minha mãe.  
À Helena, minha tia-mãe.  
Aos meus filhos, Marina e Vinicius – filhos da Terra –,  
por me ensinarem a ser melhor.  
À minha irmã Gigi, braço direito e, às vezes, esquerdo.  
Ao meu irmão, anjo investidor que me creditou.  
À minha amiga Rita P. S. Boccato,  
pela contribuição ao conteúdo do livro.  
À Salonee, por me iniciar na ciência do Eneagrama.  
Ao Sérgio Teixeira, meu companheiro de jornada,  
pelas conversas e pelos direcionamentos de sua vasta visão  
de quinta essência que me ajudaram a atravessar  
os caminhos estreitos desta história.

Dedico este livro ao humano terráqueo,  
com espírito treussiano, que habitou entre nós:  
Francisco, o Papa.

Algumas pessoas precisam  
de apenas uma frase  
para justificar sua estada na Terra.  
Eu tive que escrever este livro.

## *A saga se inicia*

Há bilhões de anos, em universos paralelos, a vida surge simultaneamente em três planetas, de tamanho e órbitas semelhantes. Treuss, Tintus e Terra recebem da Grande Corte Celestial riquezas naturais e uma enorme diversidade de espécies. Junto a essas dádivas, o desafio: promover o desenvolvimento e perpetuar a vida saudável em seus mundos.

Os treussianos – guiados pela ciência, filosofia e tecnologias limpas – criaram sistemas autossustentáveis de produção. Os habitantes de Tintus, chamados nadaverianos, em nome de um progresso rápido e incondicional, vêm saqueando todo o seu planeta. A vida aos poucos está sendo dizimada, até não existir mais, e um dia o planeta se chamará Extintus. Seus líderes e alguns refugiados estão se espalhando pelos sistemas solares mais próximos, levando às civilizações em desenvolvimento sua ideologia destrutiva. Agora ameaçam a Terra. Assim dizem as profecias.

É neste pedaço da história que a saga se inicia.

*Planeta Terra,*  
*31 de dezembro de 1999*

Uma tênue luz laranja riscou o céu. A presença incorpórea de Hod Sadjo abriu caminho na tempestade cinza que chegava. Ela podia sentir a massa fria da atmosfera raspando sua alma. Ao atingir o solo, já estava tão densa quanto a chuva que iniciava a sua jornada. Do alto da montanha, Hod Sadjo avista uma pequena figura caminhando em direção a ela corajosamente através da ventania.

Os negros cabelos de Miriam embarçam-se ao sabor do vento, e um tufo deles mistura-se ao suor quente do seu rosto. Ela usa um mantô sobre os ombros e braços, cobrindo sua silhueta roliça. Por baixo das roupas, seu corpo suava. Ao encontro dos seios fartos de leite, está seu filho silenciosamente aquecido. A temperatura certa e o cheiro maternal mantêm esse ser hipoteticamente frágil, que tem como destino o futuro da Vida.

Uma paz invadia essa pequena alma e ele se entregava à única sensação



próxima que conhecia: proteção. As duas mulheres estão frente a frente. Miriam se vê nos amorosos olhos de Hod Sadjo. De dentro da sua roupa, retira o bebê e o entrega nos braços da mestra, a qual é a quinta essência de Treuss.

Em meio ao estrondo de um raio, o bebê grita seu primeiro choro ao mundo, ecoando pelo vale e pelas montanhas. A chuva cai como lágrimas de tristeza do coração de Miriam, que se vira e desata a correr, tropeçando na própria amargura. Ajoelhada, ela ergue as mãos para o céu e grita, acompanhada de trovões:

— Marana Tá<sup>1</sup>!

Em seguida, encolhe-se no chão e enfia as mãos na terra molhada, enraizando sua dor. A tatuagem, em formato de estrela de nove pontos, que tem em seu pulso direito, arde e se ilumina. A profecia começa a se cumprir.

---

<sup>1</sup>Tradução do aramaico: Venha, Senhor!

## *Índice*

01. Planeta Tintus, em seus últimos dias . . . . .	12
02. KÔ, o Generalíssimo . . . . .	15
03. Ainda em Tintus . . . . .	21
04. Local público em Tintus . . . . .	24
05. Ud, Assistente Pessoal de KÔ e Secretária da Cúpula Heghuânica . .	28
06. Nivk, Ministro das Ciências a Qualquer Custo. . . . .	31
07. Uan, Ministra da Guerra . . . . .	34
08. Unu, Ministro da Manutenção dos Padrões . . . . .	39
09. Ravk, Ministro de Culturas Implantadas. . . . .	44
10. Pês, o Magnífico, Ministro e Marqueteiro . . . . .	48
11. Sês e Seslam, Ministros da Polícia Secreta . . . . .	52
12. Irt, Ministro da Comunicação . . . . .	54
13. Nos bastidores . . . . .	57
14. Na sala de banho . . . . .	70
15. Na periferia de uma das milhares de cidades de Tintus. . . . .	78
16. Planeta Treuss, a retomada da consciência . . . . .	88
17. Eu amo Treuss . . . . .	92
18. Terconanto . . . . .	98

19. Chokmah Vero Povo, a oitava essência . . . . .	101
20. Pacífico Pigro . . . . .	110
21. Geburah Uniketso, a quarta essência. . . . .	114
22. Yesod Patsestra, a nona essência . . . . .	116
23. Chesed Amo Unidjo, a segunda essência. . . . .	119
24. Thipheret Fido e Malkut Indo, a sexta e a terceira essências . .	123
25. Netzach Festo e Hod Sadjó, a sétima e a quinta essências . . .	126
26. Binah Perfektesta, a primeira essência . . . . .	128
27. Mastro Domo . . . . .	131
28. O deserto, primeiro dia . . . . .	146
29. O deserto, segundo dia. . . . .	153
30. O deserto, terceiro dia . . . . .	161
31. Sim . . . . .	165
32. Tintus, a morada do caos . . . . .	168
33. Um quase epílogo . . . . .	175
Considerações finais I, o Eneagrama e a estrela de nove pontas . .	178
Considerações finais II, o idioma esperanto . . . . .	180

# 01

## *Planeta Tintus, em seus últimos dias*

Ano 4829

Duração do dia: 10 horas

Diâmetro: 18 mil e 330 km

Clima predominante: semiárido e alagados

Satélites artificiais: cerca de 10 mil

Estrela solar: uma

Habitantes: 13 bilhões

Língua oficial: 1.577 línguas diferentes

Religião: não há crença espiritual

Economia: capitalismo selvagem à moda do salve-se-quem-puder

Povo originário: nadaveriano

Moeda: lardo

A 25ª Grande Guerra em Tintus foi pela água. O último aquífero havia levado as duas únicas superpotências a afogar a única chance de sobrevivência dos

nadaverianos em seu planeta. Essa guerra não durou muito. Nenhum lado ganhou. Já não existiam exércitos. Nem mesmo uma razão para lutar. A população minguava a olhos vistos.

O ouro azul, como se referem à água, é colocado em pequenas garrafas que, mesmo com aparência duvidosa, são vendidas no mercado negro a peso de ouro. Este símbolo de status na sociedade tintusiana, cada vez mais restrito a círculos íntimos, está presente em festas da Cúpula Heghuânica ou quando o grande general KÔ, em seu refinado escritório, recebe líderes de províncias de todo o planeta ou mocinhas decadentes escolhidas a dedo por Sês e Seslam (dois de seus nove ministros), originárias dos desesperançosos subúrbios de Adomos, cidade decadente em Tintus.

Nestas ocasiões festivas, a egoica luxúria de KÔ fala mais alto, e ele ordena que todo estoque de água fique disponível para servir a seus convidados. Conta-se que, ao final destes grandes embalos, é comum, para a completa perplexidade dos serviçais, que um pequeno e seleto grupo vá ao quarto de banho do general, onde se entregam ao suntuoso e esquecido prazer de permanecer imersos numa grande banheira de água tépida. Essa água é posteriormente destinada a tanques de decantação, purificação e depois cuidadosamente armazenada para futuras celebrações Heghuânicas.

O ar de Tintus também não é o mesmo. Uma densa capa de poluentes fixou-se permanentemente na atmosfera, gerando um efeito estufa. Não existe

mais primavera, verão, outono ou inverno. Havia, sim, momentos de calor esmagador, entremeados por tempestades devastadoras e períodos de inverno cada vez mais rigorosos. As consequências são catastróficas. O nível dos oceanos de Tintus aumentou sensivelmente em algumas partes, e populações inteiras foram removidas às pressas para outros continentes. Estes milhões de pessoas, chamadas de refugiadas do clima, enfrentam outros problemas no local para onde foram. Há pânico geral e uma onda de xenofobia se alastrou pelos países que receberam as populações sem lar. Eles são vistos como inimigos, que chegaram para dividir o indivisível.

Nesses últimos dias de Tintus, nos grandes campos áridos, pode-se ver corpos amontoados em ambos os lados das estradas secas. Embora raros, notam-se também pequenos grupos de nadaverianos, habitantes deste planeta, andando à procura do nada. O ar quente e perenemente abafado faz com que o cheiro de morte pese ainda mais sobre os ombros daqueles que ainda insistem em caminhar com olhos vazios e uma esperança bestial.

Dizem que em algum lugar as naves estão levando uma parte seletíssima da população para um planeta em outra dimensão.

## KÔ, *o Generalíssimo*

KÔ é dessas figuras singulares, cujo comando é reconhecido pelo cheiro de poder que dele emana. De longe, sua aura confirma antecipadamente a sua altíssima patente. Seu campo astral o deixa agigantado. As pessoas sentem quando o generalíssimo está chegando: o ambiente fica tenso e o medo se instala nos seres de Tintus.

De corpo presente, KÔ parece maior do que é. Possui um porte robusto e uma força surpreendente. A vestimenta, bem escolhida para impor o controle, é usada todos os dias. Nem mesmo os seus subordinados, nem mesmo os seus ministros, lembram de tê-lo visto sem o seu uniforme militar cinzento de corte impecável e ombreiras discretamente colocadas para aumentar seu físico. O cinza foi escolhido para que as medalhas lustrosas e douradas ganhassem mais destaque nas inúmeras batalhas que ele mesmo criou. E claro, venceu.

A cabeça lisa, redonda e brilhantemente polida, como um âmbar negro,

compõe com o rosto forte e anguloso, contribuindo para a atmosfera pétrea de comando.

Os mais próximos dizem que KÔ tem necessidade de brigar. É como respirar para ele. Algo que não pode ser contido, como um grito depois de uma martelada no dedo. O som tem de sair. Muitas vezes, por falta de alguém com quem discutir, ele liga na madrugada para algum membro da cúpula, um dos seus nove ministros, e vomita essa necessidade íntima. Após gritar e berrar, em meio ao silêncio interrogativo que se dá do outro lado da linha, ele respira profundamente e desliga o telefone. Assim, fica leve como um balão de gás e esquece por completo o motivo de ter iniciado aquele jorro de estupidez.

As origens da criação da Cúpula Heghuânica misturam-se com a história pessoal de KÔ; era sem dúvida o maior e o único comandante que aquele planeta havia conhecido, como se um não tivesse nunca existido sem o outro. Ele sempre foi, é e indiscutivelmente será, segundo percepção própria, o General, Presidente da Cúpula, perito na legislação que ele mesmo criou e nunca cumpriu. Para os amigos, a lei, para os inimigos, a lei por ele interpretada, era uma de suas máximas. Controla com pulso firme todo e qualquer movimento dos Ministros da Cúpula Heghuânica.

Bom estrategista, KÔ conhece o ponto fraco de cada um deles e cutuca sem dó a ferida alheia para depois soprá-la. Oito ou oitenta, é assim que se



define essa fascinante personalidade de Tintus, que circula onipotente até mesmo nos altos escalões da política em outro planeta. Lobista, consegue aprovação de leis que protejam os interesses de grandes corporações mantidas por nadaverianos na Terra.

Até mesmo alguém tão poderoso carrega em seu íntimo derrotas e fraquezas, bem longe da percepção alheia. A situação em Tintus está no limiar da falência e este é o maior fracasso de KÔ. Já não dá para negar a si o desamor crescente da população e a revolta rancorosa que pode ser sentida com o empoeirado e venenoso ar de Tintus.

O descontentamento está estampado na insurgente Resistência Tintusiana, liderada por Humis, Morya e Djawl, chamados de Três Magos. Eles iniciaram um trabalho, quase perdido, de levar luz à consciência ao maior número de habitantes do planeta.

As décadas de deseducação alimentadas e mantidas por campanhas que propiciaram o transe coletivo – resultado das experiências marqueteiras de Irt, Ministro da Comunicação – começam a caducar.

Despertados com os jatos de água gelada da necessidade, o povo começa a sair de sua letargia. As imagens das telas de ver, colocadas em todos os cantos das cidades, ainda estimulam o consumo compulsivo de inúteis e supérfluos<sup>2</sup>, itens colocados à venda cada vez mais baratos, mas que pouco contribuem

<sup>2</sup>Inutilidades e superficialidades que são consequência direta do consumo desenfreado.

para aliviar o crescente descontentamento. Nenhum nadaveriano sabe exatamente para que servem os produtos incansavelmente anunciados. Existem todos os tipos deles: coloridos, discretos, requintados, únicos, movidos a eletricidade ou não. A quantidade e a exclusividade do que se adquire mostram o status de famílias inteiras, por gerações. Bastava que algum ancestral tivesse acumulado essas riquezas para que todos os descendentes usufríssem dilapidariamente deste patrimônio, que só existia na crença da sociedade. Como uma mentira muitas vezes repetida, que se torna uma realidade.

Estimular o consumo compulsivo de inútilis e supérflis faz parte de uma estratégia de atrelar pequenos momentos de abundância, como se fossem mimos do Generalíssimo que ajuda, acredita ele, a melhorar sua imagem e seu gênio combativo e encolerizado. É semelhante à tática do ‘bom policial e mau policial’, em que dois investigadores entrevistam um suspeito, com um adotando uma postura amigável e o outro, mais dura. KÔ sabe que esse é um dos grandes segredos para manter as coisas sob seu rigoroso controle. Dessa maneira, a população lhe obedecia, ora por um sentimento de grande gratidão, ora guiada pelo medo hipotético de estar fazendo algo errado.

Porém, em suas reflexões, KÔ admite para si que já foi mais fácil distrair a atenção do que ocorria nos bastidores do governo. Sua polícia particular não foi capaz de conter o vazamento de informações secretíssimas sobre as

expedições realizadas pelo universo, atrás de outros planetas que servissem de self-service para satisfazer o apetite de consumo e repor as matérias-primas retiradas de Tintus, e assim manter o poder. Claro que este era o plano inicial: abastecer o povo com as coisas que não andaram como o esperado, e assim Tintus agoniza, dando seu último suspiro.

Mesmo resistente a colocar o orgulho de lado, não há mais como esperar. KÔ irá providenciar a evacuação imediata da elite deste mundo quase extinto para algum outro planeta.

A introspecção de KÔ é interrompida pela insistente campainha do aparelho de falar, que jaz há décadas em sua mesa. Aperta o pino preto que libera a melosa e sibilante voz de Ud, a Secretária libidinosa da Cúpula. Nos momentos de luxúria, ela parece convidativamente pecadora. Durante o expediente, Ud torna-se irritante e estridente, muitas vezes alvo de descarregos emocionais do General.

— Hoje não estou para puxa-saquismo, Ud. Diga logo o que quer.

O segundo de silêncio começa a inquietar o General e, antes que a ruga da falta de paciência se acentuasse por cima das espessas sobrancelhas, Ud fala:

— General, Irt pediu uma audiência com Vossa Excelentíssima presença. Nivk tem novos relatórios para mostrar e Uan, notícias a dar e...

— Ud, seja prática! Marque com todos num horário só. Tenho muito

que fazer para perder meu tempo com essas ladainhas.

Sem esperar o aceite do outro lado do fio, desligou o aparelho, colocando-o no gancho. Decidiu que aquele era o momento certo. Momento de comunicar aos ministros o seu plano de fuga.

*Ainda em Tintus*

O ar está úmido. O cinza do céu faz degradê interessante com os casacos negros dos nadaverianos caminhando apressados e assustados pela rua, que voltam para as suas casas cumprindo o toque de recolher imposto pela Cúpula Heghuânica. A partir da oitava hora, depois que o grande relógio do tempo anuncia um novo dia, ninguém pode mais ficar nas ruas. Essa é uma das tentativas de conter os ânimos dos grupos rebeldes, que ganhavam novos adeptos rapidamente.

O cenário é catastrófico. Os rostos de uma aflição vazia se espalham por todos os lados. São tempos difíceis. Talvez um dos piores já vividos, dizem os raríssimos velhos de Tintus.

Racionar é a lei. Cartazes enormes nas ruas reforçam essa ideia. Há mensagens subliminares nas telas de ver. E, como máquinas, os nadaverianos têm como meta dosar ao extremo. O povo tem de obedecer à lei do rodízio

das duas horas. Em vários pontos dos municípios, os nadaverianos aproveitam o rodízio conforme horário e região: duas horas para utilizar a sua infinidade de aparelhos elétricos, que mesmo assim estragam por falta de uso, aumentando ainda mais os lixões ao ar livre espalhados. Duas horas de água, cuja qualidade é suspeita. Duas horas nas filas das pílulas de suprimento, para o controle das epidemias consequentes das químicas e transmutações genéticas nos alimentos – experiências promovidas nos antigos cinturões verdes de Tintus por Nivk, Ministro da Ciência e Tecnologia a Qualquer Custo.

Assim é o cotidiano das cidades em Tintus: correr e usar ao máximo suas duas próximas horas. Motoristas enlouquecidos pelo trânsito caótico descontam sua amargura no soar incessante das buzinas e tornam-se violentos e inconsequentes, arriscando as suas vidas e a dos outros a todo instante. Pedestres atravessam as ruas sem o mínimo cuidado. A ansiedade toma conta, no vale-tudo em que todo mundo perde.

Yesod continua em Tintus. Ela sente uma tristeza profunda tomar conta do coração. Isso se deve ao dom que tem de se conectar plenamente com o outro. Ela caminha, atordoada no meio do caos do futuro planeta Extintus, em direção ao encontro que terá com Humis. Os cabelos dela estão ocultos por um véu lilás, que se furta dessa cor quando a iluminação muda. Os olhos estão perdidos e absortos em pensamentos. Quanto sofrimento, quanta dor ela está captando. O sentimento de fracasso retira um pouco do brilho de Yesod e de sua capacidade de espelhar as realidades. *A paz,*

pensa ela, *só é possível com a fricção de polos supostamente opostos*. Sabe que já não é possível despertar nenhum nadaveriano de seu pesadelo individual.

*Aqueles rostos apagados jamais irão provar o gosto de uma fruta, a sensação de unicidade com o Kreinto<sup>3</sup>, os benefícios de um banho de cachoeira. Os nadaverianos estão cegos, correndo para sobreviver.* Yesod medita sobre o livre-arbítrio e como o Kreinto também deve sofrer pelas escolhas de suas criaturas.

*Se Ele assim fez, quem sou eu para achar que posso salvar alguém de suas próprias escolhas, reflete Yesod sobre a sua angústia. Mesmo que eu veja isso claramente, é preciso que queiram sobreviver. Mas sobreviver a quê? – questiona por fim Yesod, enquanto caminha apressada para encontrar Humis, um dos três chamados de magos.*

Há meses, está orando para que a situação em Tintus seja revertida.

---

<sup>3</sup>Tradução livre do esperanto: Criador.

# 04

## *Local público em Tintus*

É uma espécie de bar que já foi glamuroso. Hoje, está totalmente decadente. O local cheira a fumaça de cigarro misturada com desencanto. Mesmo com este odor forte, Yesod identifica um aroma delicioso, um toque doce de almas conectadas com o Criador. *É Humis! Ele já chegou*, afirma para si.

A uniformidade da roupa dos frequentadores ressalta a presença discreta do mago. Ele está no fundo do bar. Sua tez morena e os cabelos negros continuam iguais, mas os olhos estão magoados com a dor do mundo. Yesod sente compaixão e se senta ao seu lado.

— Saudações treussianas, mago Humis!

— Irmã, Yesod, aqueles que resistem te saúdam e pedem que Treuss não abandone o povo nadaveriano neste momento desesperador. As notícias que trago são alarmantes.

O burburinho do bar confere privacidade à conversa, e Humis continua



a falar:

— Agentes da resistência infiltrados no Ministério de Tintus tiveram acesso a um relatório secreto sobre as condições de vida no planeta, que fala sobre as mudanças climáticas e da água que resta. Nada diferente das previsões que fazemos há anos. Mas o que mais me preocupou foi a descoberta que nossos agentes fizeram e que coincidem com as profecias dos mestres de Treuss. Ficamos sabendo que, há pelo menos três décadas de nosso tempo, funcionários ligados diretamente à Cúpula aportaram em um planeta semelhante ao nosso, menor, mas com boas reservas de matéria-prima. A descoberta foi feita em meio às várias explorações comandadas por Nivk. O plano inicial era encontrar planetas self-services, exportadores de matérias-primas, para saciar o apetite voraz pelo consumo do povo de Tintus, e assim aplacar os levantes sangrentos dos sem-inúteis e dos sem-supérflus. Muitos nadaverianos já conseguiram se infiltrar nos altos escalões da política e das empresas transnacionais que comandam este outro planeta.

Os boatos são confirmados pela movimentação nos bastidores do Palácio de Metal, sede da Cúpula na cidade. Neste exato momento, várias naves em diversos pontos de Tintus preparam-se para levar a elite para seu novo lar. Uma reunião foi marcada pelo General KÔ e...

A voz de Humis é engolida por um som alto, que vem dos aparelhos de ver, colocados nas paredes do bar. É aquela vinheta característica de notícia

ou de algum pronunciamento importante. A programação normal é interrompida e o Ministro de Comunicação entra em edição extraordinária.

Um close do rosto de Irt entrega as muitas aplicações de Botox realizadas. Seus olhos, espetados para cima, lembram os de um lagarto. A boca, meio retorcida para o lado, faz da fala dele algo sobrenatural. O Ministro se esforça para parecer calmo e natural. Sua compulsão por mentir e acreditar em mentiras faz dele um integrante confiável da Cúpula.

Um silêncio descomunal cai sobre o local. Yesod capta o palpar de inúmeros corações e a respiração contida daquela massa disforme, que já não pensa, mas ainda tem expectativas de tempos melhores. Irt brilha na tela como um galã mofado de alguma telenovela.

— Povo nadaveriano! Estou aqui para tranquilizar sobre as notícias de que nosso planeta está em colapso. As inverdades que circulam por aí são exageros mentirosos da Resistência Tintusiana, inimigos da Cúpula e dos costumes do nosso povo. Eles querem acabar com o direito natural e sagrado de consumir. O aumento do número de nevascas, tufões, tempestades e ondas de calor nada tem a ver com a forma com que estamos vivendo. Os resistentes querem arrancar você, que me assiste agora, do sossego das telas de ver, do conforto do uso das duas horas diárias de energia, dos banhos mensais. Afirmo que isso é uma conspiração, um golpe à livre escolha de consumir como e quando quiser.

Murmúrios paralelos e cabeças afirmativas dos telespectadores concordam

com as palavras saídas daquela tela mágica e pelo fascínio que a figura de Irt inspira. Ele sorri e continua a falar:

— Segundo nossos cientistas, as mudanças do clima são fenômenos totalmente naturais, causados pelo aquecimento dos oceanos de Tintus a cada três mil anos. Só não podemos provar porque ninguém viveu tanto tempo. Confiem em quem sempre os dirigiu por este mar da vida. Sugiro que continuem com sua rotina. E o melhor começa agora. Além da extensa programação que a TV Estatal fez para você se divertir, o Ministério da Comunicação decreta que a partir deste momento todos os shoppings de Tintus entrem em liquidação! Vão comprar, crianças!

O olhar fixo de Irt para a câmera foi se apagando repentinamente, deixando no ar uma grande sensação de alívio para a população domada. Uma onda de otimismo toma conta do local deprimente. E as pessoas começam a agir como se todos fossem apenas um corpo e uma só cabeça. Eles se levantam e vão cumprir o que o Ministro acabou de sugerir.

## *Ud, Assistente Pessoal de KÔ e Secretária da Cúpula Heghuânica*

O toc-toc do ventilador de teto denuncia a decadência daquela sala que já testemunhou dias melhores. As paredes estão descascadas pelo tempo. O mobiliário está surrado e o ar, impregnado de lembranças. Ud sorri ao lembrar das escapadelas ali mesmo com vários ministros.

Ela se olha no espelho. Seu reflexo é de uma mulher de meia-idade. Os cabelos ralos são disfarçados por um penteado ruivo acima da testa larga. Os olhos azuis, que encantaram muitos da Cúpula, agora estão um pouco voltados para a ponta do nariz, consequência de uma acentuada vesguice, fruto da mania de se olhar no espelho, embora ela acredite que seja quase imperceptível. O leve estrabismo dá um toque a mais ao seu poder de sedução natural. As bochechas estão caídas e o papo, largado. Ela fica de lado e olha sua imagem refletida. Os seios estão fartos e empinados pelo silicone, mas o ventre está flácido. *Corpo de velha*, pensa ela, *mas ainda é capaz de despertar interesse nos homens*.

Um arrepio saudoso passa pela sua espinha, desce e vai morar em suas partes íntimas, o que a leva a pensar em fazer plásticas nas marcas de expressão acentuadas. Porém, desiste na mesma hora: nem toda intervenção cirúrgica pode frear esse processo, apenas amenizá-lo. E agora é impossível em Tintus. Não há médicos nem hospitais que realizem esses procedimentos.

A saída é disfarçar com maquiagem e sorrisos sutis, tornando os vincos da boca de ventríloquo em algo menos emburrado. Porém, até esse movimento simples é dificultado pelas inúmeras harmonizações faciais.

Ud respira fundo e se questiona: *o que havia acontecido? Como uma mulher amorosa passou a refletir essa imagem no espelho?* O que ela vê é o semblante de um fantasma, como se esse corpo não pertencesse mais a ela. É obrigada a interromper esses pensamentos, pois precisa organizar a sala para esta que previa ser a última reunião da grande Cúpula Heghuânica; pelo menos naquele planeta.

Secretária eficiente, ela sabe do teor da convocação de KÔ. Lembra-se de que sempre existiram planos de Irt e Nivk para reverter inúmeras vezes a situação caótica de Tintus. Uma brisa de esperança entrou como uma lufada de ventos pela janela. *Quem sabe?*, pensa ela.

Ajusta as nove cadeiras que compõem a mesa descascada de uma das poucas árvores que haviam existido em Tintus. O trono de KÔ, a única

cadeira diferente das demais, está na ponta da mesa. Ela reserva seu lugar à esquerda do General, para fazer as transcrições e ajudar em tudo mais que KÔ precisar.

— Sou brilhantemente necessária, diz para si. E com esta certeza, faz os últimos ajustes para deixar aquele ambiente impecável.

*Nivk,  
Ministro das Ciências  
a Qualquer Custo*

A tarde está terminando rapidamente. Também pudera, em Tintus o dia dura somente 10 horas. Nem sempre foi assim, mas a vida acelerada de seus habitantes descompassou o ritmo cardíaco do planeta. Essa é uma das teorias para explicar o que se iniciou como uma percepção de poucos e que depois contagiou a maioria. O ano mal começa e, quando se percebe, já é o final dele.

Nivk não compactua com essa hipótese subjetiva. Em sua mente científica, ainda não há comprovação metodologicamente aceitável que a prove e explique. Sim, é um fato: o tempo está mais escasso, com isso concorda. No entanto, ele precisa de uma metodologia ortodoxa para provar essas e outras crenças infundadas, que ele chama de paranoias rasas. Ele acredita que, ao observar seu próprio ser e as energias que o envolvem, um dia dominará a capacidade de provocar eventos. Ouviu dizer que esses fenômenos são algo meio mágico ou perto disso, que ocorrem em um nível muito profundo

do ser, íntimo, chamado alma. Mas ele insiste em não acreditar em nada que a sua mente não possa tocar. Assim também é com a questão das mudanças climáticas. Já não existem estações definidas como outrora, mas para ele é um processo natural, mudanças que ocorrem em ciclos longos, pelo menos a cada dez gerações consecutivas. Seria necessário viver muitos anos para se ter essa certeza comprovada pela ciência. Por isso, prolongar sua própria existência é uma de suas obsessões.

Nivk é uma figura branca e descuidada. Seus passos são atrasados e não seguem o ritmo do dorso. É como se a parte de cima do seu corpo andasse mais rápido do que a de baixo. A testa larga atesta a qualidade de sua massa cinzenta. Os olhos miúdos, por trás das grossas lentes de uma armação tosca de óculos, estão perdidos em pensamentos. Ele vive absorto pelo mundo infinito de ideias que brotam em profusão de sua mente genial. Este turbilhão provoca alucinações, e elas acontecem nos instantes de ausência da mente, como ele se encontra agora. Neste vazio mental, ele sente uma forte presença feminina habitando seu corpo. Ela sussurra para ele:

— Hod Sadjo... Hod Sadjo.

Está claro em sua mente; trata-se de um nome. E ele vai se aprofundar em suas pesquisas e descobrir o significado. Perdido em seus pensamentos, não percebe a chegada de Uan, de cadeira de rodas. Ela levanta os braços grossos e os gesticula para chamar a atenção dele. O prédio não tem rampa de acesso para deficientes, e ela necessita da ajuda dele para entrar. Verdade



seja dita, em Tintus não há programa de inclusão, nem mesmo para as pessoas com necessidades especiais. E isso faz parte de uma política secreta da Cúpula: dificultar ao máximo a sobrevivência de pessoas que apresentem qualquer limitação física e que não possam servir perfeitamente ao Sistema. Mas Uan não é somente amiga dos integrantes da Cúpula. É um deles.

# 07

## *Uan, Ministra da Guerra*

A formosura nunca se fez presente nos contornos de Uan, que, de tempos para cá, encontra-se estancada numa cadeira de rodas. Não há nada fisicamente que explique o fato de ela não andar mais. Nem os muitos quilos que ganhou e nem a preguiça latente que adormece seu corpo justificam a paralisia dos membros inferiores.

A figura gorda, aparentemente inerte, é Ministra da Guerra em Tintus, e já enfrentou inúmeras batalhas. Alcançou esse alto posto devido a uma característica peculiar de sua personalidade. As pessoas a procuram e fazem dela um confessor ambulante, em quem encontram abrigo e compreensão. Ela ouve em silêncio o que uma diz e depois o que o outro fala, sem julgar.

Como uma equilibrista de egos, manipula com maestria ambos os lados, que saem das conversas com a certeza de contar com o seu apoio. Ela não toma partido, sente-se confortável em ficar em cima do muro. Com o

tempo, Uan percebeu que poderia usar essa característica a seu favor. E KÔ percebeu que poderia usar Uan em favor do Sistema. Foi assim que essa criatura esquecida e insignificante aceitou o convite para integrar a Cúpula Heguânica.

Tudo tem um preço, e ele fica muito caro quando o dom recebido é utilizado para outra finalidade. Uan se deixou levar pelo mar das circunstâncias, boiando nas águas dos acontecimentos, atuando em uma área totalmente contrária ao seu íntimo, o que causou uma forte crise de ansiedade. É para adormecer esse sentimento que serve a acetilcolina, um neurotransmissor natural no corpo, sintetizado em laboratórios pela equipe de Nivk. Ele e Uan são viciados nesta droga, que provoca sensação de relaxamento. Aliás, há uma forte suspeita dela de que estes comprimidos são responsáveis por deixá-la em uma cadeira de rodas para sempre.

Uan já havia conhecido dias melhores. Havia sido referência quando as pessoas buscavam paz. Quando pequena, era comum ficar rodeada de pessoas que simplesmente gostavam de ficar ao seu lado. Todos diziam que ela possuía o dom de acalmar. *Como aquela menininha havia se tornado essa figura empacada?* Esse questionamento ativou sua memória. Lembrou de um cochilo que deu, e naquele estado de torpor entre o dia e a noite, entre o consciente e o inconsciente, vagou por um mundo diferente. Então, viu uma figura harmoniosa, de longos cabelos negros e lisos. Na frente, entre os olhos, trazia uma gota tatuada em sinal de serenidade. Suas vestes eram

de um tom lilás. Esbelta e esguia, essa mulher não tinha dificuldades para se movimentar. Uan sentiu o respirar dela numa piscina. Ela sabia nadar, concluiu, e esta é sua vontade secreta desde jovem: aprender natação. Uan não sabe quem é, mas tem um pressentimento de que essa personagem faz parte de algum canto esquecido do quarto escuro do seu interior.

Essa lembrança se torna intensa, quase uma presença física. Trouxe a Uan um pouco da paz que tanto ansiava. E facilitou no caminho de sua casa até o prédio do QG da Cúpula. Ela chega, mas precisa de ajuda para entrar. Nota Nivk, na entrada do edifício, absorto em suas ideias.

— Nivk! Nivk!

Ele a vê, esboça um sorriso amarelo e vai ao encontro de sua pesada colega.

Os dois são o mais próximo do que podemos chamar de amigos. Nivk é verborrágico, tem necessidade de expressar o turbilhão de ideias, projetos, planos, filosofias e pesquisas com magia negra. Uan escuta. A dupla entra no prédio. O elevador que leva ao último andar da torre desgastada, onde as reuniões da Cúpula acontecem, está demorando.

Eles estão quietos, um tentando adivinhar a solução que o outro irá apresentar a KÔ. Uan articula em sua mente uma nova guerra: separar para governar é a sua estratégia. Nivk irá ficar calado, aguardando os outros falarem, para só depois vir com a solução que seu Ministério iria propor. Ele tem certeza de que o Generalíssimo irá aprovar.

O elevador finalmente chega. As portas se abrem. Nivk entra primeiro, mas não segura a porta para Uan.

— Querido, segure a porta para mim. Tudo agora é mais difícil, e estou exausta. Carregar meu próprio peso foi extenuante neste meio quarteirão. Vou pedir a KÔ que providencie uma cadeira de rodas motorizada. Meu status de Ministra me permite.

Mesmo com dificuldade, ela consegue mover sua cadeira para o interior do elevador, arrancando lascas de madeira podre da porta da cabine. Na manobra, sua bolsa enorme, e sempre aberta, cai e todo o conteúdo se espalha no chão. Mal-humorado, Nivk abaixa para juntar os pertences. No meio de tantos badulaques, encontra um pequeno vidro, com uma única pílula dentro. Ele leva o frasco até bem próximo dos olhos, sorri levemente e diz esperançoso:

— Uan, você ainda tem um comprimido de acetilcolina! Vamos dividir?

A boca de Uan contorce no que seria provavelmente um não. Mas negar algo assim deliberadamente é difícilimo para ela. Mesmo que por dentro ela amaldiçoe o pedido. Então, consente:

— Vamos dividir, querido. Temos uma reunião estressante pela frente e não quero ficar ansiosa. Precisamos relaxar.

Nivk mede o comprimido contra a luz bruxuleante, e imagina com precisão onde é a metade e o divide. Ele engole a parte dada a contragosto de Uan. Ela engole a outra metade com a ajuda da saliva da boca. A Ministra fecha os olhos e sente uma onda morna invadir sua cabeça e seu pescoço, descendo até o meio de seu peito. Sua testa começa a suar, levando gotículas ao cabelo seboso que cobre parte de sua cabeça redonda. Uan e Nivk permanecem em silêncio até a chegada ao andar onde a reunião irá acontecer. De ruído, somente o arranhar das velhas engrenagens do elevador funcionando.

*Unu,  
Ministro da Manutenção  
dos Padrões*

É noite quando Unu chega em frente ao prédio do QG da Cúpula.

Seu rosto magro e sisudo reflete seu íntimo contido. As luzes opacas dos postes incidem no asfalto, ao lado do grande e velho edifício cinza, iluminando as poças de água de uma tempestade recente. Choveu muito em Tintus, e de uma maneira inesperada. Talvez porque não haja mais estações climáticas definidas.

Unu consulta seu relógio para confirmar a pontualidade: três pequenas séries para sete grandes séries. Fica orgulhoso quando consegue cumprir as regras à risca. É um motivo a mais para se sobressair junto a KÔ.

Além disso, Unu tem uma solução moderna e eficiente para a situação lamentável em que Tintus se encontra. Tem certeza de que o programa de inteligência artificial que traz em segredo vai corrigir toda a incompetência

instalada nos altos escalões do Sistema numa velocidade recorde e fará com que pessoas sejam desligadas. Afinal, tudo está fora do padrão de perfeição; o Planeta está uma baderna, pensa ele. Já havia previsto isso logo no início de seu Ministério e, para evitar a falta de controle sobre o incontrolável e se abster da culpa, publicou O Manual de Boas Condutas.

A obra é motivo de orgulho para Unu, uma grande vitória. Nas páginas desse livro encontram-se todas as normas sobre como os nadaverianos devem se comportar em qualquer situação. Uma das inúmeras diretrizes do compêndio determina que nada, absolutamente nada, deve ser reaproveitado. Trata-se do Artigo 23.2: “Os itens que apresentarem defeitos devem ser descartados imediatamente e substituídos por novos”. Por isso, Unu foi totalmente contrário à campanha que Irt lançou para dar uma resposta ao clamor popular por uma coleta seletiva dos resíduos.

O Ministro da Comunicação enfatizou que as propagandas eram pró-formas, apenas para conter a revolta da população diante da escassez crescente de matérias-primas, além de evitar que adversários políticos atacassem o Sistema e seus integrantes, alegando que o governo não possui programa adequado para a destinação correta dos resíduos. Por tudo isso, a campanha teve o apoio incondicional de KÔ, que confia em Irt para melhorar a imagem de seu governo. Na opinião de Unu, essa estratégia foi desastrosa.

Como toda novidade em Tintus é aceita sem questionamento prévio,



a pseudocampanha foi um sucesso. A população aderiu à mentira por décadas, até que os depósitos dos resíduos ao ar livre tornaram-se gigantescos. Não havia como dar destino adequado a uma quantidade crescente acumulada e não existia mercado que pudesse absorver e reciclar tanta coisa.

Com volumes monstruosos de materiais defeitos, a sucata virou uma mina de ouro para a população faminta. Vários grupos formados por pessoas desesperadas iniciaram uma disputa sangrenta pelos territórios onde ficam os lixões, chamando a atenção da mídia, que passou a conhecer mais um lado obscuro desse desgoverno.

Gradualmente, a campanha da coleta seletiva foi deixando de ser veiculada nos meios de comunicação. O assunto caiu no esquecimento e a prática da reciclagem passou a ser somente uma lembrança de alguma geração perdida na história do planeta. O erro na questão ecológica não foi exceção. Muitos outros, em todas as áreas, eram cometidos de forma sistemática pelos integrantes da Cúpula. É um Ministério arruinado e por isso tão caro para KÔ.

Unu remói a sua raiva silenciosa gerada por esse caos. Isso o deixa sem controle de si. Em seus pesadelos, ora se vê arrumando tapetes com franjas enroladas, ora notando as vírgulas que faltam nos livros de sua biblioteca. E mais intrigante ainda: há momentos em que se vê como uma mulher de pequena estatura, que coloca ordem no mundo com singeleza. Esses pesa-

delos intensificaram-se, presume Unu, quando os comprimidos de adrenalina desapareceram. Nem a elite de Tintus tem mais acesso a essa droga: um neurotransmissor sintetizado em laboratórios que promete à população emoção e bem-estar, sem a necessidade dos ultrapassados exercícios físicos. Mais uma estratégia para tirar das pessoas a possibilidade de controle sobre sua saúde. Unu volta a pensar nos sonhos e se questiona em voz alta:

— Uma mulher? Logo eu, celibatário por opção! Um desvio de conduta inaceitável!

O Ministro do Controle dos Padrões tem fama de furioso e organizadíssimo. Isso faz com que seus colaboradores diretos tenham sua simples presença no ambiente. Os corredores estreitos do Ministério são limpos e arrumados a todo instante para nada estar fora de seu lugar de origem.

Quando a sua magra figura caminha como soldado de chumbo pelo silencioso edifício de seu Ministério, é comum que Unu não encontre uma viva alma em seu caminho. Como ratos, seus servidores se escondem para não serem triturados pelos olhos vermelhos e raivosos de seu chefe.

Unu chega ao último andar da torre do QG, onde haverá a reunião. Algum membro da Cúpula havia manipulado o horário, a fim de levar vantagem ao lado do General, e fala consigo mesmo:

— Isso não irá ficar assim! Quando eu apresentar o plano da inteligência artificial, vou sugerir enfaticamente que robôs com características

humanoides ocupem alguns assentos do Ministério. Sou eu que decido quem fica e quem vai. Consta no Manual das Boas Condutas, artigos 23.2: “Os itens que apresentarem defeitos devem ser descartados imediatamente e substituídos por novos.”

*Ravk,  
Ministro de Culturas  
Implantadas*

A escuridão do quarto de Ravk não revela as horas. O ambiente negro é invadido por uma réstia cinza, vinda de alguma janela inadvertidamente aberta e esquecida – uma luz que nem mesmo a cortina, prometendo escuridão total, conseguiu impedir.

A contragosto, ele abre um dos olhos. A vida é um sofrimento que o desafia diariamente. Acordar essa alma adormecida pela dor de simplesmente existir é algo que o atormenta. Lentamente, abre o outro olho, acostumando-se à penumbra. Lembra-se de algum compromisso importante e se questiona, mesmo tomado por uma terrível preguiça:

— Qual é mesmo?

Olha para o lado. A mesinha de cabeceira está coberta por caixas vazias de remédios. Num raro momento de lucidez, pergunta-se se realmente tomou tudo aquilo. Percorre a mente em busca do tal compromisso. Poderia ter anotado em um papel. Tateia o chão à procura de uma agenda, um caderno

ou uma folha solta. Sua mão só encontra um resto de alimento. Pela textura, parece ter sido um pedaço de pizza, um dia desses.

Letargicamente, seus sentidos começam a despertar. Apura o olfato. O quarto cheira a metano. Sente a barriga dilatada, cheia de gases. O fedor que empestia o ambiente é produto da fermentação constante que ocorre no interior de seu corpo. A batalha digestiva decorre da dieta morta a que se submete: comidas vindas diretamente da linha de produção, bichos nascidos e criados para serem consumidos em curto espaço de tempo, bebidas industrializadas, gaseificadas e adoçadas artificialmente.

Ravk sabe a fórmula de cor: produtos que alimentam o mercado da doença e complexos farmacêuticos fundados para suprir os corpos que se deterioram pela indústria alimentícia. Muitas dessas grandes organizações de Tintus compartilham o mesmo corpo associativo – a maioria, criada por Ravk. Ele transformou esse círculo vicioso em uma compulsão, uma forma que as pessoas adotaram para preencher os vazios da alma. O mecanismo psicológico por trás disso se baseia na justificativa: “Se não posso ser feliz, dou-me o direito de compensar comendo e bebendo e, se necessário, tomando remédio.”

Ravk olha para a parede amarelada sob a luz inerte do quarto. Tenta encontrar ali ainda um resto de sono, mas o sentimento de ter algum compromisso continua perseguindo-o. Vira para o outro canto, sem conseguir dormir. Pensamentos vêm à sua mente e ele começa a falar em voz alta, para si:

— Será que está quente lá fora? Não gosto de suar, fico deselegante.

O colchão da cama está tépido, muito quente. Lembra-se de ter assistido a uma palestra de autoajuda. O terapeuta, com cara de quem sabe tudo, deu dicas de como as pessoas podem encontrar conforto em meio a cobertas quentes. Mas para Ravk isso nunca fará sentido. Desencanou e foi direto ao que está assombrando e agonizando seu íntimo: a solidão, companheira cruel que bate em sua cara a todo instante.

Como foi possível ele chegar a essa situação? Tempos atrás, amava a arte, tinha vida social e muitos amigos. De repente, todos sumiram. Casaram-se, deram forma a suas vidas. E ele ficou. Às vezes, num instante lúcido, tem clareza de ele próprio ter se excluído. Carrega o sentimento confuso da inveja de vidas que não eram suas, mas que se fossem dariam muito trabalho para serem cultivadas. Quadro típico de depressão. Acredita que esse seu vazio só pode ser preenchido por outra pessoa. E tudo isso o levou a aquele quarto escuro que é a sua vida, sem esperança. Um sentimento de vingança invade seu coração: o que ele quer é evitar que as pessoas fiquem felizes, o que é possível com seu cargo no Ministério. Seus olhos estão escuros, sem brilho.

Esses pensamentos vão e vêm, como um mar revolto, ora se afogando em seu âmago, ora emergindo em sua mente. Ravk gosta do entorpecimento dos remédios, que o impedem, temporariamente, de entrar em contato com tanta dor. A acetilcolina é o seu preferido, assim como para Uan e Nivk, mas já

não se fabrica em Tintus. Nesses questionamentos e viagens mentais, ele volta a adormecer por alguns instantes. De repente, acorda assustado. A figura de KÔ aparece em seu interior devastado.

— A reunião da Cúpula! Esse é o compromisso!

Fala ao mesmo tempo que salta da cama. O coração acelera, parece sair do peito. Seus olhos, acostumados à penumbra, vislumbram as roupas que ele normalmente usa quando tem compromisso. Ele chega à pia do banheiro para lavar o rosto. Olha para o espelho e diz:

— Como meus olhos estão opacos!

Nota que as bolsas embaixo dos olhos estão mais arroxeadas e as bochechas, mais côncavas. Fora isso, era ele mesmo.

O tema da convocatória vem aos poucos à lembrança de Ravk. Lembra de alguns relatórios sobre o planeta Terra, que será o assunto central da reunião. Aquela gente de lá ainda encontra alegria em dias de sol. Uma sombra invejosa passou por seus olhos. Ele mira no espelho e promete àquela figura triste: se ele não pode ser feliz, ninguém mais será. Bate a porta de sua casa com a alma renovada. E sai apressado, rumo ao prédio cinzento do QG da Cúpula.

# 10

## *Pês, o Magnífico, Ministro e Marqueteiro*

Faltam poucas quadras para Pês chegar ao enorme portão de aço blindado que protege a arquitetura industrialista do QG da Cúpula, também conhecido por Palácio de Metal.

Mesmo sem manutenção e notoriamente decadente, a enorme edificação impõe respeito a quem passa próximo, devido às lendas que cercam o que acontece por trás de seus muros. Uma propaganda eficaz ajuda a manter as pessoas afastadas do prédio e a conter qualquer tentativa de invasão.

Todo o Sistema dominante é estruturado para manter as coisas como estão. Escolas formam mão de obra barata, rapidamente absorvida pelo mercado. A política de saúde não privilegia as pessoas com deficiência ou doenças, sejam elas físicas ou mentais, pois além de não servirem à máquina que sustenta o Estado, ainda custam muito aos cofres públicos. O Sistema é o deus criado pela Cúpula. Somente por meio dele pode-se manter um



padrão de vida que valha a pena. A desesperança é trocada pelo ter. Consumir é o que liga as pessoas a uma falsa entidade superior. Nos cultos aos quais o povo se entrega, quanto mais dinheiro doado, mais o paraíso fica próximo. Os fiéis de casta mais baixa dedicam a vida inteira para conseguirem alguma posição diferenciada. Sentem-se honrados em servir alguém de uma casta superior, como se o sucesso fosse algo contagioso.

Para antagonizar entre o bem e o mal, o Sistema se opõe à subjetividade. O que não é palpável não é reconhecido como verdadeiro e não existe de fato, sendo até ridicularizado. Quem acredita em espírito e, consequentemente, na subjetividade, não sabe o que é matéria. E, sem a matéria, nada existe.

Porém, há uma pequena parcela da população, os abstratus, que tentam trazer um pouco de luz, uma alternativa ao Sistema de crenças apregoadado pela maioria esmagadora. É um trabalho árduo. Os abstratus sabem que o verdadeiro inimigo não tem chifre e nem rabo, mas se esconde mascarado na obviedade do Sistema. Há um pacto entre governo, indústrias e mídia, que criam narrativas para adormecer, entorpecer e distrair as mentes das pessoas para que suas realidades se tornem mais leves.

São tempos difíceis, e os nadaverianos, aos poucos, vêm ganhando consciência de que pode existir uma vida além dessa que por gerações os fazem acreditar ser a única. Mas o Sistema é forte. A maioria da população ainda

vive para defender a ideologia dominante. Mais do que isso, ela batalha para se sobressair, ganhar status e se aproximar dos poderosos. É isso o que Pês faz de melhor: iludir a população. Ravk já o ajudou em um projeto. Os dois Ministros fizeram uma campanha intensa nas telas de ver, divulgando a descoberta das indústrias farmacêuticas de comprimidos que levam a uma alegria suprema, entorpecendo muitas pessoas que começaram a questionar o status quo.

Pês foi um superstar do rock. Também era escritor, fazia geleias, abria cartas de tarô e tinha um programa de entretenimento no canal estatal, de conteúdo desprezível e cafona, mas que prendia a atenção dos nadaverianos. O Magnífico, como também é chamado, caiu no gosto popular e continua sendo uma notoriedade por onde passa. Sua personalidade jovial e alegre faz as pessoas esquecerem que a realidade tem de ser analisada com profundidade.

A caminho do QG, Pês olha sua imagem refletida nas poças de água e, tomado pela vaidade, comenta sozinho:

— Como não reparar num ser tão perfeito?

A autoimagem engana na maioria das vezes. É verdade que seu corpo, ainda esguio e não muito musculoso, está sempre coberto com roupas coloridas e excêntricas para os padrões recolhidos das vestes dos outros Ministros. Os cabelos compridos e ralos são resquícios dos tempos de superstar.

Gosta de pintá-los com tintas berrantes, o que dá a ele um caráter único. As plásticas que formaram seu rosto ao gosto das multidões ainda dão sinais de firmeza e o deixam com um sorriso permanente.

— Sou lindo, muito lindo! — diz a si mesmo.

É seu maior fã. A certeza de seus inúmeros dotes o faz crer que é bom em tudo e que aprende rápido. Narcisista, tem o poder da lábia, o que facilita para entrar em qualquer grupo social.

Sua maneira superficial de ser é um dos motivos das desavenças constantes com Nivk, que julga que é necessário se trancar em bibliotecas para adquirir conhecimentos. *Isso é para ele, e não para mim, que possuo uma inteligência rara.* Ele se gaba até em pensamento, enquanto caminha. Está seguro. Acredita que leva com ele a solução. KÔ ficará impressionado. Será o momento de uma nova ascensão de Pês. E Nivk terá que concordar que nem sempre os bem-nascidos precisam ralar para conquistar as coisas.

Assim, perdido em sua possibilidade de sucesso, chega em frente aos portões do QG ao mesmo tempo que Unu. Portões que, mesmo tão grandes, não parecem suportar o ego enorme desses dois Ministros, tão diferentes e complementares entre si. Entram no prédio e sobem juntos ao último andar para a reunião.

# 11

## *Sês e Seslam, Ministros da Polícia Secreta*

Para a reunião ficar completa, faltam os dois comandantes da Polícia Secreta, Sês e Seslam.

Por questão de segurança, eles são os últimos a chegar nos eventos. Na paranoia dos irmãos gêmeos, sempre há alguém tentando contra a vida deles. Andam somente na penumbra por insistência de Sês, a irmã, conhecida pelas suas profecias e pela capacidade de prever catástrofes. O medo descontrolado a domina e faz dela uma figura patética, branca e esquelética. É caolha do olho esquerdo. Esse problema na vista não teria acontecido se ela tivesse seguido à risca o que via em seus sonhos premonitórios. Mas isso é outra história.

Seslam também é impactado pelo medo, porém, diferentemente de Sês, ele enfrenta e combate esse sentimento. É um ser adrenalínico, pronto para a defesa. Por isso, é quem faz a escolta de KÔ, agora em suas cada vez mais

raras aparições públicas. Ao contrário da irmã, Seslam é caolho do lado direito.

Os dois são inseparáveis e se complementam. São muito eficientes em seus cargos de chefia. Sês tem a visão e profetiza o que pode acontecer; Seslam tem a coragem de enfrentar qualquer medo e combater. Essa parceria tem uma enorme vantagem: conseguem enxergar o que está por vir, estudar a situação e avaliar se vale a pena ou não entrar na briga.

Porém, compartilham uma visão em comum: a de que juntos formam uma figura etérea, radiante como o sol. E essa conexão é tão profunda que preferem preservá-la de qualquer exame detalhado ou reflexão crítica, talvez por medo de desmanchar o encanto e pelo desejo que os impulsiona a existir juntos — um desejo que se tornou a essência da sua relação. Sês e Seslam estão chegando à reunião com a noite, perfeitamente disfarçados. Trazem com eles a informação de que o terceiro escalão da Polícia Secreta está debruçado na investigação de supostos focos de insurgentes, o que é essencial para medir o tempo. O tempo que o alto escalão tem para sair ileso de uma enorme revolta popular.

# 12

## *Irt, Ministro da Comunicação*

Os fundos do QG dão para um muro muito alto. Conta-se que inúmeros insurgentes corajosos foram levados a interrogatório para esse local e não voltaram com vida. Nessa muralha de blocos de pedras pesadíssimas, mora uma passagem secreta, conhecida apenas por KÔ e seu Ministro de Comunicação.

Irt esperou a entrada de todos os Ministros no prédio, mas não subiu à sala de reunião. Encontra-se na passagem secreta, à espera do General. A estratégia é primeiro encontrar KÔ e receber os elogios pelo excelente pronunciamento daquela tarde, nas telas de ver. E, principalmente, passar as informações obtidas junto a uma pessoa infiltrada no Sistema de Ilícitudes. Segundo esse agente disfarçado, os opositores corromperam um velho amigo de KÔ, que contou tudo o que sabia a eles quando ocupou os principais cargos do Governo Central durante os mais de 50 tempos, encobrendo por todo esse tempo os malfeitos da Cúpula.

Irt não é alto, mas seu corpo pequeno guarda músculos de atleta. Com a falta de endorfina no mercado negro, recorre a treinos físicos intensos, a fim de que seu organismo produza a droga da qual é dependente. Dos Ministros, é o mais despojado, talvez por ser da área de Comunicação. Quando não está à mesa com os demais integrantes, não veste terno. Usa camisa de manga comprida, dobrada três vezes, e a deixa sempre aberta, na altura do peito, tentando atribuir um lado sexy à sua imagem.

Junto à gola, há largas correntes de ouro, mostrando riquezas que a grande maioria do povo nem pensa existir. Elas pesam no pescoço, mas mesmo assim Irt mantém a cabeça estável. O olhar sempre para cima e seu nariz empinado dão a ele o ar da vitória. É assim que se sente: como se estivesse numa competição permanente, em que só ele vence, nem que para isso tenha que passar por cima de alguns. *Somente os vencedores podem reescrever a história, pensa. E eu vou reescrever a história de Tintus.*

O fato é que a personalidade confiante de Irt sempre o destacou nas festas e aparições públicas, momentos primordiais para reforçar a ideologia do governo. KÔ, ele e Pês possuíam uma sinergia singular, levando a se auto-proclamarem Senhores dos Negócios. Isso até Pês sucumbir e se apaixonar por si, afastando-se dos dois. Agora, a liga entre KÔ e Irt está ainda mais resistente às amarguras da situação.

Como Ministro de Comunicação, e fazendo jus ao conteúdo do seu livro,

onde ensina que se deve repetir uma mentira incessantemente até que ela se torne verdade para a maioria, o propósito é manter o Sistema. Como dizia seu General para ele, o Sistema tem de estar acima de qualquer outro interesse. Inclusive os deles. Irt acha isso um pouco demais. Afinal, primeiro eu, depois eu mesmo. Essa é sua convicção de vida, a linha mestra que segue desde sempre.

Irt ainda aguarda KÔ, ao lado do muro altíssimo de pedra, onde bem perto há uma espécie de sala pequena, com um grosso vidro à prova de bala em uma das paredes; suspeita-se que esse lugar seja usado por alguns para assistir às execuções dos corajosos nadaverianos insurgentes. O Ministro usa esse vidro blindado como espelho para acertar os cabelos cheios de brilhan-tina. Passa a mão pelo lado direito, ajeitando um fio rebelde. Vê um ser com olhos vivos e bondosos. Este bem que poderia ser ele, mas não é.



KÔ dá passos largos e circulares por cima de uma pele desgastada do que um dia foi um belo urso branco, o último de sua espécie a habitar o planeta.

O General sabe que é um momento crucial para a manutenção ou não do Sistema. Encontra-se vulnerável, sem controle da situação, apesar dos esforços para compreender o que tinha dado errado nestes milênios de trabalho de manipulação das massas, realizado por centenas de gerações, que levantaram pedra por pedra esta enorme construção de crença coletiva que sustenta o Sistema. Se o povo nadaveriano começasse a pensar ou conceber que um mundo novo pode ser construído em segundos, seria o... fim!

Esse controle que ele antes tinha está escapando de suas mãos. Precisa mais do que nunca de seus Ministros. Mas eles não podem sequer imaginar que KÔ está vulnerável e não é dono da situação. Tudo tem que ser bem medido. Agora se faz necessário o trabalho de todos os Ministros, mas sem que

se unam muito. É o famoso jargão: somos melhores sozinhos do que todos juntos. Trata-se de uma estratégia calculada para evitar um possível motim. Dividir para governar. Mas a hora é de mudar um pouco esse subterfúgio. Agora, KÔ precisa de todos juntos. E assim articula uma armadilha que irá lhe devolver o controle da situação. Ele irá dar um falso protagonismo aos Ministros ao mesmo tempo que os torna indefesos. *Que tal relaxá-los um pouco?*, pensa.

KÔ caminha em direção à sua adega particular para fazer um breve inventário do que ainda possui. Ali, é seu quarto secreto de prazeres. Pega a chave de seu bolso e se dirige para a escada circular, que liga os aposentos aos calabouços, onde muitos insurgentes também encontraram o fim da linha. O ar é insalubrememente frio. Habilmente, ele coloca a chave num orifício secreto. Gira e ouve um “clique”, que faz a porta se abrir relaxadamente. Nas inúmeras prateleiras, amontoam-se lembranças de tempos áureos: bebidas, latas de caviar, escargot, patê de foie gras, objetos sexuais, fotos de antigas orgias; em uma delas, Ud sorri para ele. *Era tão jovem e bonita. O tempo foi cruel com ela*, pensa. Percorre um pouco mais seu olhar e, no canto alto e mais escuro, nota uma fileira de frascos empoeirados. Imagina o que deve ser. KÔ lê os rótulos e sorri. É o que ele precisa.

O General sobe as escadas, rumo aos aposentos, com confiança. Quem sabe ele consiga fazer os Ministros trabalharem juntos. Assim, todos os integrantes da Cúpula terão a chance de retardar a partida de Tintus.

Ao pisar no último degrau da escada, KÔ vê Irt em seu escritório, sentado em sua poltrona de reflexões, justamente onde se inspira para o comando. Não gosta nada daquilo, mas resolve não comentar, pois agora precisa de aliados. Irt levanta de imediato e, sem graça, bate os pés em continência.

— Aquele que te admira te saúda, Comandante supremo!

— Olá, meu querido. Sua aparição hoje na TV estatal foi excelente! O presidente da Associação de Empresas de Inúteis e Supérflis me ligou para contar que as vendas aumentaram nos 20 pequenos ciclos depois de sua fala, comparadas ao mesmo período no ano passado. Um índice histórico desde que começaram as medições.

— Obrigado, Comandante, faço o que posso para manter o Sistema. Pensei em algumas campanhas para estimular o consumo e também planos para aumentar a lista de produtos com obsolescência programada. Nossos analistas calculam que, com essas medidas, podemos aumentar as vendas em 73%.

— Mas isso aumentaria os custos da taxa de lixo, Irt. E você sabe que o tempo não é para aumento de impostos.

— KÔ, esqueça a destinação adequada. Temos algumas áreas ainda disponíveis naquele planeta que usamos para armazenar nosso lixo. Acabei de averiguar. E ninguém se preocupa para onde vai o que se joga fora.

— Vamos resolver após a reunião de hoje. Precisamos que, pela primeira vez, os Ministros trabalhem em conjunto. Temos que executar

muitas ações em conjunto para podermos esticar nossa estada aqui. Conseguimos a muito custo nossos cargos e status para sermos meros coadjuvantes na Terra. E é para lá que embarcaremos caso não consigamos nossos objetivos. É o mais parecido com o nosso planeta.

— Li o relatório sobre ele. Parece que ainda há alguns estoques de matéria-prima, embora já tenham usado mais do que a natureza pode repor. Mas isso é um detalhe.

— Grande parte da população na Terra já serve ao Sistema, ainda sem saber. Isso é um ponto a nosso favor, caso tenhamos que importar alguns programas que já usamos aqui. Como o da vacinação em massa para conter algum vírus, que Nivk criou em seus laboratórios.

Irt, disfarçando sua satisfação com aparente serenidade de KÔ, não perde a oportunidade de falar:

— Essa campanha foi o máximo, devo confessar. Minha ideia, é claro! Ela surgiu quando o presidente das Indústrias Químicas S.A. me procurou com uma nova vacina ainda sem utilidade. E você sabe a quantia de lardos<sup>4</sup> que são investidos nestas pesquisas, para justificar o lucro que vai haver? Então, logo pensei: se não há doença, inventamos uma.

— Isso foi ótimo, Irt. Mas você foi além. Vacinou a população com mais de 60 séries<sup>5</sup>. O vírus inoculado diminui as defesas naturais do organismo. Apenas uma ajudinha no andamento dos processos de nascimento e morte. Depois, você fez a campanha de vacinação para as jovens nadaverianas, tornando-as inférteis e evitando que a população aumentasse

com a escassez.

— As campanhas continuam, General – diz, rindo. Tenho uma excelente para lançar em breve para as futuras mães.

— Só tome cuidado para não acabar com um monte de peças velhas. Precisamos de jovens trabalhadores para manter a máquina do Sistema. Trabalhadores são sempre consumidores. Estas peças desgastadas ainda sorvem cada lardo que pagaram para a sua aposentadoria.

— Consumidores são meu objeto de inspiração. Trabalho para eles, por eles e por mim. E, claro, para o bem do Sistema.

Irt esconde o sorriso mascarando uma seriedade e continua a falar:

— Mas lembre-se de que essas peças velhas recebem aposentadoria. Em breve, colocaremos mais um vídeo nas telas de ver públicas. É um documentário fictício para o aniversário do Sistema. Nele, narramos os feitos históricos dos primeiros nadaverianos, passando pelas grandes descobertas de nossa civilização: da pólvora à energia atômica, das drogas lisérgicas que inspiraram nossos antepassados a colonizar planetas à falsa descoberta de que tudo provém da matéria, inclusive a energia. Assim, poderemos fortalecer e aprofundar a crença no Sistema. Conseguimos um investimento das Empresas Armamentistas S.A. para o desfile de nosso poderio militar: armas que, mesmo não tão modernas, causam impacto. São mísseis de curto e longo alcance, ogivas nucleares e...

*Irt tem mania de desembestar a falar, pensa KÔ, mas como precisa dele na*

reunião, o General dá corda. Porém, a situação é alarmante e exige uma ação urgente. Tira de seu bolso os frascos encontrados na adega e os coloca em cima da mesa de pedra de seu escritório, bem em frente aos olhos de Irt. Curioso, ele abaixa o rosto para ler os rótulos. Sorri entusiasmado, ao compreender do que se trata.

— Comandante, onde conseguiu essas relíquias? Nossas drogas íntimas. Tenho suado, literalmente, para conseguir a minha. E estufou os ombros para mostrar o peitoral malhado.

— Sim, Irt, são nossas drogas íntimas. Onde consegui não interessa. O que interessa é que temos como relaxar nessa reunião. Todo mundo vai ficar à vontade e com a língua solta. As ideias de cada um irão fluir e, sem que eles percebam, podemos uni-los em ações significativas para nos mantermos em Tintus por mais um tempo. Mandei preparar o quarto de banho. Faremos uma festa, como antigamente.

Percebendo o movimento de KÔ de querer sair da sala, Irt enxuga a baba que escorre pelo canto da boca, engole a saliva que se acumulou, na expectativa do que vinha por aí. E corre atrás do comandante a passos acelerados, a ponto de quase o atropelar no caminho até a sala de reunião.

A leveza de Irt dura até chegar ao destino. Ao entrar, sente como se carregasse uma bigorna nos ombros. A luz amarela piscante dá um ar nostálgico à cena deprimente. Como numa foto antiga do ginásio, vê cada membro da cúpula ocupando seu assento de costume, com ar de colegial que acaba

de infringir uma regra, e que o Diretor pega no ato. O Diretor, no caso, é KÔ. A vibração do Comandante é avassaladora. Essa presença de poder amedronta e coloca qualquer um em posição subalterna. Irt é fascinado por esse dom de KÔ. E não entende como aquelas velhas criaturas, já no meio de suas vidas, com toda bagagem de perversidade, podem parecer tão frágeis como naquele momento. Olhos assustados e bocas abertas, desejando um afago, uma palavra de estímulo ou algumas migalhas de reconhecimento. São dependentes do pai, mesmo que este seja um carrasco.

KÔ sabe de seu magnetismo e o usa a seu favor. Na ponta da mesa, feita de um tronco grosso de árvore, a última da Grande Floresta de Tintus, ele olha ao seu redor e emite aquele som da garganta quando se quer chamar a atenção. Atordoados, os Ministros levantam ao mesmo tempo, derubando os assentos. A única que ficou sentada, claro, foi Uan, que permanece na cadeira de rodas. O General levanta o braço esquerdo em cumprimento e fala:

— Saudações, ó, Sistema! Divindade fria e perfeita que rege nosso destino! Diante de ti, nos curvamos, pois és tu quem dita o valor de nossa existência. És ordem e cálculo, és lógica pura e teu sopro alimenta as engrenagens de Tintus. E a ti, Lardo, deus absoluto, invisível e onipresente, ofereço meu trono e minha fé. És tu a mola propulsora da ambição, o sangue que corre nas veias do Sistema. Sem ti, não há poder, não há propósito, não há futuro.

A esta secular saudação, os Ministros respondem. Em uníssono, eles entoam

a saudação, que alimenta o ego enorme de KÔ:

— Ave, ó grande General, voz da vontade do Sistema e servo fiel do deus Lardo! Nós, teus súditos leais, entregamos nossas mentes e nossos esforços à engrenagem sagrada que tudo vê, tudo calcula, tudo recompensa. Reconhecemos no Sistema a Ordem suprema, e no Lardo, a peça que move o mundo!

KÔ agradece e ordena:

— Podem se sentar.

Como alunos obedientes, um novo rumor de cadeiras se seguiu e todos se sentaram. O Comandante é quase dependente dessa servidão. A fraqueza que os Ministros demonstram alimenta e excita KÔ. O General ama oprimir com excesso de força. É uma relação de troca: de um lado, existem os oprimidos e, do outro, os opressores; mas os subalternos sabem que aquela rocha viva os protege e os guarda de qualquer tempestade. Nisso, o General era equânime. Derrama sobre todos a luxúria que tanto saboreia e protege aqueles que adotou como seus. É um momento decisivo, talvez o mais frágil que qualquer um deles tenha vivido. Um instante em que nem mesmo uma mosca ousa se manifestar. Catatônicos, os Ministros aguardam o início da fala de KÔ, embora já saibam que as notícias são terríveis.

KÔ sabe que sua fala tem o peso da convicção e, como uma personagem histórica, ciente da impressão que causa e da conjuntura em que se encontra, prepara do fundo do seu âmago a entonação certa para causar o



impacto de que precisa.

— Companheiros, durante declânios<sup>6</sup> construímos o Sistema de crenças no qual se lastreia nossa sociedade. Nossos antecessores, no caso nossos pais e avós, colocaram as bases de uma ideia preconcebida do mundo e das coisas, rochas firmemente consolidadas pela manipulação das opiniões, no controle das mentes e, conseqüentemente, da massa. Nós entramos aqui de cabelos escuros e hoje temos as cabeças brancas. Perpetuar-se no poder é uma vitória e um desafio. Pela incompetência desta geração, nossos antepassados devem estar se revirando em seus túmulos. Não conseguimos avançar e nos reinventar. Vocês perderam a guerra para o esgotamento de nossas reservas. Por anos, vocês criaram estratégias para conter o crescimento da população: descaso com a saúde pública, campanhas de vacinação que tornaram uma grande parcela de nossas mulheres inférteis, a falta de destinação adequada do lixo de nossas cidades, descuido com nossa água, entre outras providências tomadas pelos senhores, não foram suficientes para diminuir significativamente a população. Por isso, nossos recursos acabaram.

A voz de KÔ reverbera nos quatro cantos da sala:

— Caímos na cilada que criamos, acreditamos que a ciência nos daria respostas à altura de nossos problemas.

Seu olhar percorre todos os ouvintes e pousa em Nivk. O Ministro das Ciências a Qualquer Custo sente o sangue subir e incendiar seu rosto. A plateia continua calada, mas aliviada. Não é este tipo de atenção que os Ministros buscam. Nivk respira fundo e se esforça para que sua voz saia tranquila.

---

<sup>6</sup>Cada declânio corresponde a dez anos no tempo da Terra.

Mas o que se ouve é um gaguejar. Ele limpa a garganta e tenta novamente. A voz saiu tímida, muito baixa. Todos se esforçam para escutá-lo.

— Se me permite um aparte, Comandante, essa conta não fecha. Vossa Generalidade tem toda razão quando diz que estamos com nossos recursos zerados. Por declânios, usamos muito mais matérias-primas do que os estoques disponíveis. Pense no estoque como um banco; estaríamos sempre a sacar um lardo que não temos. Para equilibrar as coisas, tentamos, com certo êxito, diminuir sistematicamente a população que consome tais recursos. Conseguimos sucesso em muitas áreas. Mas o preço disso foi também a redução drástica do número de contribuintes ativos para manter o Sistema. E, dessa forma, chegamos a essa situação complicadíssima. Meu Ministério, se permite dizer, sempre respondeu eficientemente para alguns impasses. Meu General há de concordar que não podíamos prever o imaginável. Como saber, por exemplo, que a extinção de uma única espécie poderia desencadear uma extinção em massa. Como o efeito dominó, em que apenas um peteleco em uma peça coloca todas abaixo. Não vivemos tanto assim para termos base científica para prever essas coisas. Sinto muito, mas não avancei nas minhas pesquisas que me possibilitaram viver para ver o que acontece ao longo do tempo com toda essa teia interconectada de vida. Por isso, o senhor tem que me apoiar no que já existe empiricamente, afinal, sou um cientista.

— Não me importa o que você acha que é, Nivk! Desculpas esfarapadas não me interessam. Não me interrompa mais. Voltando às crenças...

A plateia novamente fica atônita. Quem será o próximo a ser inquirido? Uan se encolhe na cadeira e segura a respiração como se isso a fizesse desaparecer no cenário. Não adiantou, os olhos de KÔ encontram os dela.

— Seu Ministério também não deu conta de manter as crenças que implantamos meticulosamente ao longo dos anos. Você não conseguiu manter um Estado de guerra permanente, para dividir o povo. O resultado disso: o crescimento do número de insurgentes. Sabe o que isso significa, sua baleia?

A impaciência tomava conta do General, que havia jurado para si que teria calma, mas aquelas figuras pálidas e amedrontadas são um prato cheio para o seu ego inflar e explodir em várias cenas de raiva. Uan sente a cabeça rodar e o ar faltar. O coração acelerado batuca no seu peito de tal forma que todo seu corpo treme. Acha que está próxima do fim, mas precisa se defender. O que consegue sair de sua garganta é apenas um:

— Sinto muito, Comandante.

Em seu interior, Uan acredita que Sês e Seslam são tão culpados quanto ela. A incumbência de manter os níveis de repúdio entre os grupos que se rebelam ao Sistema é de Seslam, e uma de suas atribuições é de contratar pessoas para se infiltrarem nesses movimentos e insuflarem o ódio entre os integrantes, a ponto de eles acharem que o inimigo não é o Estado, mas o nadaveriano que está ao seu lado.

KÔ parece ler a mente de Uan, pois acaba direcionando o olhar para os

dois irmãos. Movimento acompanhado pelos demais Ministros. Sês se enfia nas costas do gêmeo. Seslam toma a iniciativa e fala pelos dois.

— Fizemos como sempre. Nas últimas manifestações contra Vossa Senhoria, colocamos agentes infiltrados junto aos rebeldes. Ao que parece, uma certa inteligência começa a surgir no inconsciente coletivo. Aprofundamos nossas buscas atrás do grupo de Humis e de células dos chamados abstratus. Eles se dizem possuidores de um espírito esclarecedor. O número de adeptos está aumentando, e seus ritos têm arrebanhado jovens, dando a eles um poder que se chama fé. Aprendem também até mesmo o altruísmo e a compaixão, banidos por decreto no início deste tempo. Por isso, não fomos tão eficazes, pois lutamos contra um inimigo que não conhecemos.

KÔ inspira fundo e expira lentamente, para não descarregar ainda mais raiva em cima daqueles imbecis que não entendem a gravidade da situação.

— Não quero mais desculpas! Quero soluções!

Um incômodo toma conta do lugar. Os Ministros ficam mudos e torcem para que o momento passe o mais rápido possível. Então, KÔ fala:

— Seslam tocou no ponto-chave: a destruição de nossas crenças. Esse grupo, como se chama?

— Abstratus, General.

— Estes cultos deles é que dão esse poder. Aí está o porquê de chegarmos onde chegamos. Permitimos que esse vírus se alastrasse, destruindo como um câncer toda a estrutura que montamos e que man-

temos a duras penas. A crença na matéria, a busca do status social pelo consumismo, é uma condição ilusória para a maioria da população. Agora ambicionam algo que não temos para dar. Desejam coisas impalpáveis, fora de nosso controle. Por anos, demos aos nossos trabalhadores permissão para ter o suficiente para querer viver e deixá-los viver para querer ter. Uma sofisticada equação que deu certo por declínios. Porém, a esperança voltou e pessoas esperançosas não são atingidas pelo Sistema. Vocês compreendem aonde isso nos leva?

O General, tomado pela raiva, emite sua voz em um nível altíssimo. Ele não percebe, mas está gritando com os fantoches de ministros à sua frente:

— Eu, o grande KÔ, serei um mero líder de alguma S.A. da Terra ou um megaempresário de uma transnacional qualquer. Vocês sabem o que isso significa? Que a incompetência de vocês me fará perder todas as regalias que tenho neste planeta. Mas não estou sozinho, vocês terão que me servir nesta nossa nova morada.

Depois de uma gargalhada nervosa e assustadora, o General volta a falar com uma voz mais relaxada. Os Ministros acham por bem esperar até KÔ terminar o discurso para saber se o pesadelo vai acabar ou se ainda continua.

— Não vou me alongar para dizer o que já sabem. Nem chorar pelo defunto que é o nosso planeta. Pelos anos de serviços prestados, todos são meus convidados para uma última festa, uma comemoração regada ao que ainda temos no estoque. A sala de banho está pronta para relaxarmos e aproveitarmos este final. Preparei também uma pequena surpresa para cada um. Vocês vão enlouquecer.

# 14

## *Na sala de banho*

A falta de serviçais causa um certo desconforto nesta última comemoração. Ud se vira como pode para deixar os convivas confortáveis, diante da escassez de bebidas e comidas. Mas há água tépida em duas piscinas coletivas. Os quatro vidros de essência artificial de eucalipto disfarçam a má qualidade da água. As drogas íntimas foram distribuídas na entrada da festa, em copinhos individuais. Comprimidos de endorfina, adrenalina e acetilcolina.

Para KÔ, Irt e Pês, endorfina. Para Unu, Sês, Seslam e para ela mesma, adrenalina. Para Uan, Nivk e Ravk, acetilcolina. Ud tomou todo o cuidado nessa separação, *afinal*, pensava ela curiosa, *o que aconteceria se houvesse uma troca de drogas íntimas?* Mas o dever de servir bem foi maior que a vontade de ver o que aconteceria. Sabe que o comandante não é bonzinho e não dá ponto sem nó. Por detrás daquela festa, há um objetivo concreto. Ela não sabe o que é, e, na verdade, nem deseja saber.

Um enorme desejo de se relacionar com todos juntos invade o corpo de Ud. Há quanto tempo não sentia algo dentro dela, a não ser aqueles objetos inúteis, mas que, por falta de energia, já não a satisfazia. Por um momento curto, tem a esperança de sair dali realizada. *Mas esperança não é algo que se deve ter*, lembra Ud, censurando a si. *Esperança é para os tolos. Se quer seduzir os integrantes da Cúpula, faça acontecer*, afirma mentalmente. E ela estava em vantagem. A concorrência feminina é com Uan e Sês. A primeira havia abdicado de praticamente todos os sentimentos carnis. E Sês é branca e feia demais. Todos esses pensamentos deixam Ud maluca, sinal de que o comprimido que ingeriu já começa a fazer efeito. Depois de tanto tempo, a ideia é ficar muito doida. Mas seus pensamentos foram cortados por uma ordem do Generalíssimo.

— Ud, venha cá, sua piranha!

*Oh!*, pensou ela: *ele usou o meu apelido de quando éramos jovens*. Isso a fez regressar para os momentos na sala de comando, quando ele a possuía em cima da sua mesa de trabalho. Um calafrio percorre todo seu corpo.

— Estou aqui, meu General. Sou toda sua.

— Você parece uma gata no cio, Ud. Já não está com essa bola toda. Comporte-se direitinho, que talvez te dê o que você precisa. Quero que você circule e tenha a certeza de que nossos convidados estão se satisfazendo. Com essa crise de pessoal, você é a única distração. Use suas ferramentas para que estes trouxas compartilhem suas ideias.

— Sim, Comandante, depois volto para contar tudo e receber minha

recompensa. Miau! Miau!

KÔ tem vontade de gargalhar com o miado ridículo. Isso tinha sido muito sensual vindo da boca de Ud vinte anos atrás. Agora é bizarro. Os efeitos dos comprimidos podem ser apalpados no ar. As drogas potencializam os sentidos e tudo está mais intenso para os integrantes da Cúpula.

Ud vai ao banheiro e engole a última pílula de adrenalina que havia escondido no sutiã. Olha-se no espelho, empina os seios murchos e sobe a saia, mostrando uma pele franzida pela idade. Fica um pouco desconsolada, mas a essa altura da festa ninguém ia notar. Sai do banheiro com os olhos vesgos e esbugalhados. Vê Pês conversando com Irt. Ajeita os cabelos, abre um sorriso e chega próximo à piscina, onde os dois estão embalados e falam ao mesmo tempo. São praticamente monólogos. Dois egos enormes tentando contar vantagem para si, já que um não ouvia o outro. Usa como gancho uma ideia de Pês.

— Eu diminuiria a infância. Podemos usar a programação diária das telas de ver para estimular os pequenos nadaverianos a se tornarem jovens rapidamente: um pouco de sexo dissimulado e erotismo; uma vez que os hormônios começam a agir nesta fase. Basta despertá-los precocemente para os prazeres da vida adulta. Outra forma eficaz de controle são remédios com metilfenidato. Irt pode desenvolver uma campanha de comunicação para controlar a desobediência e insubordinação infantil. Essa agitação natural dos pequenos pode ser contida. Também estarão melhores na escola,



prontos a amadurecer e servir ao Sistema com sua força de trabalho. É um caminho interessante a trabalhar. Pense nisso, meu caro Irt.

Ud percebe que a conversa desperta o interesse de Irt. Ela conhece aquele ar de quem finge não estar interessado. Pegar uma ideia e transformá-la em sua é uma maestria que Irt domina. Adora esse traço canalha dele. Isso deu ideias a ela.

— Podemos desenvolver juntos e cair nas graças do nosso Comandante. O corpinho de Ud projeta-se entre eles, de modo que roça as nádegas em Pês e os seios em Irt. E vai além: finge tropeçar no salto e escorrega no colo de Irt, às gargalhadas:

— Nossa, meninos, está tão escuro aqui que tropecei. Hihihih!

Pês está bem embalado e, sentindo que pode dominar a situação, segura com as duas mãos o dorso de Ud, e começa um jogo consciente de sedução:

— Meu docinho, estou trocando ideias com o Irt. O que você acha?

— Ah, meu bonequinho azul, acho que você é deliciosamente um mau-caráter.

Bonequinho azul é o apelido que Ud usava para Pês. Com cara de inocente, ela faz um biquinho que coloca suas rugas em cima dos lábios numa careta grotesca e continua a falar:

— Eu sou só uma garota bobinha; Irt é quem sabe o que se deve

achar.

Com nojo das cenas degradantes, Irt se levanta bruscamente e sai sem explicação. Ud aproveita e envolve Pês em seus braços flácidos e coloca o nariz no meio de seu decote, esperando que dali o Ministro não saia mais.

Irt sabe que a festa é um mero pretexto para os integrantes revelarem seus projetos mais escondidos. Como o Ministro da Comunicação malha muito para seu corpo produzir a endorfina necessária, o comprimido que tomou na entrada da festa não surtiu muito efeito. Ele está praticamente normal e vai tirar vantagens desse estado lúcido para não só captar novas ideias como ordenado pelo General, mas também como as transformar em suas.

Em meio aos vapores dos quartos, Irt enxerga Uan e Nivk. Os dois já executaram muitos planos em conjunto e possuem uma conexão forte para arquitetar ações avassaladoras. Quem sabe não estão trabalhando em alguma estratégia? Como quem nada quer, sorri ao chegar. Os dois se entreolham e mudam de assunto na hora. Bem relaxados, eles cumprimentam Irt com as vozes bem arrastadas. Não tem como não notar os trajes de banho de Uan e Nivk. A primeira recebe duas toalhas pequenas, que não dão conta de cobrir o corpo obeso. O segundo está com uma toalha tão pequena que mais parece um short curto e apertado. Ambos são a imagem da decadência. O clima entre os três ministros é estranho. Irt puxa a conversa:

— O General pegou pesado com você, caro Nivk. Essa é uma situa-

ção desagradável para todos nós. Perdemos nossos postos, não é?

Nivk não engole o tom insólito, forçado e amistoso da fala de Irt. Essa conversa conciliatória não o convence. É pura estratégia, jogo combinado com KÔ. Mesmo Nivk não falando nada, Irt insiste e continua a jogar a isca:

— A verdade é que as coisas ainda não estão tão ruins assim. KÔ quis colocar um pavor para ver se alguém tem uma boa ideia do que poderemos fazer.

Mas como quem tem fama deita na cama, conforme um provérbio muito utilizado em Tintus, e como Irt tem fama de mentiroso, Nivk nem considera o que ele diz. Faz cara de paisagem para ver se ele se toca e vai contar mentiras em outra freguesia. Irt direciona o olhar para tentar ver os traços de Uan, que se encontra um pouco mais longe. Ela fingue estar adormecida em sua cadeira para não ter que tomar partido nessa conversa. Irritado, Irt vira as costas e vê Unu sozinho, sentado em um canto isolado, espirrando sem parar. *Ele deve estar com alergia*, conclui. Irt então caminha em direção a esse Ministro e chega próximo a ele com cautela.

— Meu caro Unu, o que achou do discurso do nosso Comandante? O inquerido olha Irt de cima a baixo e, depois de mais um espirro, desabafa:

— Eu já previa isso. Havia dito a KÔ dos inúmeros erros que vinham

sendo cometidos. Propus a ele substituir os integrantes do primeiro escalão, viciados no poder e relaxados em suas obrigações, por um programa de inteligência artificial que não comete erros. Porém, ele não me ouviu e agora isso: essa festa, quando ainda há trabalho a ser feito.

— Sim, Unu, é verdade. Conte-me mais sobre seu programa. KÔ é intransigente. Que ele não me ouça. Mas tenho alguma influência sobre o Comandante. Tenho certeza de que posso servir de ponte entre vocês.

— Meus técnicos criaram, por algoritmos, programas, mecanismos e dispositivos de computadores que arquivam zilhões de informações. Com base nelas, a inteligência artificial simula a capacidade do ser humano de pensar, resolver problemas, só que sem emoção e julgamento. Basta formular a pergunta certa e detalhada sobre absolutamente qualquer assunto. Em centésimos de segundos, ela esclarece as dúvidas e traz soluções de como resolver completamente o problema. Sem inconstâncias do ego, eliminam-se os erros.

— Manter o Sistema dominante é nossa maior função. Não importa se perdermos nossas credenciais e os nossos privilégios de Ministros. A afirmação que Irt acaba de ouvir de Unu é a deixa para ele cair fora da conversa e da companhia. Sai rapidamente, falando baixo, deboche:

— Só se forem as suas credenciais.

Unu continua ruminando seu tresloucado programa de inteligência, só que agora sozinho. Cada vez mais distante deste Ministro, Irt continua indignado: *ninguém em sã consciência naquela Cúpula irá aceitar perder os pri-*

*vilégios em Tintus. E nem na Terra. Aliás, quem sabe lá eu possa até me sair melhor? Conquistar o mais alto posto, o de Comandante?, pensa.*

A vaidade toma conta do seu interior. Ele sorri com essa possibilidade e percebe que a jogada certa a se fazer é a de sair quanto antes do inóspito e fracassado planeta, pois Tintus já não tem mais nada a oferecer, a não ser a ilusão de sucesso. Ele fará tudo para que daquela festa não saia uma única sugestão. Irt, com firmeza, decreta para si:

— Terra, aí vou eu!

# 15

## *Na periferia de uma das milhares de cidades de Tintus*

Regina Fiestro é filha única de uma típica família nadaveriana de casta média. Ela nasceu com a imposição dos critérios de contenção da população pela Cúpula Heghuânica, limitando apenas uma criança por família.

Frequentou a escola infantil. Estudou por 20 séries. Formou-se e começou a trabalhar, não naquilo que queria, nem pelo que estudou, mas no que tinha de oportunidade.

São tempos difíceis, sua família havia sido mais abastada. Na verdade, fizeram parte de uma pequena e cada vez menor parcela da população que frequentava a sociedade de Tintus. Chegaram a ter todos inúteis e supérfluis anunciados nas telas de ver. Para cada nova aquisição, sua mãe dava uma festa, chamando as amigas para um chá ou, dependendo do que havia adquirido, o seu pai ampliava a comemoração, convidando os colegas de firma, e até seu chefe dava o ar da graça.

Regina sempre enfrentou as autoridades e as questionava sobre o Sistema, acolhido como normal pela maioria das pessoas comuns. Foi assim desde pequena. Sua mãe era sempre chamada nas escolas em que a filha estudava, pois ela não seguia o ritmo das aulas nem respeitava as autoridades dos que comandavam a unidade educacional.

Fiestro só conseguiu equilibrar seus ímpetos rebeldes na juventude, quando conheceu a filosofia dos abstratus. Isso deu novo sentido à sua vida e um conhecimento profundo dos porquês do seu interior indomável e dos seus valores inegociáveis. Ela passou a ver e entender o que a grande maioria não enxerga e nem compreende sobre o Sistema e seus mecanismos de controle da massa. Essa comunidade da qual começou a fazer parte também preencheu uma lacuna que ela tanto sentia falta: ter uma vida social. Tempos depois, a jovem soube que os abstratus são ligados à Resistência Tintusiana, da qual Humis é uma das lideranças.

Regina olha o relógio da sala de sua casa. Está esperando a sirene tocar três vezes para poder sair e caminhar em direção à fila das pílulas de alimento e das duas garrafas de água. Mas seus pensamentos fixam-se na reunião com os abstratus no dia anterior, muito alarmante. O mar está recuando em todas as cidades litorâneas do planeta, e essa informação importantíssima não aparece na programação das telas de ver estatal. Para onde está indo toda aquela água? Está formando uma onda gigantesca para, quem sabe, varrer o que restava dos municípios? Apesar de as faixas de areia das praias

estarem cada vez mais largas, ninguém enxerga a realidade. *Os métodos usados pelo Sistema entorpecem os sentidos e colocam venda nos olhos da população*, conclui ela.

A primeira sirene toca. Ela estremece e respira fundo. Vem a segunda sirene, que ecoa em sua mente, e a terceira, que toca no íntimo de seu coração. Regina já não aguenta mais toda a farsa e a vida de trevas que vive. Uma enorme tristeza transborda em seus olhos, deixando-os úmidos. E o desespero da situação a faz levantar do sofá num salto, abrir a porta e sair.

A fila é longa. Os rostos cansados e pálidos das pessoas que estão à sua frente acendem nela o fogo da compaixão. Os abstratus ensinam que essa chama brota do íntimo dos que compreendem o sofrimento alheio. E, por entenderem, colocam os interesses do próximo acima dos seus. É o que Regina está sentido: um leve aquecimento percorre o seu ser e lhe dá a lucidez de que ela é mais que corpo. E que esta plenitude que está vivenciando é um local mais profundo; começa a entender o que é alma. Tem quase certeza de que se trata de outra dimensão da sua existência. A sensação a preenche de tal forma que ela olha para trás e vê a imensa fila que se formou. Sem pensar, oferece seu lugar a quem está atrás dela e vai para a última posição. Essa atitude provoca um burburinho e causa espanto em todas as pessoas presentes; algumas sorriem para ela, confirmando com convicção que é o certo a se fazer.

É fim de tarde quando chega a sua vez de receber as pílulas e os galões de



água. Ela para em frente ao guichê da Central de Distribuição. Membros da Polícia Secreta, subordinados a Sês e Seslam, que colocam ordem na fila olham para a jovem de cabelos enrolados longos, rosto redondo com ar de suspeita, e olhos que refletem desaprovação. Ela os encara, com uma postura segura e desafiadora. Um dos policiais pergunta:

— Seu nome e número de cartão?

— Regina Fiestro, número 888388.

— Devo informar que você ficou sem um dos galões de água. Atitudes como ceder o lugar na fila não são permitidas pelo código de conduta social. Você pode pensar primeiro em suas necessidades e depois nas de sua família; isso está de acordo. Mas nunca, nunca, eu afirmo, incluir terceiros, porque é uma insurgência. Por isso, ficará sem um de seus galões. Tome seu suprimento de pílulas, seu galão de água e suma daqui, antes que faça um boletim de ocorrência.

Regina abre a bolsa e acomoda a garrafa de água e as pílulas. Seus olhos cruzam de novo com os dos policiais. Ela os mantém como antes, fixos, mostrando que não há medo; vira as costas e começa a voltar para a sua casa. Há tempos não caminha na escuridão. As luzes dos postes não existem. Além da falta de energia, todos os fios foram roubados e vendidos no mercado paralelo, deixando pendurados somente aqueles que não prestam, em um sinal de franca decadência e de falta de manutenção.

O ar cheira a decomposição, e o terrível odor torna-se ainda mais forte por conta do vento. O estresse da investida dos agentes da Polícia não conseguiu

apagar o contentamento gerado pela compaixão que sentia. Essa sensação maravilhosa, até então desconhecida, fazia seu corpo caminhar tranquilo, apesar dos perigos que uma noite traz. Muitos nadaverianos em situações desesperadoras perambulam pelas vias à procura de qualquer coisa. Imagine, então, se encontrassem água e pílulas de suprimento.

Regina sentia uma grande confiança em seu caminhar. Deve ser o que os abstratus chamam de fé: acreditar que nada pode dar errado, pois o Grande Espírito está no comando, conforme os ensinamentos do grupo a que pertence. Foi exatamente essa fé que o Sistema havia dizimado – a esperança, a certeza de que existe algo maior, muito além do que o Sistema pode prover.

Com essa convicção, ela não percebe que passa por sombras de almas trevosas em seu percurso. A luz que seu corpo emite, por estar em uma alta frequência vibratória, cega as criaturas de baixa frequência.

Regina chega em casa. Ela abre a porta e vê tudo revirado. O armário que guardava alguns inúteis e supérfluos foi arrombado, e esses itens – verdadeiros sonhos de consumo dos nadaverianos – estavam espalhados no chão. Seguindo com os olhos a trilha de destruição, depara-se com a terrível imagem de sua mãe caída, com os olhos virados para o nada. Agarrado entre seus braços, está o descascador de azeitonas supra-atômico, o item mais importante da coleção de artefatos que não servem para quase nada, principalmente depois do corte de energia que as cidades enfrentavam. O tapete

da sala estava tingido de vermelho, e o vento frio da noite sacudia os trapos do que um dia foram as cortinas finas de sua sala. Regina olha a cena e sente piedade de sua mãe que, como a grande maioria da população, havia sido hipnotizada e enganada. Um fortíssimo repúdio e desprezo pelo Sistema crescem dentro de seu peito.

Ela volta seu olhar para as cadeiras da sala de jantar e nota um papel sobre a mesa. Dirige-se até ele. É o comprovante emitido pela Polícia Secreta da Cúpula. Nele, está escrito:

**Artigo 23 - Parágrafo único:** É vedado a qualquer cidadão de Tintus exercer altruísmo, definido como: “tendência ou inclinação de natureza instintiva que o incita à preocupação com o outro e que, não obstante sua atuação espontânea, deve ser aprimorada pela educação positivista, evitando-se assim a ação antagônica dos instintos do egoísmo”. As pessoas que infringirem esta norma serão submetidas às penas da Lei, por violar direta ou indiretamente o Código aplicável, ou por ajudar outra pessoa a violá-lo.

Uma forte queimação sai de suas vísceras, passa pelo tórax e chega à garganta. Num grito carregado de raiva, tem a certeza de que irá dedicar o resto de sua existência para combater o Sistema.

— Isso não vai ficar assim!

Regina fecha a porta da frente de sua casa com força, para nunca mais voltar. Seus olhos estão se acostumando à escuridão. Por conta do toque de

recolher do sétimo tempo, Regina não sai à noite desde que era pequena. Mas coloca em prática os ensinamentos de Morya, um dos magos de Tintus, assim como Humis. Ela respira fundo, fecha os olhos por um momento, serena a mente e concentra-se em escutar seu coração e fazê-lo bater ritmicamente, como um leve tambor. Então, expande esse ritmo para o resto de seu corpo. Sente a calma circular em cada parte do seu ser, como se fosse o seu sangue. Abre os olhos lentamente e consegue enxergar através da escuridão.

Tudo está nítido: a estrada pavimentada sob seus pés, as casas ou o que restou delas, os muros pichados, alguns cartazes de recompensa com valiosas quantias para quem fornecer qualquer informação sobre os resistentes tintusianos e os abstratus. É muito dinheiro, mais do que pode conseguir trabalhando arduamente por três longos tempos. Mesmo com a foto desgastada pela exposição às intempéries do clima, Regina reconhece o rosto de Humis. Ele está mais jovem na imagem, e não tão cansado e triste como agora. Era verdade o que havia escutado certa vez nas reuniões do grupo a que pertence: O peso da responsabilidade envelhece. Humis é o retrato disso.

Regina consegue vislumbrar claramente o caminho até a gruta, onde os insurgentes se encontram todas as noites para aprenderem ritos com os abstratus. Faz o exercício de respiração novamente, para seguir com passos tranquilos, e assim ninguém perceber seu movimento, mesmo com pouca gente na rua. Mas, como diz Humis, os muros têm os olhos da Cúpula. Ela encontra a entrada, é óbvia demais. A porta está aberta, à espera de qualquer

pessoa que queira entrar, mas só é possível de ser vista através da consciência que ela passou a ter.

Ao entrar na gruta, Fiestro sente o cheiro doce dos abstratus. É um perfume delicioso. Dizem que possuem notas de avelã e madeira. Ela nunca viu uma avelã e nem madeira. Aliás, não existem árvores no planeta há tempos. Para substituir essa nobre matéria-prima, as Indústrias S.A. encontraram um tipo de material sintético que imita madeira, aço, pedra e até simulam o aroma de essências. Tudo falso.

Uma pequena luz bruxuleante é vista ao longe, indicando um caminho dentro da gruta. Regina apura a audição. Consegue escutar baixinho o toque lento de um tambor que bate no ritmo do coração. Segue confiante a luz e o som, que se vão tornando mais nítidos quanto mais caminha. Ela chega a um cômodo escavado na caverna. Morya está no centro e circundando. Em silêncio meditativo, os acólitos formam uma bolha que se torna visível apenas para aqueles que possuem a visão espiritual necessária. Então, Morya ergue os braços e fala numa espécie de mantra, que é perceptível apenas para quem possui visão espiritual.

— Eu sou.

Os demais completam:

— Eu sou um círculo mágico de proteção ao meu redor, que é invencível e repele todo elemento perturbador e perigo que tentam penetrar e me prejudicar. Eu sou a perfeição em meu mundo autossustentado.

Morya finaliza:

— Eu estou preenchendo meu círculo mágico com a chama violeta. Uma luz perene cobre o grupo, em um elo inquebrantável de força, percebido por Regina. Um leve torpor passa pela sua espinha como um raio e chega até o meio de sua testa. Ela fecha os olhos e fica imóvel para que essa sensação maravilhosa permaneça. Porém, capta uma forte presença ao seu lado. Abre os olhos e vê Humis, que, por telepatia, pede que se mantenha em silêncio. O cheiro de avelãs se intensifica, com a certeza de que daquele círculo emana todas as boas coisas que ela busca.

As pessoas que formavam o círculo vão saindo, uma a uma, em um movimento espiralado. Apenas o mestre está ao centro, respirando serenamente até abrir os olhos. Morya permanece estático e faz um sinal para que Regina se aproxime. Junto dele, a jovem vislumbra pela primeira vez a Terra. Ela sabe que é esse planeta pela sua forma e pelos tons azulados de que sempre ouviu falar. A Terra, dizem os abstratus, é local de promessas e de onde também ocorrerá a luta final, entre a luz e a treva.

— Filha – disse suavemente Morya – o que você viu agora é a lição mais importante que precisa saber para enfrentar tudo o que está por vir. O círculo mágico trabalha com a energia mais sutil, a que vem do centro da alma e transborda para sentir o Grande Espírito. Essa energia sutil vai se condensando com os pensamentos e as emoções, formando a matéria, a matéria da qual todos nós somos feitos. Por isso é que a energia precede a matéria. No entanto, o Sistema fez com que as pessoas aprendessem o con-

trário disso, que toda matéria gera energia. Consequentemente, vivemos neste mundo tão material, alicerçado em coisas, no ter e não no ser. Somente acessando essa fonte inesgotável de luz e energia, podemos mudar a realidade em que vivemos.

— Então temos como mudar o que estamos vivendo. Libertar o povo nadaveriano dessa opressão – afirma Regina.

— Querida criança, não há mais tempo para Tintus. Para mudar o que estamos vivendo, é preciso que todos estejam acordados para esta verdade. Hoje, você experimentou a energia da compaixão, do amor incondicional pelo sofrimento de seus irmãos. A imensa maioria está ainda na escola da vida, ascendendo sempre, mesmo que para isso tenham que morrer.

O fim não existe. Só novos começos, mesmo para quem não possua o nosso olhar.

Uma grande lágrima desceu pelas bochechas de Regina.

— Não, minha menina, não fique triste. Seu caminho está apenas começando.

# 16

## *Planeta Treuss, a retomada da consciência*

Duração do dia: 30 horas

Diâmetro: 10.530 km

Clima predominante: temperado

Satélites naturais: Planado<sup>7</sup>, Konamo<sup>8</sup> e Terriniko<sup>9</sup>

Estrela solar: Patro

Habitantes: 1 bilhão

Língua oficial: esperanto. Algumas células possuem dialetos próprios

Religião: culto à natureza, mas todas as crenças são aceitas

Organização política e social: senestro

Sistema econômico: escambo

Povo originário: treussiano

Moeda: interchandjo

Na ampulheta do tempo, é possível ver o passado e o presente. O cenário é desolador. O que se vê é somente o vento que varre os campos outrora agri-



cultáveis em Treuss. Ali, quase ontem mesmo, encontrava-se o celeiro que alimentava a maioria das cidades do planeta. Um pequeno acidente causou uma tragédia sem proporções. Um pequeno vazamento em um dos tanques que armazenavam o hexaclorobenzeno, um poderoso fungicida usado nas lavouras, classificado como moléculas da morte, espalhou a destruição pelo vale imenso, antes verde, e agora desértico.

Até que tudo fosse compreendido, muita gente morreu. Os primeiros milhares foram noticiados como intoxicação massiva, para que mais tarde, numa sucessão de péssimas notícias, chegasse ao desfecho de que o grande cinturão verde e a água que abastecia a maioria da população de Treuss estavam totalmente contaminados pelo próximo milênio. Os anos seguintes foram de desespero. Embora houvesse espaço de sobra para plantar, as pessoas morriam de fome e de sede, mesmo que a água fosse abundante e de fácil acesso. O gravíssimo incidente, causado pelo pequeno buraco, mostrou como nada estava sob controle, mesmo que os mais renomados cientistas e pesquisadores da época tenham atestado que o local de armazenamento era seguro.

Os sábios do planeta, anciãos dos quatro cantos, reuniram-se para deliberar sobre o acidente. Eles levantaram todo o histórico das construções dos tanques, refletiram profundamente sobre as circunstâncias que levaram àquela catástrofe e descobriram o motivo que levou ao desastre sem precedentes. Negligência era a palavra que resumia aquela tragédia.

No caminho para obter o certificado que autorizava a construção e utilização dos tanques, a incorporadora encontrou muitos obstáculos dos órgãos competentes. Porém, um presente aqui e outro ali, nas mãos certas, acelerou e viabilizou o processo. O resultado dos desvios de conduta desses pseudo-inocentes marcou para sempre a pacata vida do planeta róseo, transformando seus bucólicos cenários em um filme de terror.

Após meses de reclusão, os sábios de Treuss fizeram conhecer a primeira parte de um vasto documento, intitulado Os Oito Movimentos do Milênio. Nessa espécie de carta magna, os anciãos reforçaram que não bastavam ações pontuais e rasas. Era preciso mexer com as estruturas de poder, com os sistemas econômico, político e social; estimular a consciência da mente coletiva e de atitudes que irão visar o bem de todos, sem manipulações, deixando brotar em cada indivíduo a responsabilidade de existir entre o céu e a terra. E isso levava tempo. Foi um momento caloroso, em que o amor pela vida estava inflamado no peito destes velhos sábios.

As metas, objetivos e ações para começar a reverter esse terrível quadro de degradação de Treuss seriam traçados para os próximos mil anos.

Após os anciãos revisarem o conteúdo da primeira parte e assinarem, a carta estava pronta para ser divulgada a toda a população. Ela foi lida primeiramente em rede nacional e depois proclamada, pelos arautos das boas-novas, em cada pequeno povoado. Todos os treussianos tomaram conhe-

cimento de Os Oito Movimentos do Milênio e apoiaram incondicionalmente. A alma coletiva inflamada não deixa espaço algum para o egoísmo.

Assim começa a retomada de Treuss.

## *Eu amo Treuss*

*Manifesto pela Perpetuação  
da Vida Saudável em nosso Planeta*

### **O MOMENTO É ÚNICO, TREUSSIANOS!**

Hora de darmos uma guinada, e reescrevermos nossa história.

É preciso acreditar que o caos é necessário para surgir o novo,  
como a ave fênix, que ressurge das cinzas para alcançar os céus.

É fundamental vibrarmos pela unificação dos povos;

Pelas quedas das fronteiras;

Por uma economia que respeite a vida de todas as espécies  
que coabitam o planeta.

Hora de darmos as mãos a todos os irmãos que respiram, se alimentam e  
bebem da mesma água e de educar para a paz.

Chegou o momento de substituir os verbos ‘ter’ e ‘possuir’ pelo verbo ‘ser’.  
Somos quem somos, não definidos pelo que temos.

Por isso:

Nós que respiramos;

Que necessitamos de água, ar e alimentos;

Que falamos línguas distintas;

Que possuímos etnia, credo e culturas diferentes;

Que acreditamos na paz e na unificação de todos os povos;

Que fazemos parte dessa teia de espécies que coabitam o mesmo planeta;

Que somos interdependentes e cocriadores deste universo;

Porque compartilhamos, antes de tudo, uma mesma casa;

Queremos declarar nosso amor a Treuss através de práticas sustentáveis;

De políticas mais humanas, centradas no desenvolvimento do ser.

Queremos um religamento com nossa espiritualidade e com o Criador;

Uma economia mais equânime e qualitativa;

Que trabalhe a comunidade da vida como um todo.

Queremos a cooperação em lugar da competição.

## **A HORA É AGORA – INTERDEPENDÊNCIA OU MORTE!**

O Manifesto causou o efeito desejado. Serviu de alavanca para que o amor ao planeta se tornasse a ligação entre as pessoas, elos inseparáveis de uma única corrente.

Nesta nova era, os satélites naturais de Treuss, as três luas, foram rebatizadas para Planado, Konamo e Terriniko. Para os treussianos contemporâneos,

era uma ressignificação, um recomeço, agora com alicerces sólidos e corretos, com as bases para uma sociedade equilibrada e fabulosa que estaria por vir. É o legado para as futuras gerações e a garantia da perpetuação de todas as espécies vivas no planeta.

O conselho dos anciãos se reunia incansavelmente. Além de deliberar, colocando em prática ações a curto prazo, eles também faziam o trabalho de plantio das sementes da nova mentalidade. Sabiam que elas iam se desenvolver no tempo e no ritmo certos: brotando, crescendo naturalmente no inconsciente de cada indivíduo e frutificando. Assim, todos iriam colher os frutos de um esforço em conjunto.

O relatório final do Grande Conselho foi levado ao público depois de 90 dias do início das reuniões. E aclamado pela população que aguardava esperançosa uma nova era para a sua casa. A Espiritualidade foi a premissa da declaração final de Os Oito Movimentos do Milênio.

A constatação:

O culto à natureza, que ligava os indivíduos ao divino, foi aos poucos esquecido, para que outros ritos se apoderassem do dia a dia de todos os povos. Esse único elo quebrado, da teia da vida, acelerou outros processos. Já não existia o respeito a todas as formas de vida que coabitavam esta única casa. O Kreinto ficou em segundo plano, e a criatura foi para o topo da pirâmide, não se importando com as demais espécies, como se uma parte

do corpo fosse mais importante que as demais, como se um órgão pudesse se manter sozinho.

As atitudes:

A cidadania planetária também foi apontada como um sentimento necessário para não haver mais separação entre indivíduos com os mesmos ideais e necessidades, muitas vezes manipulada por interesses de poucos. Não haveria mais pátrias num mesmo solo, e sim um conjunto de vidas. Todos passam a ser treussianos daqui para a frente.

Os princípios da permacultura<sup>10</sup> deveriam ser observados, respeitando a tendência de cada região onde a terra fosse cultivada. As grandes cidades fizeram um “retromovimento”, organizando-se em microrregiões, hoje chamadas células. A simplicidade voluntária foi incorporada nessas comunidades, o que mudou toda a economia, passando de macro para micro.

A energia passou a ser obtida respeitando as características locais. Lugares mais ensolarados, áreas costeiras e assim por diante foram encontrando suas vocações energéticas, aproveitando o que lhes foi dado graciosamente pela natureza. Em outras palavras: começaram a nadar a favor da correnteza.

As novas tecnologias foram apontadas como algo favorável a um mundo mais saudável, desde que, além de não impactar o local, também ajudassem a acelerar a recuperação de uma determinada área. Outra determinação: os

---

<sup>10</sup>Método de planejamento sustentável que integra agricultura, meio ambiente e sociedade, inspirado nos princípios da natureza.

processos de certificação das novas tecnologias passariam a ser rigorosamente revisados por três equipes de fiscais e pesquisados a fundo antes de serem testados em larga escala.

Com esses movimentos incorporados ao longo de muitos declânios, houve uma nova organização temporal. Calendários alinhados com os ritmos da natureza e com os ciclos da lua substituíram os antigos. O dia no planeta voltou às suas 30 horas. Novamente, a população poderia viver num ritmo ponderado, sem a sensação de não dar conta de fazer quase nada. A retomada dos treussianos em viver o momento presente, o agora, reverteu a aceleração do tempo.

Assim como em um quebra-cabeça, peça por peça da engrenagem de Treuss foi se encaixando e formando uma nova sociedade. Indivíduos saudáveis e conscientes geravam um corpo rijo e vigoroso em sua totalidade. Surgia uma nova economia. A jornada de trabalho passou a ser de três horas na maioria das células, pois assim havia trabalho para todos. Outros setores foram aquecidos, como o turismo de pequenas viagens. O dinheiro não era mais usado pela grande maioria. Havia algumas moedas locais e solidárias, mas a troca de mercadorias e de serviços era amplamente utilizada, já que os grandes aglomerados das cidades haviam se dissipado em pequenos ajuntamentos. Uma nova ética passou a guiar os mercados, que se tornaram mais justos com toda a teia produtiva. Não havia intermediários nem a necessidade de armazenar quantidades grandes da produção. No entanto, a maior



revolução foi na educação, que se tornou o centro das atividades nas células. Pode-se dizer que a vida nestas comunidades e aldeias girava em torno de seu núcleo educacional, a Domo Eduki<sup>11</sup>. Ali, toda a população aprende e se aperfeiçoa, buscando equilibrar mente, corpo e espírito. Há inúmeros núcleos por todo o planeta. Os treussianos escolhem a unidade mais adequada para desenvolver o dom agraciado pelo Kreinto.

---

<sup>11</sup>Tradução livre do esperanto: Casa de Educar.

# 18

## *Terconanto*

O silêncio da madrugada é o único companheiro de Terconanto, o momento em que se sente inteiro. No horizonte distante, as três luas de Treuss, batizadas pelos velhos sábios de Planado, Konamo e Terriniko, se despedem lentamente. A chegada de Patro, astro solar de Treuss, no céu, anuncia um novo dia.

Da janela de sua morada, Terconanto sente uma inquietação na mente. Respira pausadamente para focar em seu interior e compreender o porquê dessa sensação. Em seu punho esquerdo, a marca da estrela do Eneagrama formiga ligeiramente, imperceptível se ele estivesse em atividade, mas totalmente notada na quietude do amanhecer. Sente em seu peito como se mil borboletas batessem as asas, querendo sair e voar. Faz novamente o exercício de respiração, tentando entender a palpitação.

Então, desvia o foco de sua atenção para o dia que chegava. Faz as orações

desde a primeira hora, banha-se, veste uma túnica lavada, toma água morna com limão com a intenção de limpar o organismo e sai para as ruas.

O céu está azul-claro. Caminhando em direção à Domo Eduki, ele vê, nos mercadinhos, a vida pulsar nas barracas de grãos e de alimentos crus, chamados de mantimentos vivos, base da dieta dos treussianos. Ao se alimentarem deles, conectam-se mais diretamente à energia solar que fez esses alimentos crescerem. Os cheiros desses grãos criam um ânimo novo na sombra de inquietação que tenta solapar seu íntimo. Ali, nas feiras diárias, tudo é negociado a granel, sem embalagens desnecessárias, o que diminui drasticamente a quantidade de resíduos destinados ao aterro.

Essa maneira de viver alegre Terconanto e lhe dá contentamento, inspirando-o a ser melhor e a servir. Falta pouco para que ele chegue à Casa do Saber e inicie suas atividades. Pela manhã, é vart-ist-o<sup>12</sup> e ensina jovens de 7 a 14 ciclos (ciclos equivalem a um ano terrestre). À tarde, dedica-se a crianças abaixo de sete ciclos, cuja função é observar, estimular e orientar os dons naturais em cada um deles, por meio do Eneagrama, uma antiga ciência sufi, originária da Terra, que apresenta as nove tipologias essenciais das almas humanas.

Segundo o Eneagrama, todos nós recebemos, no nascimento, uma essência que deve ser descoberta e desenvolvida como forma de aprimoramento pessoal. Essa antiga e eficiente ferramenta, ao ser utilizada, contribui para

---

<sup>12</sup>Tradução livre do esperanto: educador infantil.

que cada pessoa tenha consciência de sua missão de vida. Terconanto sabe que está cumprindo a sua: educar é de sua alma, sua razão de encarnar.

As unidades da Domo Eduki são construídas com bambu, matéria-prima farta nos arredores. As salas, em formato espiral, abrigam diversas turmas. Esses espaços são alimentados por fontes de energia renováveis, incluindo uma micro-hidrelétrica e energia solar. Toda a água é reciclada no próprio local. Os jardins, hortas e pomares são cultivados pelos alunos, e os mais velhos ajudam os mais jovens em suas tarefas. É assim por muitas gerações.

Esta Domo Eduki, em especial, é referência para outras casas que estão em construção. É nesse santuário que Terconanto acaba de chegar para finalizar uma etapa importante da formação de seus pequenos e jovens alunos, a parte de que mais gostava: introduzi-los na sabedoria dos Oito Movimentos do Milênio – Eco-economia, Produção Responsável e Simplicidade Voluntária; Novas Tecnologias; Cidadania Planetária e Governo da Humanidade; Permacultura; Espiritualidade/Criador e Cocriadores; Educação Democrática e Educação para a Paz; Organização Temporal; e Saúde da Terra e Bem-Estar Humano.

## *Chokmah Vero Povo, a oitava essência*

Nas janelas abstratas do templo, na Montanha Sankt-a<sup>13</sup>, ao amanhecer de mais um dia, encontra-se Chokmah. Ele está debruçado no pedaço de uma estrutura do que parece ter sido um vitral, com arcos construídos em épocas perdidas. Sua pele tem cor de cobre e suas feições, mesmo angulosas e fortes, irradiam a suavidade e a firmeza de quem carrega o poder da verdade.

Os olhos semicerrados de Chokmah buscam em cada célula do seu corpo a conexão com o Kreinto. E ele consegue. Sente seu corpo invisível, sem definição e limites. Sente os nervos, a derme, a epiderme. Passa a enxergar o cenário com os olhos de Dio<sup>14</sup>, no instante da Criação. Sente o fluir mais rápido nas próprias veias do Construtor, como se todo o corpo em convulsão fosse parir, em breve, estrelas, planetas, rios, mares, florestas inteiras e animais. É Dio se esvaziando de Si. Tudo em diversidade e profusão. Ele vê cada detalhe sendo aperfeiçoado no último milésimo do tempo sem tempo, no vácuo, no vazio, na ausência de qualquer existência que não fosse Mente Criadora e Criação.

---

<sup>13</sup>Tradução livre do esperanto: Santa.

<sup>14</sup>Tradução livre do esperanto: Deus.

Há somente a presença da energia que faz toda a matéria. A energia que precede qualquer matéria encontra-se ali, parindo formas, cores, conceitos, diversidade, vida e morte. Este instante cósmico nasce da implosão de um único microponto na extensão negra do infinito, uma imensa bola de fogo que trafega numa velocidade vertiginosa, rolando sobre si mesma, por conta da energia despendida. A esfera explode e se desfaz em três porções de si mesma, cozidas no mesmo lume, com tamanhos semelhantes. Num lapso de tempo, giram em torno de si, moldando-se ao vazio do espaço. Aos poucos, reduzem os seus giros e começam a ganhar cor e textura próprias. As estrelas em volta se organizam, como se o efeito do êxtase divino trouxesse uma sensação única e até então indefinida e desconhecida: paz.

Ele vê cenários diferentes em cada um dos olhos, da mesma forma quando os instrumentos de uma orquestra entram em afinação para depois soarem em harmonia na execução da música. O olho direito de Chokmah contempla o nascer do rosado planeta. Ele acompanha três satélites sendo sugados lentamente para a órbita de Treuss. O olho esquerdo enxerga um planeta um pouco maior, o primeiro a parar de girar sobre si e tomar forma. É Tintus. Nota também uma grande estrela ser puxada para compor a sua órbita. Ainda em silêncio, vê um terceiro planeta, entre Treuss e Tintus. Um círculo quase perfeito, levemente ovalado, de um azul intenso e lindo. Chokmah assiste a uma estrela e a um satélite indo em direção à órbita dele. Sabe que é a Terra.

Todos os três, planetas partejados e nascidos do mesmo jorro do Kreinto.

Chokmah pode sentir o prazer do Criador observando as suas criaturas.

Energia onisciente que cria a matéria. Num respiro de vida, o Criador coloca as sementes da existência em Treuss, Tintus e na Terra. Ele nutre toda Sua criação com Amor. Sopra nas criaturas o Anima, o espírito divino, semelhante ao Dele. Presenteia seus filhos, ainda, com o livro-arbítrio, para que um dia amadureçam em alma e, repletos de luz, voltem a Ele. Dio, agora, vai descansar.

Nesta sua vigília, que está sendo como um sonho verdadeiro, em ritmo acelerado, Chokmah assiste aos processos evolutivos de cada planeta. Vê as células em mitose, dividindo-se para gerar vida. Acompanha o surgimento do primeiro nadaveriano em Tintus, do primeiro neanderthal na Terra e do primeiro treussglodita em Treuss. Vê a descoberta do fogo e a reunião dos anciãos contando aos mais jovens suas histórias de vida, em torno da fogueira.

É um privilégio para ele ver toda a história dos surgimentos dos primeiros agrupamentos consolidados nos três planetas. São pequenas vilas formadas por casas. As construções em Tintus e na Terra chamam a atenção de Chokmah, pois estão todas muradas, separando os vizinhos. Mas em Treuss, o conjunto de casas não possui muros. Além disso, eles já cultivam hortas e pomares, compartilhados e tratados por todos.

Uma acrópole fabulosa, símbolo da cultura e dos valores de um povo, é

comum nos três planetas. Em Treuss, jovens conversam entre si, ouvindo um mestre transmitir conhecimento. Na Terra, em frente a esse monumento, guerreiros batalham para conquistar territórios, fazendo uso de lanças e escudos. Mas o que se vê em Tintus é uma acrópole em ruínas. E, misturada aos escombros de pedra, a mediocridade de alguns que levará esse planeta ao desaparecimento.

Como um caleidoscópio em que as imagens se separam e se juntam para formar uma nova cena, Chokmah observa tudo o que está acontecendo, sem qualquer dúvida. A sabedoria do Criador está presente, deixando que a oitava essência compreenda sem a necessidade de usar a razão.

Há momentos obscuros da história nos três planetas. Chokmah vê ruas estreitas e malcuidadas. O cheiro de morte se espalha por todos os cantos. Tanto em Treuss quanto na Terra, ele vê monges e mulheres santas cuidando dos moribundos que morriam de peste. Ratos correndo ao ar livre disputando com crianças maltrapilhas um naco de pão. Já em Tintus, a realidade é mais caótica: os gatos eram vendidos a peso de ouro; e os ratos eram criados às escondidas e soltos depois para espalhar a peste.

Num salto quântico, as civilizações dos três planetas experimentam a revolução que proporciona um desenvolvimento vertiginoso da sociedade. Chaminés surgem a cada segundo do tempo, aumentando a velocidade de produção. Produtos que antes eram manufaturados por um determinado



tempo e esforço passam a ser fabricados em muito menos tempo, sem qualquer esforço físico e em larga escala. A relação entre os trabalhadores em Treuss difere dos seus dois planetas irmãos. Dentro do que parece ser uma fábrica, os funcionários mantêm um modo descontraído e eficiente de labutar.

Em Tintus, vê-se uma longa linha de montagem, com milhares de mãos apertando parafusos sobre o som batido, produzindo uma enorme quantidade de produtos e um estoque monumental. O mestre assiste ao início da produção dos inúteis e supérflus, que mais tarde serão conhecidos e almejados, como joia rara, pelos nadaverianos. Nas ruas, o policiamento é aumentado consideravelmente, impedindo qualquer manifestação contrária ao Sistema vigente. É o início das crenças e da dominação – Chokmah sabe que isso levará o planeta à sua extinção.

Na Terra, um ser de chapéu preto, bigode pequeno, calça larga e sapatos maiores que seus pés faz uma crítica poética do novo tempo, escancarando as diferenças sociais provocadas pelo sistema econômico e político.

Chokmah acompanha o surgimento das passeatas dos trabalhadores que reivindicam seus direitos, batalham por melhores condições de vida e menos abismos nas relações. Bandeiras com o símbolo da foice e do martelo, sob a cor vermelha, são levadas em punhos pelas pessoas. Neste mesmo lapso, os anciãos de Treuss estão apreensivos com os rumos da sociedade e buscam soluções para minimizar as distâncias entre as pessoas, pois elas começaram

a ser classificadas por seu status social, baseadas no seu poder de consumo.

O filme agora se desenrola rapidamente. Chokmah nota que a velocidade da órbita de Tintus se intensifica. A energia dos habitantes do planeta está em descompasso, o que contribui para alterar a duração do dia e da noite, que passa a ser de apenas 10 horas. Os habitantes correm atrás do tempo perdido, acelerando cada vez mais. O que leva a um círculo vicioso, terrível. Contrário a isso, a duração do dia em Treuss vai desacelerando por conta da consciência coletiva da população até voltar a ter 30 horas. Na Terra, não há alteração das 24 horas.

Para movimentar as indústrias, que desempenham papéis cruciais na manutenção e na economia do Sistema, empregando grande parte da população, é necessário um fluxo constante de energia, água e matérias-primas finitas. Assim, Chokmah percebe: os operários são apenas uma peça da engrenagem, trabalhando para consumir o que eles próprios produzem.

Este é o produto do Sistema, que usurpou o lugar do Criador no imaginário coletivo e formou a crença de que tudo provém da matéria, e não da energia vital do Espírito Fundador da Vida. Uma grande mentira que, repetida milhões de vezes, se tornou quase indistinguível da verdade.

Neste tempo, falar do Criador e de Suas obras é motivo de desdenho em Tintus. Enquanto isso, na Terra, muitos grupos arrebanham para interesses

próprios pessoas que buscam seu elo perdido com o Criador, submetendo essas almas a rituais vazios, em que tudo é prometido, a teologia da prosperidade e do domínio vira barganha com Dio. Essas “igrejas” usam a culpa como a principal ferramenta para o suposto religamento com a energia que precede a toda a existência.

Como o Pai que vê um filho errar sucessivamente, Chokmah sente o desalento de Dio com as ações devastadoras de suas criaturas em Tintus. Rios poluídos têm suas águas lavadas e vendidas para a população. Florestas inteiras, moradas de milhares de outras espécies, são derrubadas com a desculpa do progresso, desalojando a vida tão ricamente elaborada e inteligentemente criada. Animais produzidos em massa, nascidos para a morte, são confinados, marcados, pesados e abatidos, sem direito a evoluir suas sutilezas energéticas. A indústria alimentícia cresce com a farmacêutica, como pares dançantes, rodopiando entre comida, doença e morte. Tintus traz a Terra cada vez mais perto de si, fruto de uma força magnética que funciona como um ímã.

O ritmo de Tintus está cada vez mais rápido. Escolhas apressadas não são adequadas e colocam em risco a perpetuação da vida nadaveriana. O mar está se retirando das cidades costeiras, engrossando o caldo salgado do outro lado do planeta. Uma quantidade incontável de animais marinhos mortos está à vista de todos, onde antes se estendia o mar. Milhões de aves, confusas pelas incessantes mudanças do clima, perdem a capacidade

de migrar rumo a locais seguros, e suas vidas já parecem condenadas.

A oitava essência lança seu olhar sobre os oceanos, posicionando-se em meio a furacões e tempestades violentas que castigam os moradores das ilhas. Forçados a abandonar suas terras ancestrais, eles rumam para novos territórios que não lhes pertencem. São chamados de refugiados do clima e enfrentam a xenofobia.

A miséria e a desesperança se fazem presentes no olhar perdido de Chokmah. Não demora, e ele testemunha o sol de Tintus entrar em colapso e explodir. Compreende, então, a cosmologia do Universo. A Terra começa a se desprender de Tintus. Ele olha ao redor e não vê mais Treuss no cenário. Procura desesperadamente pela aura e, forçando a vista, distingue uma tênue figura que pode ser seu planeta. O som de uma explosão ainda maior reverbera em sua mente, e ele tem certeza: sim, Tintus está aniquilado. Agora, passa a ser Extintus.

Aos poucos, Chokmah sente sua própria respiração. Os batimentos cardíacos soam em seus ouvidos. A testa formiga, assim como a tatuagem da Estrela do Eneagrama em seu punho. Uma exaustão profunda invade seu corpo. Ele abre os olhos lentamente. No horizonte, o crepúsculo tinge de laranja os morros à sua frente. Um contentamento lícido o envolve. Contemplar o lindo entardecer o faz sentir gratidão pela Criação, que ainda se faz presente. Tem consciência de que tudo o que viu, num átimo,

não foi um sonho. Ele sai da posição em que estava, debruçado na janela, para ficar completamente em pé. Ele se alonga e fala com tom de urgência:

— Preciso compartilhar o que me foi dado a saber. Tintus será Extintus e Treuss está deixando a órbita de seus planetas irmãos.

# 20

## *Pacífico Pigro*

O som do tintilo<sup>15</sup> reverbera pelos quatro cantos de Sankt-a Urbo<sup>16</sup>, onde está localizada a Mastro Domo<sup>17</sup>. O badalar não era ouvido há muitos ciclos. Algo importante está acontecendo, pensa Pigro.

Pacífico Pigro é um dos educandos de Terconanto. Os dois se encontram diariamente, desde o primeiro ciclo do discípulo, cerca de sete anos treussianos. Desde pequeno, ele foi reconhecido como a essência nove, e orientado por Terconanto. Essenciais Nove são excelentes mestres, ótimos ouvintes e, se bem despertados, transmitem paz.

Pacífico acelera o passo. As ruas estão cheias. O turno das três primeiras horas trabalhadas está se encerrando, e o momento é da chegada dos funcionários do segundo turno; um total de três ao dia. Essa escala foi a maneira encontrada pelos anciãos para incluir toda a população e ter uma vaga de trabalho. Dessa forma, os treussianos além de colocarem seus dons em prática,

---

110 | <sup>15</sup>Tradução livre do esperanto: sino.

<sup>16</sup>Tradução livre do esperanto: Cidade Sagrada.

<sup>17</sup>Tradução livre do esperanto: Casa do Mestre.

também têm tempo para aprimorar os estudos, cuidar do corpo, da mente e do espírito. Este modelo possibilitou o crescimento de outros segmentos. O turismo de um dia ganhou corpo, como também os setores de entretenimento e da educação.

Os treussinanos também conseguem se dedicar ao trabalho voluntário, pois sempre que há algo que necessita ser mudado em sua célula. Por exemplo, o cuidado e a manutenção de pomares e hortas comunitárias são mantidos por grupos escalados para esse fim. Aliás, trabalhar a terra e cultivar alimentos são um excelente caminho para o religamento com o Dio.

A economia em Treuss é descentralizada. Cada célula é responsável por encontrar sua maneira de fazer dar certo, e muitas delas têm como base o escambo, trocas feitas geralmente com a população local. Quem produz negocia muitas vezes com quem oferece serviços. Já entre as Urboj<sup>18</sup> mais distantes, a utilização de criptomoedas é comum.

Tercornanto caminha pela alameda que leva ao Domo Eduki. Ela é larga e tomada por árvores frondosas. Esse local foi escolhido propositalmente para abrigar a maior Casa de Educar daquela célula, pois é o lar de muitas espécies animais, vegetais e minerais. O lugar certo para vivências experimentais com as crianças e jovens estudantes.

Pigro participou da construção do grande portão dessa Domo Eduki.

---

<sup>18</sup>Tradução livre do esperanto: Cidades.

Um trabalho rico de trançamento de fibras de bambu, especialidade de artesãos locais. Trata-se de uma técnica ancestral que confere durabilidade às peças feitas. Por aquele portão, pensa Pacífico, passarão muitas outras gerações, e quem sabe alguns de meus descendentes.

Se o ar ali, nessa Domo Eduki, tivesse uma cor, seria a verde. É leve e flui pelas narinas como bálsamo. O dia está com uma luminosidade especialmente bela no pátio central, onde Pacífico vislumbra a silhueta de seu tutor no meio de um grupo de jovens do primeiro ciclo. Terconanto está brincando com eles por meio de uma dinâmica cooperativa, o Jogo das Assinaturas.

O entretenimento funciona assim: cada participante recebe uma folha de papel e uma caneta. O desafio é escrever, de memória, o maior número possível de nomes dos outros participantes. Vence quem anotar mais nomes corretamente dentro de um tempo determinado. Após várias rodadas e muita animação, o grupo decidiu propor uma mudança nas regras. Agora, em vez de folhas individuais, há uma única folha sobre a mesa, e cada um com sua caneta. Quando Terconanto dá o sinal, cada participante escreve seu próprio nome na folha compartilhada, no mesmo tempo das rodadas anteriores. Dessa vez, quase todos os nomes aparecem na folha, mostrando que, ao cooperar, o grupo atinge o objetivo com mais eficiência. A alegria das crianças é contagiante ao perceberem que a chave do sucesso está na colaboração.

Os jogos e suas dinâmicas são aliados importantes na educação, pois são



inclusivos, transferem conhecimentos dos mais aptos para os menos aptos, aumentam a autoestima de todos e trabalham o sentimento de grupo, além de divertirem e entreterem.

Quando pequeno, Pigro era bem desajeitado, tinha dificuldade para correr, pois seu ritmo era bem mais lento do que os de sua turma. Ele adorava jogar piedpilko<sup>19</sup> em duplas: as crianças corriam de mãos dadas para levar a bola até o gol. Assim que uma dupla marcava um gol, ela trocava automaticamente de time. Em outras palavras, a satisfação estava em marcar o gol, não em competir como adversários. Era pura alegria. As lembranças de Pigro são substituídas pelo som dos risos do pequeno grupo de crianças, que corre atrás de Terconanto para prendê-lo num abraço gigante.

Hoje, Pigro completa três ciclos completos na Domo Eduki. Falta apenas mais um ciclo de vivências para se tornar um ser despertador, que é o desejo dele. Ele quer ser como seu tutor.

Faz muito calor, e Terconanto acaba de dispensar sua turma. Em seguida, vê Pacífico e caminha em direção a ele. O convívio diário de anos faz com que os dois tenham sinergia. Terconanto sabe que Pigro tinha ido até lá devido ao chamado à Centra Placo<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup>Tradução livre do esperanto: futebol.

<sup>20</sup>Tradução livre do esperanto: Praça Central.

# 21

## *Geburah Uniketso, a quarta essência*

A sala é iluminada e limpa. Cheira a coisas belas. Aquele homem bonito, elegante e com um certo ar aristocrático, a quarta essência, mestre Geburah Uniketso, alma doce e boa, está concentrado em terminar uma peça de joalheria.

Trata-se do último broche da coleção exclusiva que está fazendo para todos os mestres essenciais. Ele monta as joias a partir de pedaços de metal, madeira orgânica e grandvaloraj<sup>21</sup> ŝtonoj<sup>22</sup>, oriundas de células longínquas, que são extraídas artesanalmente de montanhas de barro nos arredores. A coleta dessas pedras é feita da mesma forma desde os tempos imemoriais.

Esse broche é destinado à Thipheret Fido, a sexta essência. Sua forma é de uma estrela solar e, ao centro, leva uma ŝtonoj dourada, exemplar singular encontrada ao acaso por um viajante que a viu ainda fumegante, como se estivesse chegando do espaço justamente naquele momento.

---

114 | <sup>21</sup>Tradução livre do esperanto: de grande valor, preciosas.

<sup>22</sup>Tradução livre do esperanto: pedras.

Cada broche é feito de acordo com simbologias sagradas, e os componentes deles chegam até Geburah de maneira intuitiva e inusitada. É como se o destino os mandasse, como se cada um deles tivesse seus desejos de ser e de estar na joia sendo confeccionada. Isso acontece, pensa a quarta essência, pela sua obsessão pela autenticidade, traço forte de sua alma e que se reflete em seu trabalho.

Geburah Uniketso é a expressão viva da arte em suas múltiplas facetas. Além de joalheiro, é poeta, ator, pintor, escultor e dançarino. Também compõe canções e as canta nos saraus, que acontecem a cada pequeno ciclo na muzika ĉambro<sup>23</sup> da Domo Eduki. Esses eventos são organizados por Netzach Festo, a sétima essência, e pelos educandos e tutores. Faltam apenas alguns detalhes para o mestre terminar a última joia da coleção, mas sua concentração foi cortada ao ouvir o som do tintilo clamando pela presença do povo. O mestre franze o cenho e respira.

Contra a vontade, larga seu ofício, veste uma calça branca e reta, uma camisa bege de linho e coloca um manto azul-turquesa. Vestimenta que o deixa mais bem-apegoado e realça seu charme natural. Mira-se no espelho para arrumar os cabelos negros cortados rentes ao couro cabeludo. Vê o que parece ser outra versão de si mesmo. Sente compaixão por aquele ser, não tão estranho, que o olha de volta. E quando ele ia fazer contato, a imagem refletida simplesmente se foi.

---

<sup>23</sup>Tradução livre do esperanto: sala de música.

# 22

## *Yesod Patsestra, a nona essência*

Falta pouco para ela completar a série, mais 200 metros e termina o treino da tarde. A água está fresca, e Yesod sente a vibração de todos os seus órgãos a cada braçada. O corpo sempre agradece durante e depois da natação, e é importante cuidar desse invólucro da alma.

Nadar é o seu momento de meditação e reflexão. Uma forma de se exercitar fisicamente, desanuviar a mente e dissolver as emoções. Ainda mais depois do encontro que ela teve com Humis, em Tintus, em que ficou sabendo de todo o plano da Cúpula.

O conflito é iminente. E isso fez Yesod lidar com o seu maior fantasma: o medo de conflitos. Vencer essa tendência de sua alma é um desafio permanente. Apenas a observação de si pode ajudar a transcender esta característica. E nadar contribui demais para isso. Entre uma braçada e uma batida de perna, descobre que tenta controlar até mesmo os conflitos que os outros

têm que passar, o que a esgota por completo. A tentativa de controlar o incontrollável faz seus pensamentos voarem para o futuro, esquecendo-se do presente e gerando crises de ansiedade. Cair na água para ela é uma terapia e impede que a inquietação, aflição e angústia tomem proporções catastróficas, podendo levá-la a um quadro de crise de pânico. Tudo criado no nível mental. E a mente, invariavelmente, mente, sabe Yesod.

Mais cem metros apenas e ela termina. Inala o ar e o sorve profundamente, encontrando uma respiração perfeita no espaço de uma braçada. Ela precisa sair do controle, não intervir em nada, tentando impedir que o conflito ocorra. No entanto, volta a pensar em Humis, no povo nadaveriano e no seu destino, caminho escolhido inconscientemente por uma maioria. Mas logo a consciência, oxigênio da sanidade, a traz de volta. Ela pensa: *Se o Kreintonos deu o livre-arbítrio, quem sou eu para querer evitar que este grande sofrimento chegue a eles? Tenho que transformar essa compaixão em algo que não me fira.*

Yesod sabe que o conflito pode ser uma ponte para encontrar a paz. Sem o embate, não há contraposição, e sem antagonismo não há lapidação. Somente através do choque de duas ou mais coisas, é possível haver mudança. E Tintus precisa disso: mudança.

Como nona essência que é, Yesod sempre fez questão de se apresentar como uma buscadora da paz. Para ela, a paz é um sentimento que exige um

exercício constante de doação e compreensão. Não existe por si só; é uma conquista que requer movimento, autocontrole e compaixão para ser mantida. E até, em última instância, conflito.

Num átimo, viu no fundo da piscina o reflexo de um rosto rechonchudo e confuso. Uma mescla de preguiça e de um sentimento profundo de alienação e uma sensação de insignificância. Reconhece. É Uan. Há muito tempo não tinha um vislumbre tão nítido dela, embora saiba que ela está em algum ponto cego do seu existir. Aconteceu algo. Então, ouve da borda da piscina o som do tintilo repercutindo nas paredes do Sporta Centro<sup>24</sup>, o que confirma sua intuição. Mergulha uma, duas, três vezes. E pede a Dio serenidade para lidar com o que vem por aí.

## *Chesed Amo Unidjo, a segunda essência*

Nos primórdios de Treuss, o sagrado feminino estava presente na vida cultural e política das primeiras aldeias e agrupamentos. A mulher era vista, sentida e respeitada como a intercessora com o mundo espiritual. Era ela quem tinha o conhecimento ancestral da cura, das ervas e das coisas do mundo abstrato. Era reverenciada por gerar a vida, símbolo de fertilidade e abundância. E contrapondo à objetividade tipicamente masculina, a mãe soberana sempre soube distribuir equitativamente os bens e os dons do Criador. Por tudo isso, foi resguardada e protegida.

No entanto, em um dado momento da história, numa ânsia de emancipação social, os detentores do poder confundiram igualdade com a uniformidade de gêneros, como se mulheres e homens fossem iguais, nos seus dons naturais. Então, o que deveria se somar, como duas energias complementares, tornou-se dividido, e o papel da mulher foi vulgarizado. A cooperação natural entre os sexos opostos foi repentinamente substituída pela competi-

ção para ocupar um lugar no mercado de trabalho, já saturado. A mulher já não era a energia que dava forma ao pensamento divino, mas aquela que deveria sair, trabalhar tanto quanto o homem, relegando o cuidado dos filhos e do lar a terceiros. Esse engano causou, por muitos declânios, um retrocesso na formação das novas gerações, levando a um vazio na sociedade, como se faltasse uma parte fundamental em todos os lares e na formação moral e espiritual dos membros da comunidade.

Há duas gerações, os treussianos se conscientizaram do terrível caminho errado que percorreram. Mestra Chesed, a segunda essência, é a personificação do feminino e a responsável por todos os ensinamentos para essa retomada. Tudo nela exala o que há de mais perfeito na mulher: o dom de cuidar das minúcias, o poder de transformar a casa em um lar, a intuição, o servir e principalmente a virtude de amar incondicionalmente.

Toda a beleza interna da mestra se irradia no externo. Ela tem uma vasta cabeleira, clara como o dia. Seus olhos são meigos, lagos de um profundo azul. Seu corpo é forte, mas não atlético, flexível como seu entendimento das coisas, das causas e das pessoas.

Chesed ministra todos os cursos e vivências em prol da retomada do feminino na Domo Eduki. As atividades são lindas e direcionadas para ensinar as meninas a conhecerem seus corpos, relacionarem-se com suas emoções e se reconectarem com o sagrado ofício do cuidar. Nas danças circulares,



reverenciam o etéreo, invocam a força ancestral das antepassadas, abençoam seus úteros e fluxos menstruais, conectados com as fases das três luas de Treuss.

O trabalho exercido pelos dons de Chesed está ligando dois pontos antes soltos nas famílias: as crianças passam a ter os cuidados das jovens mães, e as jovens mães agora veem como é sagrada a atitude de resguardar suas crianças, reconquistando a dignidade do gênero feminino. A mudança reflete também na comunidade. Filhos que se desenvolvem com mais segurança e amor tornam-se adultos íntegros.

Chesed está com uma turma de alunas no herbário da Domo Eduki, quando o sino que fica na Mastro Domo soa pela primeira vez. Ela faz uma roda com as meninas e moças que estão em vivência de resgate do Sankta Ina<sup>25</sup>. Orienta as mais velhas, todas saindo da puberdade, a iniciarem as menores no conhecimento das flores e de seus usos na elaboração de medicamentos para o corpo e a alma. E se dirige para o Stelo Salono<sup>26</sup>, que, pelo soar do sino, é onde ocorrerá o encontro.

Por todos os atributos femininos que tem, é natural que Chesed prepare o salão. O local possui 18 janelas coloridas, representando a multiplicidade de ideias. Durante o dia, a luz incide sobre todos os vitrais e ilumina o centro, onde há um púlpito para o orador. Em volta dele, há bancos dispostos em semicírculo, contornando a tribuna. Ali, naquele local, ela sente a segurança

---

<sup>25</sup>Tradução livre do esperanto: Sagrado feminino.

<sup>26</sup>Tradução livre do esperanto: Salão Estrela

dos caminhos traçados para o seu planeta. Foi nesse exato lugar que a geração antecedente à sua articulou Os Oito Movimentos do Milênio, mudando os rumos e estabelecendo metas para o desenvolvimento sustentável de Treuss.

Ela sabe que um ambiente agradável interfere positivamente na alma dos participantes. Coloca água nos vasos de alfazema. As lindas flores azul-violeta exalam um aroma relaxante, que estimula a reflexão e a tomada de decisões. Além disso, a mestra tem consciência de que o amor é o melhor conselheiro para qualquer ocasião, ainda mais no momento de mutação do Universo. Para o amor fluir, é preciso que o medo se dissipe. Chesed sabe que o contrário do amor não é o ódio. É medo. O ódio, assim como o amor, nos atrai magneticamente. O medo nos afasta daquilo que amamos. No que depender dela, o medo não estará presente nessa assembleia.

O tintilo soa pela segunda vez. Chesed coloca alecrim e benjoim no turíbulo. Nos movimentos de vai e vem, para dispersão da fumaça, vislumbra a angústia na alma de Ud. O olhar vesgo dela está cheio de lágrimas, que querem jorrar de tristeza. A mestra sente o desespero da rejeição de Ud naquele momento, e o sentimento de compaixão toma conta do seu interior. Ela deixa as suas atividades um pouco de lado e se concentra em Ud, para que esta se sinta amparada. Mas Ud hesita, e seu coração endurece e se fecha. As lágrimas de melancolia dão lugar a um grito de prazer, que faz Chesed voltar ao seu mundo novamente. Ela se sente plena no Salão Estrela, em meio a flores, cores e cheiros que expressam a incondicionalidade do amor que tem pelo mundo.

*Thipheret Fido e Malkut Indo,  
a sexta e a terceira essências*

Os tons de amarelo das roupas de Thipheret ganham vida própria em dia ensolarado. Seus cabelos negros, e agora mais compridos, emolduram um rosto cheio de sorrisos. Ele tem uma pele cor de areia e olhos profundamente gentis e amendoados. Transmite uma paz, alegria e sabedoria. Caminha lentamente, de modo que seus alunos o acompanhem enquanto ele fala. Hoje, é sobre fé e confiança:

— É fácil confundir crença e fé. A crença é algo da mente, algo que vem de fora e que você passa a acreditar. A fé é o que está dentro, a confiança plena, o fim de todo medo. Ao ter fé, você está com Aquele que É.

Os jovens do segundo ciclo olham para a sexta essência hipnotizados pela busca do entendimento. Em silêncio, deixam seus corações abertos à mercê do que ouvem do mestre. Procuram entender com a alma, e não com a mente. Esse mestre é seguido por muitos alunos, que veem nele uma grande referência. Beber desta fonte é um privilégio para eles. Então, Fido sobe em

uma pedra, fica em uma perna, abre os braços para se equilibrar e diz:

— A confiança de que nada pode dar errado, pois só existe o certo, o Uno. A fé é o lugar onde se unem todas as ambiguidades: o certo e o errado, o sim e o não, o bom e o ruim. A luz e a treva. Não existe nem um, nem outro. Não há vacilo. Somente o indivisível.

Ele une as mãos em frente ao peito e sorri largamente. Seus olhos estão centrados em suas palavras, e uma ternura invade seu coração protetor. Ouve-se o som do tintilo ao longe e, nesse mesmo tempo, uma figura começa a surgir no horizonte. Fido o reconhece pelo caminhar.

Malkut, a terceira essência, está com trajes tons de castanho, que combinam com sua pele cor de ébano. Possui uma densa cabeleira afro, que está acomodada em um rabo de cavalo atrás de sua nuca. Sua dignidade é notória, assim como o dom de materialização. Ao verem, os alunos saem correndo ao encontro dele. É recebido com um grande abraço aprazerado. Este mestre é reconhecido como o grande viabilizador de ideias. É o tutor que cuida do ato de concretizar, de materializar os projetos que ficam circulando nos campos dos pensamentos. Ele orienta e conduz os educandos a colocarem seus conceitos em prática.

Na Domo Eduki, há oficinas de marcenaria, metalurgia, mecânica, física e novas tecnologias. Não há limites para o que pode ser feito. Dali saem protótipos de motores de energia escalar, barras de alimentos nutritivos e até

mesmo roupas e acessórios baseados na internet das coisas. Mestre Thipheret é um dos que o admiram. Vê nele a prática do que ensina, a teoria se tornar palpável.

O mestre cor de ébano ri com os jovens, que continuam o abraçando. Com certa dificuldade, desvencilha-se deles. Todo aquele amor preenche a alma, mas o momento também exige foco. É preciso falar com seu amigo. Agora, juntos, os dois percebem que seus opostos, em Tintus, do outro lado do universo, estão tensos. O coração de ambos acelera.

Thipheret sente o imenso medo de Sês e Seslam tomar conta de seu corpo. Um forte temor nasce no peito a ponto de perder a confiança, empurrando sua fé para a dúvida. Respira três vezes profundamente e consegue dissolver essa agonia. Malkut arqueia as sobrancelhas para entender a rasteira que Irt arquiteta na ânsia pelo pódio de sucesso.

Sim, eles compreendem o porquê e por quem os sinos estão dobrando.

## *Netzach Festo e Hod Sadjo, a sétima e a quinta essências*

Netzach não aparenta ter a quantidade de anos e nem possuir tamanha sabedoria. É jovial, feliz e espontâneo. Conhecido por ser a sétima essência, ele é bom em múltiplas coisas. Na Domo Eduki, orienta as crianças e os adolescentes com vocação artística. Com os educandos, organiza saraus, pratica danças primitivas e tai chi chuan. Está desenvolvendo um projeto no campo de energia escalar com Hod Sadjo.

Já a quinta essência é uma cientista calada, como se a sua companhia fosse a própria mente, que não cessa de aprender. A mestra Hod difunde seus conhecimentos em ciências naturais e biológicas com alegria e leveza. Sua aura emana a sabedoria dos tempos e a inteligência dos mundos. Ela vai a fundo em suas pesquisas, mostrando a Festo que isso também é agradável.

A relação entre esses mestres é perfeita. Netzach ama Hod por ser diferente dele. Para ela, trabalhar com Netzach é um prazer: o acolhimento de

Festo reabastece suas energias. *Ele é extrovertido e imediatista; ela é introspectiva e profunda. Os dois são movidos pelo conhecimento*, pensa Netzach, enquanto caminha em direção à oficina de energia, onde continuarão a desenvolver o projeto.

O motor de energia escalar se fundamenta na ressonância, fenômeno em que um sistema físico absorve energia ao ser excitado por uma frequência igual a uma de suas frequências naturais de vibração, fazendo com que ele vibre com amplitudes cada vez maiores. De forma semelhante, as pessoas podem encontrar ressonância com alguém cuja vibração natural seja compatível com a delas. Netzach percebe isso exatamente entre ele e a outra mestra.

Hod está mais que comprometida com este projeto, pois sabe que essa descoberta servirá para muitos campos, inclusive o da saúde, área que ama. Afinal, quando adoecemos ou sentimos dor, é porque perdemos a ressonância com o estado natural do nosso ser, que é o de perfeição, diz ela. É preciso atenção plena para vibrar com a ressonância da energia divina.

De tão mergulhados nesta descoberta, essa dupla de mestres perdeu a ressonância com as sombras que habitam em Tintus. Há tempos, Hod não busca Nivk em suas meditações. Nem Netzach procura Pês dentro de si.

Os dois caminham, separados, em direção à oficina de energia. Ao ouvirem o tintilo soar, eles alteram a rota e se dirigem para a Mastro Domo.

# 26

## *Binah Perfektesta, a primeira essência*

Binah chega ao Stelo Halo antes de todos. A mestra apressou-se assim que ouviu o tintilo, para cumprir seu ofício de organizar os hologramas dos anciãos. Binah Perfektesta, a primeira essência, é delicada nas feições, mesmo com o corpo ereto e forte. A baixa estatura e a ossatura leve escondem uma força interior pouco calculada. Seus grandes olhos são negros, assim como seus cabelos lisos, que tocam a cintura.

O Salão das Estrelas recende a alfazemas frescas. A luz do dia passa pelas janelas largas e decoram as paredes opostas em uma explosão de cores vindas dos vitrais trabalhados. Apesar do calor externo, o espaço é muito arejado: sempre há uma brisa soprando por cada metro quadrado dele. No centro do salão está a Sankt Tablo<sup>27</sup>, onde serão colocados os 99 hologramas de todos os anciãos das províncias de Treuss, desde o começo dos tempos. Muitos deles já partiram para outras dimensões, outros continuam nessa, mas a idade avançada impede que viagem, enquanto outros estarão fisicamente



presentes a este evento que promete ser um grande acontecimento. Mesmo vazia, a Sankta Tablo impacta quem a vê. Ela é feita da madeira maciça de uma única árvore proveniente dos bosques veneráveis dos primeiros tempos. O lenho é uma circunferência enorme sem emendas, o que dá a ideia do tamanho que essa árvore foi um dia.

Dizem as lendas que esta imensa árvore caiu em meio a uma tempestade que durou três ciclos inteiros e que desceu o Grande Rio. O tronco se partiu em nove pedaços, e um deles rolou pelas pedras, transformando-se em uma circunferência perfeita. No entanto, não se sabe qual inteligência criou os 99 entalhes esculpidos em sua base de forma natural. São pedras que parecem cristais de rocha, com encaixes perfeitos à madeira. Cada uma possui um desenho, peso e colocação inerentes. É como se nelas residissem almas.

No momento em que todos os convidados se sentarem à Mesa Sagrada, a luz da abóbada em cima da tábua acenderá automaticamente, incidindo no holograma central. Ele começará a brilhar timidamente, como se uma pequena chama colorida morasse ali e fosse desperta de um sono de séculos. Na sequência, a luz do holograma central se espalhará para cada fraga, acendendo todas elas, como se fossem velas guiando a escuridão. Então, emergem as figuras fluidas de cada ancião mentor de seu bastão holográfico. É uma cena rara e belíssima.

Binah é a portadora deste sagrado ofício. Foi dado a ela o conhecimento

do princípio vital de Sankta Tablo e a posição de cada fraga. Essas memórias ancestrais continuam vivas nas crenças de todos por conta dessa mestra. A Mesa Sagrada só é utilizada quando o sino soa, sinônimo de situações difíceis que exigem aconselhamento e decisão dos mais sábios.

Este trabalho exige atenção plena e mestria. A primeira essência tinha em seu espaço interno, no DNA, o cuidado do fazer bem feito. Um dom. Binah puxa uma cadeira milimetricamente para o lado esquerdo e, pronto, está tudo perfeito. Ela se afasta da mesa para admirar o encanto e a unicidade daquele momento. Sente-se plena.

Ao mover os olhos para as paredes, sente toda sua energia se esvaecer. Os vitrais estão dançando, como um carrossel descontrolado. Ela tomba no chão de mosaicos brancos e violetas. Não demora para abrir os olhos e se dar conta do ocorrido. Seu coração acelera quando Unu surge em sua mente e toma conta de seu corpo. Há tempos, não sentia sua presença. Algo está acontecendo em Tintus. *É seríssimo*, pensa ela. *Levanta-se e caminha rapidamente em direção às portas do Salão Estrela. Ela precisa abri-las.* Muito em breve, a assembleia iniciará.

Falta menos de um pequeno tempo para que a luz do Sol incida totalmente sobre a claraboia do salão. A Sankta Tablo aguarda a volta de sua atividade e seus guardiões querem despertar do sono dentro de suas pedras.

Os nove mestres de Treuss estão sentados à mesa, à espera do advento. Em estado de oração, seus corações e mentes se unem numa prece vibratória. Eles se encontram numa só dimensão, no silêncio da fé e da confiança. Kreinto está com eles e, por eles, não há o que temer.

Os primeiros raios chegam ao holograma central, alumbrando e ativando sua cor interior, um roxo profundo. Conforme a luz invade, o holograma se torna um violeta-claro. Então, a magia se inicia e, em menos de três tempos, todos os hologramas estão iluminados. Uma dança de cores invade as paredes, os corpos e tudo o que está presente. É um espetáculo até para os mestres essenciais, conhecedores de coisas que não são deste mundo e que

habitam o invisível de modo calado.

Então tudo fica em silêncio, como se o tempo prendesse a respiração e a soltasse relaxadamente. Um a um, os guardiões vão aparecendo dentro de suas pedras num pulsar de cor, como se fossem o coração da mesa. Chokmah toma o centro do semicírculo, reluzindo a mansidão e o poder da verdade. Sua voz ecoa limpa e forte:

— Irmãos de caminho, guardiões do tempo, eu humildemente os saúdo em nome Daquele que nos criou antes de todos os tempos. Todos unem suas vozes respondendo à saudação:

— Ele está conosco!

— Chamei-os aqui, pois me foi dada uma experiência Alef<sup>28</sup>, o ponto onde tudo se originou. Testemunhei a criação e a cosmologia de nosso planeta. Assisti à formação dos três planetas que contam uma só história nos seus ângulos próprios. Treuss, Tintus e Terra são crias de uma mesma gestação, lançadas no espaço, no mesmo instante em que foram paridos pelo Kreinto. Vi o surgimento das primeiras formas de vida, ganhando espaço e contornos pessoais, elaboradas com a criatividade e o capricho de Dio. Observei as escolhas que cada coletivo de mentes, de cada planeta, dava às situações apresentadas e como essas predileções moldaram os minutos seguintes de sua história.

Todos ouvem hipnotizados pela voz lípida de Chokmah, que continua:

— Vi com os olhos do Criador o rumo desastroso que milhões de

suas criaturas deram à morada e aos bens agraciados. Senti como Kreinto ansiou pelas correções de cada escolha equivocada, em cada um dos três planetas. Vi o passado, o presente e o futuro num átimo. Nosso planeta, meus irmãos, conseguiu corrigir muitas das rotas de colisão por meio de novas escolhas certas. Já Tintus acelerou e incorporou toda e qualquer descoberta, muitas equivocadas e colocadas pelo autor da Vida para poderem amadurecer. A Terra, oscilante, caminha buscando um espelho para seguir. Mesmo sendo três planetas, somos antes de tudo um só corpo, partes separadas, com um mesmo peso e valor, mas que devem se unir, ser um só, para novamente juntar-se ao corpo de Kreinto. Somente assim seremos Uno. O que me foi dado saber é que nosso planeta está se distanciando da órbita natural. Ele perde densidade, consistência e se afasta para outra dimensão para se unir ao Corpo Celeste, sem antes cumprir a sua jornada.

A perplexidade paira no ar. Há um alvoroço na mesa. Os guardiões estão ansiosos para compartilhar agora o que sabem, mas são acalmados pela voz tranquilizadora:

— Na minha visão, soube que nossas escolhas também nos levaram a esta situação. Não conseguimos “aterrar” nossos conhecimentos e priorizamos o espírito. Por vezes, deixamos de perceber que o equilíbrio entre o espiritual e o material é fundamental para o progresso verdadeiro. Mas o espírito precisa completar sua sina, materializando e praticando no campo físico, para que a evolução de fato aconteça e possamos, nós e nossos planetas irmãos, cumprir a missão que é única e comum a todos. A Terra está sendo

sugada para a órbita de Tintus, que pode estar vivendo seus últimos dias.

A assembleia entra em ebulição e os murmúrios correm baixinho de um lado para outro, formando um som que toma conta da sala. Gardisto de La Vivo<sup>29</sup>, o trigésimo sexto senhor do holograma, levanta-se para falar. Simultaneamente, sua imagem holográfica bem acima da mesa amplia, ganha contornos e uma efígie mais firme. Ele boceja e se espreguiça lenta e prazerosamente:

— Salutaj amikoj<sup>30</sup>. Após alguns declânios adormecido, sinto-me totalmente revigorado.

Ancião multisciente, ele sabe que o momento pede descontração. Sorrir é importante em ocasiões tensas como essa. O peso das notícias pode levar a conclusões precipitadas e erradas. Seu toque de humor, na saudação, surte o efeito desejado, fazendo os espectadores rirem. E continua:

— Esse conselho que está aqui acompanha desde os primórdios a vida em nosso amado planeta. Tivemos, como Chokmah disse, momentos de escolhas difíceis, que nos levaram à disciplina da mudança de hábitos e valores. Isso já é uma árdua tarefa no nível individual, que dirá no nível da sociedade. Nunca usamos metodologias nefastas de manipulação das mentes coletivas, por meio de campanhas ou da criação de fatos, aumentando e diminuindo os impactos conforme as necessidades e nossos objetivos. Chegamos aonde chegamos pelo amadurecimento interno de cada cidadão treussiano, respaldados pela educação e formação das gerações que nos sucederam.

---

134 | <sup>29</sup>Tradução livre do esperanto: Guardião da Vida.

<sup>30</sup>Tradução livre do esperanto: Saudações, amigos.

As regras que regem nossa sociedade devem servir para o desenvolvimento e bem-estar de cada indivíduo e, se assim não for, cada um tem autoridade para desobedecê-las. O somatório de desobediências servirá para ajustar as regras ou então para que novas regras sociais sejam criadas, organicamente. Tudo a seu tempo. E é isso que torna nossa comunidade saudável. Não podemos entender completamente os desígnios daquele que É. Somos células do Seu Corpo. E me pergunto: como uma simples célula pode conceber o corpo em que ela existe? A célula tem ciência da existência de algo maior, mas não consegue compreender nem chegar perto do entendimento, a não ser no momento em que ela é incorporada ao Todo. Precisamos juntos intuir o porquê de Treuss estar sumindo do mapa cósmico. Eu, Gardisto de La Vivo, estou certo de que Tintus é uma célula que faz parte, assim como Treuss e Terra, do Corpo do Criador.

A simpatia do ancião é contagiante. Ele exala confiança, daquela que sentimos quando nossos pais nos acalmavam na infância, diante de um machucado ou um pesadelo. Transmitindo essa segurança, o Guardião da Vida continua a falar:

— Acredito que para revertermos essa situação temos que conscientizar a alma da nossa mente coletiva. Se os três planetas têm uma mesma origem, devem seguir o mesmo caminho. Cuidar de Tintus é cuidar da Terra e de Treuss. Precisamos de uma estratégia!

Um novo rumor toma conta das pequenas figuras tremeluzentes assen-

tadas em suas moradas, nas pedras da Sankta Tablo. Então, o sexagésimo terceiro senhor, Gardisto de La Animo<sup>31</sup>, pede a vez. Simultaneamente, a imagem dele é projetada e se amplia. Além disso, a vestimenta vermelha vibrante e seus olhos de um violeta profundo atraem ainda mais a atenção de todos para ele.

— Salutomaj kunuloj<sup>32</sup>. Meu irmão La Vivo teve sabedoria no que acaba de falar. Precisamos cuidar da alma treussiana, que está agindo na Terra. Dessa forma, poderemos resgatar Tintus, já que as órbitas desses dois planetas estão mais próximas. É uma oportunidade do inconsciente coletivo de Treuss materializar coisas na Terra, mudando o destino deste mesmo corpo, já que somos consubstanciados. Nossos mestres terão uma batalha árdua pela frente. Eu sei que vocês, nove sábios essenciais, já trabalham os seus mallumaj flankoj<sup>33</sup> e foram ensinados a tê-los por perto, domando-os aos poucos. Vivemos o que as profecias dizem.

La Animo agradece a oportunidade de falar e olha diretamente para os mestres, aguardando colocações sobre o que acaba de discorrer. A mestra Yesod, a nona essência, manifesta-se:

— Tenho acompanhado Uan em minhas meditações diárias. Mas ela não deixa muito que eu penetre, então respeito o espaço que ela me dá. Meu último contato com ela foi muito preocupante. Poucas vezes se mostrou tão vulnerável.

Agora é a vez do mestre Chesed Amo Unidjo, a segunda essência:

— Eu reconheci em Ud sentimentos de rejeição e pude sentir o quanto ela está humilhada, mesmo que ela se revista com a carapaça do

---

136 | <sup>31</sup>Tradução livre do esperanto: Guardião da Alma.

<sup>32</sup>Tradução livre do esperanto: Saudações, companheiros.

<sup>33</sup>Tradução livre do esperanto: lados sombrios.



orgulho para esconder seus verdadeiros sentimentos. Mas, sempre que tento me aproximar, lembrá-la da minha existência dentro dela, ainda encontro repúdio. E, sem que ela queira me encontrar, não posso achá-la.

Binah Perfektesta, a mestra que é a primeira essência, compartilha a conexão com o seu lado sombrio:

— Hoje mesmo senti Unu muito próximo. Sei que ele me sente, mas me coloca de lado, pois acredita que sou uma fantasia de uma parte doentia dele. Não é fácil acessá-lo.

Um ar de aprovação e alívio toma conta de todos os mestres, confirmando que a dificuldade encontrada era unânime. Geburah, a quarta essência, é a próxima a falar:

— Ravk se encontra em um estado lastimável, perdido.

— Ninguém está irremediavelmente perdido, filho... diz o guardião a Geburah e continua... Não estamos aptos a julgar o que somente o Kreinto pode avaliar. Sei também que entrar em contato com nossas sombras não é nada agradável, principalmente quando já nos encontramos, na maioria das vezes, em locais mais claros de nossa alma. Desprezamos então a mallumaj flankoj, que se relaciona opostamente com a claridade. Somos como mariposas atraídas pela luz. Não se pode empurrar as sombras para algum lugar escuro e trancafiá-las no calabouço do esquecimento. É preciso, sim, desenterrar e trazê-las à consciência para que se tornem tão conhecidas por nós a ponto de lidarmos com elas com destreza. Essa é a iluminação que tanto almejamos.

Até que, um dia, a escuridão se transforme em luz, já que a luz é anterior à treva. É isso que Chokmah viu. Precisamos colocar nosso foco na parte sombria do nosso eu e do nosso coletivo. Talvez seja pela falta disso que Treuss esteja se distanciando. Porém, o crescimento é saber que não há luz e escuridão, nem amor e nem ódio, só relações. Ao que me parece, vocês estão rechaçando algo que é da natureza de cada um. Se estão rechaçando, é porque ainda guardam preferências. E essas preferências se tornam vaidades. A linha que separa a vaidade da verdadeira iluminação é muito tênue. Para se manter neste estado, é preciso exercício constante: enxergar com bons olhos as pessoas e as situações pelas quais passamos é uma escolha que se dá a todo instante e requer treino.

A fala do guardião foi direta ao entendimento de todos os mestres essenciais reunidos. Hod Sadjo percebe o quanto esteve tão envolvida em seus projetos de energia escalar que não buscava Nivk há muito tempo. Netzach pensa o mesmo sobre ter se afastado com veemência da sua conexão com Pês. Na verdade, todos os mestres estão avaliando consigo mesmos como negligenciaram o outro lado de suas almas. Talvez tenham sido seduzidos pelo equívoco de que poderiam, sem consequências, viver em um mundo maravilhoso, onde apenas exercitariam o lado bom da vida. Então, Malkut, a terceira essência, pede a vez para se pronunciar:

— Eu também negligenciei Irt. Confesso que, assim como Geburah, desisti de trazê-lo para a consciência, deixei de lado minha mallumaj flankoj. Não se pode deixar de vigiar por nenhum momento, é um trabalho

que exige constância e atenção plena.

Mestre Thipheret, a quinta essência, faz sua autoavaliação:

— Também negligenciei Sês e Seslam. Essa parte de mim, tão frágil, dividiu-se em dois, fragmentando ainda mais a fé e a confiança, que deveriam ser inabaláveis. Peço desculpas.

Todos os mestres ali reunidos fazem o gesto de concordância com a cabeça, assumindo a “mea culpa” pela situação.

Então, o quadragésimo quarto senhor, Gardisto de Lumo<sup>34</sup>, surge em um clarão amarelo dourado, planando acima de Sankta Tablo:

— Dio seja louvado! Nós estamos encontrando o caminho que deve ser trilhado. Digo nós, porque somos todos um só corpo. O erro de um repercute, como vemos, no Todo. Sinto o peso da culpa sobre seus ombros. Este peso também está em mim. Não se trata de achar culpados. A culpa é um sentimento pouco produtivo, serve apenas como referência para nos aprimorarmos. Havia uma anciã em minha aldeia, conhecida pelo povo como Tânia Venta Haro. Lembro-me dela, pois em sua alma só habitava o amor. Venta Haro, dentro de sua sapiência, sempre que alguém vinha se desculpar com ela, dizia que a nossa mente não absorve o que nosso cérebro retém, apenas a palavra culpa. Então, ela falava sorrindo: diga apenas um sinto muito sincero. Bom, agora que temos o entendimento de que a vaidade e a arrogância também estão presentes em nós, não podemos

---

<sup>34</sup>Tradução livre do esperanto: Guardiã da Luz.

nos achar portadores da sabedoria e da luz. Ela, a luz, não é o lugar de chegada, mas o contínuo esforço para estar nela. Temos muito trabalho pela frente. Ele se espreguiça, respira fundo e continua:

— As profecias são claras. Temos um papel ativo neste momento delicado. O Saõ de La Tero<sup>35</sup>, o prometido e reverenciado, antes de nascer, está entre nós e foi muito amado e educado por vocês. E, olhando amorosamente para os mestres essenciais de Treuss, pergunta:

— Onde está Terconanto?

O mestre Chokmah dirige seu olhar para o ambiente, tentando encontrar Terconanto em meio ao semicírculo dos mestres. Na movimentação que se antecipou ao início da assembleia, não havia notado sua presença. Será que ele não estava lá? Inquietou-se. No mesmo instante, o jovem moreno e de andar ereto aparece em um canto escuro da sala e passa pelo corredor que leva à tábua, demonstrando insegurança e timidez. Ele sorri ao ver finalmente a Sankta Tablo iluminada de tão perto. Sente a atenção de todos voltarem à figura dele, encantado com a cena mágica que presencia. Sorri para o mestre Chokmah, que faz sinal para que ele venha à frente. Terconanto sente o peso nos ombros de ser a figura central. Ele prefere o anonimato às atenções. Sem graça, chega ao centro, próximo a seus mentores. Seu rosto foi alumiado pela figura do ancião, que dirige a assembleia.

— Você cresceu, Terconanto. Vejo que se tornou um homem sábio, mesmo tão jovem. Sua alma esteve em boas mãos.

Terconanto assentiu sem graça. Também não lida bem com elogios.

Chokmah tomou a palavra, que saiu límpida como um riacho na primavera.

— Filho querido, eu te saúdo. O coração de Terconanto se tranquiliza com a recepção de seu mestre, que, abrindo os braços, acolhe aquele menino que já é um homem, sabendo que sua sina será o deserto, cheio de provas.

— Você é o prometido, o savanto<sup>36</sup>, La Lumo de la Tero<sup>37</sup>, aquele que nasceu predisposto ao sagrado ofício de servir. A Terra precisa de sua presença. Assim como Treuss e Tintus. Mas isso é uma escolha. Dio nos deu o livre-arbítrio. Você tem que assentir a esse chamado.

A expressão de Terconanto mostra que seu interior está confuso:

— Mas o que poderei eu fazer, tão jovem, em um planeta tão distante e desconhecido para mim?, conseguiu falar.

Chokmah sorri levemente e responde:

— Ele não é tão distante assim. Ele está mais perto do que imagina. Está no seu DNA. E sua alma, filho, não é tão jovem como seu corpo físico. Você é o ungido, o escolhido antes de nascer. Aquele de que falam as profecias.

Neste exato instante, Terconanto entende a sua inquietação matinal e o pulsar de sua tatuagem, mas ainda não compreende o que Chokmah acabou de falar. Ao perceber isso, o mestre sugere:

---

<sup>36</sup>Tradução livre do esperanto: salvador.

<sup>37</sup>Tradução livre do esperanto: A luz da Terra.

<sup>38</sup>Tradução livre do esperanto: Guardião da Memória.

— Sei que você está inquieto, meu querido. Talvez você precise conhecer onde a história de nosso planeta e a sua se encontram.

Gardisto de Memoro<sup>38</sup>, o vigésimo sétimo senhor de sua pedra, apresenta-se. Suas roupas são quase transparentes, e seu corpo, informe. Tudo nele parece não ter densidade. Ele limpa a garganta e inicia sua fala com um tom acima dos demais:

— Há alguns ciclos, nosso planeta conheceu os limites impostos pela natureza e estava em uma rota de colisão, rumo a um desastre iminente, caso nada fosse feito. Nossos velhos convocaram uma assembleia com a participação dos anciãos de todas as aldeias para traçar planos de ajuste. Como a maioria das civilizações, estávamos em declínio, pois não sabíamos como usar nossos recursos sem impactar diretamente nosso ambiente. Os treussianos conheceram a fome e a sede e, mesmo com terras plantadas e água em abundância, estava quase tudo contaminado. Nosso povo minguava, e a alegria, que era um dos nossos atributos para celebrar a vida, foi tirada da alma do planeta. Porém, seja por magia ou simples ressonância, em todos os cantos do Treuss começamos um movimento de resgate da nossa ligação sagrada com a natureza. Milhões de pessoas começaram espontaneamente a cantar a mesma canção, sem que nada tivesse sido combinado, e suas vozes foram ouvidas em vários dialetos. Outros, em silêncio, meditavam e comungavam da energia da revitalização. Muitos aproveitavam o momento em que estavam criando a obra de arte cozida do barro para se conectar com esse movimento coletivo. Cada um fez algo que melhor sabia fazer, assim como uma oração espontânea.

Nossos pedidos foram levados até a corte por uma manifestação meditativa de milhares de treussianos, que conseguiam ver e não apenas olhar o desastre que iríamos cometer, assassinando a Vida de nossas vidas. Foi uma puxada de freio no meio de uma descida desgovernada. Para mudar hábitos e valores, era preciso também disciplina e paciência, um verdadeiro bordado para a alma. Essa etapa difícilíssima marcou-nos, mas nos moldou como ferro no fogo; nossos erros e a nossa vontade de acertar nos fizeram o que somos hoje e o que seremos amanhã. Nossas preces foram ouvidas e vistas pelo Dio, que, em Seu infinito Amor, nos deu mais uma chance. Nossos sábios receberam muitos ensinamentos diretos da Mente Universal, entre eles Os Oito Movimentos do Milênio, tão praticados e estudados em nossa Domo Eduki, você bem sabe. Já existia de tempos esquecidos, anteriores à própria consciência dos guardiões, a profecia de que O Escolhido seria encarnado na Terra, criado em Treuss por nossos mestres essenciais para que depois, no momento certo, pudesse voltar ao seu Lar e corrigir a rota de sua evolução. Agora sabemos que nossa sobrevivência está atrelada à vivência destes outros dois corpos celestes: Tintus e a Terra.

Chokmah olhou dentro dos olhos de Terconanto e se viu neles.

— Você é este ser que trará luz a seus irmãos.

Terconanto sente seu coração acelerar. O símbolo da estrela do Eneagrama agora parece queimar seu punho. Ele vê nos ainda bebê, envolto nos

carinhos de Hod Sadjo, que é a quinta essência e mestre da sabedoria. Ele pode até mesmo sentir seu corpo quente e ouvir a voz doce dela cantando para ele. Vê também sua primeira infância no Hejm-o<sup>39</sup> de irmãos, destinada à criação de muitas crianças de Treuss ou por não possuírem pais, ou mesmo por opção, para que tivessem uma criação completa.

As crianças e os jovens do Hejm-o são muito próximos dos mestres essenciais e aprendem com eles os ofícios conforme os dons que possuem. Eles são marcados com o sinal da estrela, como discípulos do Hejm-o, uma espécie de mapa do infinito conhecimento da alma e do espírito dos viventes, para que lembrem de seus ensinamentos.

Pela primeira vez, Terconanto consegue trazer à consciência o rosto maternal que via em sonhos quando era mais jovem. Sabe agora que é a face de sua mãe natural e reconhece o cheiro dela. Compreende neste momento a sensação de ruptura tão frequente em suas experiências de renascimento.

Tudo começa a fazer sentido para ele: as conversas interrompidas pelos mestres, a sensação de que era preterido quando perguntava sobre seus pais e a queixa dos colegas de que era dileto entre os educandos do Hejm-o.

Um carrossel veloz em sua mente revela fatos cuidadosamente oculta-



dos pela incompreensão. Sente um enorme desejo crescer em seu peito: o de não ser nada e ansiar pelo conforto de não ser mais ninguém. É necessário assimilar tudo isso rapidamente. Só percebeu que estava correndo quando se deparou com um lugar desabitado e árido.

# 26

## *O deserto, primeiro dia*

O sol se despede de um dia complexo. No horizonte, o laranja tinge as montanhas que já estão escuras com a chegada da noite. Terconanto está andando há tanto tempo que se esqueceu do que o levou ao deserto. Por onde correm os olhos, vê apenas um cenário horizontal. Como numa foto panorâmica, ele percebe, seguindo a linha do horizonte, que seu planeta é redondo. No íntimo, alegra-se com a pequena constatação de que nem tudo que tem vivido e aprendido é equívoco.

A treva do ressentimento bate em suas lembranças como tempestade em vidraça quebrada. Flashes, recortes de momentos, fotos de alegria e retratos de afetos. Tudo está bailando nas paredes de sua mente. Já não sabe se é real ou se é alguma vontade premente, que ficou na fila de espera das realizações adiadas. Seu peito arde. É uma dor sem cortes e ferimentos aparentes, porque ocorre na alma. Banhado em suor, agradece o alívio da chegada da noite. Está com sede. Muita sede.

A aridez da paisagem soma-se à de seu íntimo. As incertezas se empilham, como jornal velho, atravancando os sentimentos. Suas recordações estão aguçadas. Lembra de sensações que tomam aos poucos corpo e ganham nome. O cheiro doce e quente que lhe vem nas suas lembranças afetivas é de sua mãe, que agora ele sabe que é terráquea. Ao aroma de lavanda fresca, dá o nome de Hod. A sensação de aconchego e total proteção de braços verdadeiros vem com o nome de Chokmah. Sabores também o revisitam neste mar de emoções: os sucos refrescantes de jabuticabas e de peras do pomar do Hejm-o, às tardes, à beira do lago, quando os mestres essenciais ensinavam os prazeres de estar na água e as bênçãos de viver momentos como aqueles. É grato por isso. Daí a dor que está sentindo na alma.

Há pouco, era um treussiano de nascimento, cujos pais o entregaram à casa de educação para ter instrução aprimorada. É realizado profissionalmente, como tutor e orientador. Convive com pessoas lúcidas, inteligentes e sábias. Possui bons amigos, tem acesso à boa comida. É amado por todos, e a recíproca também é verdadeira.

Por isso, para Terconanto, nada dentro dele justifica sua saída do paraíso direto para o inferno. Possui muita informação sobre a Terra. Sabe que os habitantes de lá passam por momentos complicadíssimos, e que as escolhas de seus líderes estão levando todos a uma rota de colisão – algo muito parecido com o que Tintus está vivendo. Terconanto sabe que está em uma encruzilhada, e o caminho pelo qual irá optar mudará todo o rumo de sua vida.

*Mas deve ser uma escolha que venha do coração*, sentencia para si. A noite cai rapidamente, trazendo consigo um vento cortante que se infiltra por sua túnica de algodão cru. Os fios esgarçados pelo uso e desprendidos da costura da sua vestimenta parecem zombar dele, enquanto sua pele começa a gelar. Mesmo com todo o seu conhecimento, ele não sabe como se proteger do frio implacável do deserto. Quando o sol se põe, a temperatura começa a despencar, podendo atingir números negativos.

Terconanto sente calafrios. Bate o queixo sem parar e sua em excesso. Entre delírios e raros momentos de lucidez, ele se autodiagnostica com febre. Clama a Dio para cuidar dele. E cai num sono profundo. Dorme por umas quatro horas. Ao abrir os olhos, vê o céu mais estrelado de sua vida, com incontáveis cacos de luz no escuro véu. Ele sente um calor vindo de chamas bem próximas a ele e um cheiro de pão assando. Que sentimento delicioso e acolhedor. *Deve ser uma dessas doenças do deserto, em que a mente constrói realidades erguidas da vontade e da necessidade*, pensa. Vira-se de lado e encontra pequenas labaredas bailando como crianças alegres, vestidas de laranja, amarelo e vermelho, numa brincadeira de pular. Abre e fecha os olhos devagar e repetidamente. Vê as chamas do espectro azul começarem a tomar conta da fogueira. As flamas pequeninas dos matizes alaranjados abrem caminho para que as cores azul e verde predominem e reinem sobre a fogueira. Então, num clarão de muitos tons de verde, se vê olhando para uma floresta pungente. Terconanto pode sentir o frescor e a energia vital que passeiam por entre as árvores como brisa. Ele enche os pulmões de ar e se dá

conta de que não existem mais dores, nem as causadas pela mente e nem as causadas pelo corpo. Sente-se extremamente bem, em conexão com a vida abundante ao seu redor.

Um caminho iluminado surge à sua frente e ele vai em direção àquela fonte de luz. No percurso, ouve os pássaros emitindo sons de alerta, avisando às criaturas que ali habitam para se esconderem. Terconanto sente o batimento acelerado dos corações dos animais camuflados, aguardando a sua passagem. E assim, entre abrir e fechar de olhos, encontra-se à beira de um enorme penhasco. Vê um vale imenso, com muitas cidades. De repente, encontra-se respirando um ar cinzento. Escuta gritos estressantes de buzinas, sirenes desesperadas, queixume baixo das mentes dos terráqueos, que se aglomeram em pontos de ônibus, com feições cansadas e desesperançadas.

Seu corpo está sem consistência, o que permite a ele passar por meio de prédios, carros e pelo coração da multidão. Sente as angústias de cada indivíduo solitário, seus anseios e temores. Pressente algumas alegrias e esperanças, que estão ali guardadas, prontas para saírem de suas caixas e acenderem a alma de seus portadores. Uma alegria invade seu espírito. Ele vibra com as orações e com a fé de milhares de cidadãos em gratidão ao Criador pelas suas vidas e pelos milagres alcançados. Percebe que o Amor fez morada em cada uma dessas pessoas. Vê também a dinâmica de erros, os arrependimentos, a redenção e os acertos. Muitos deles combatem o bom combate, construindo em seus espíritos escadas para o divino, o que faz brotar de seu peito uma luz

diáfana, com uma leve coloração dourada.

À medida que essa luz se transforma em um túnel de luminescência lilás, ela impregna todos os seus corpos: físico, alma e espírito. A luz continua a se expandir, envolvendo todo o cenário: pessoas, prédios, carros, fábricas, animais e árvores. Em um estalar de dedos, tudo gira rapidamente, e o cenário se despedaça em milhares de partículas. Ele ouve uma voz que já conhece de algum lugar de suas memórias afetivas:

— Logo o pão estará assado. Tem chá quente também, um pedaço de torta de sekigitaj fruktoj<sup>40</sup> e mielo<sup>41</sup>.

Terconanto se levanta, sente uma pontada aguda no meio de sua testa e volta a deitar. Uma mulher caminha em direção a ele, aparecendo em seu campo de visão. Ela está com uma mantilha cor de violeta que cobre uma parte dos cabelos encaracolados, numa trama de fios brancos, cinza-escuros, formando uma cascata de cachos. Seu rosto é bronzeado, e nele há marcas de vida. É dona de um olhar doce e brilhante, como se todo o amor morasse ali. Sua voz é pausada e carrega um leve sotaque de uma língua que ele não reconhece de imediato. A mulher sorri. Passa o braço pela nuca dele, sustentando seu corpo. Terconanto consegue se sentar e aprumar a coluna. Concentra-se em sua inspiração e expiração para sentir o corpo e perceber onde irá colocar a respiração de cura. Já tinha vivenciado isso em muitos exercícios de meditação e deu resultados. Constata que grande parte do desconforto é o cansaço e a falta de chão. Tiraram tudo o que ele tinha como certo: sua

infância no Hejm-o, a confiança cega nos mestres, o carinho e a devoção de Hod Sadjo, seus alunos, sua vida em Treuss. Nada será como antes. A mulher capta os pensamentos e fala:

— A única certeza é que nada permanece imutável. Ninguém é dono dos próximos segundos, embora julguemos ter o domínio de tudo. Nada é, apenas parece que é. Tudo está sendo construído com a nossa anuência. É bom estar ciente disso, para que suas construções sejam saudáveis e beneficiem o maior número de pessoas possíveis. Esta é a razão de existirmos entre o céu e a terra. Devemos acolher o que nos é colocado pelo Kreinto, isto é fé e confiança. Nossa visão é limitada. Somente Ele é onisciente, onipresente e onipotente, e por isso permanente. Não se pode esquecer disso, filho.

— Passo por um momento de reflexão, mulher. Como você pode saber o que está em meu coração?

— Os corações trazem as mesmas incertezas. Ora em uns, ora em outros, somos muito mais semelhantes do que diferentes. Sei o que está no coração, pois também tenho um. Também tenho as minhas dúvidas e sei que bons resultados dependem do próximo passo que damos e das escolhas que fazemos. Há decisões que mudam o rumo que tínhamos traçado para as nossas vidas. Outras escolhas são difíceis, principalmente as que sabemos que podem favorecer um contingente. Eu sei por experiência. Mas uma boa decisão deve ser tomada primeiro aqui (aponta para o tórax) e depois aqui (aponta para a testa). É preciso educar a sua mente para obedecer ao seu coração e agir. As decisões sábias têm dois componentes: a consciência e a ação.

Ter somente a consciência do que deve ser feito, não basta. Tem de fazer.

A mulher retira a caçarola do fogo e a vira em cima de uma travessa rústica de barro. Ela pega o pão e o chá, e serve o rapaz, que a olha desconfiado. Terconanto aceita calado o prato e a caneca. Está com fome, sede e carente de acolhimento e cuidados. Sorve o pão e o chá, como se nunca tivesse comido. Ele sente os alimentos nutrindo seus órgãos. O corpo se alegra com o que ele ingere em silêncio, enquanto a alma digere as palavras da mulher, que falou acerca da prepotência. Admite que o conhecimento que sempre buscou, dedicando-se até demais e se sobressaindo junto às pessoas, pode se tornar prepotência. Hod Sadjo fala sobre isso insistentemente, pois ela luta contra essa tendência, que é seu maior peko<sup>42</sup>. Ouve em sua cabeça a voz da mestra e repete baixinho:

— A erudição não pode nos afastar das pessoas. Muitos dos seus conhecimentos são legados de antepassados, portanto herdados, compartilhados com você, e não exclusivos. Aprenda com as emoções, desbloqueie seu coração para sentir. Saiba que existe inteligência e intuição nos sentimentos. As palavras ditas podem nos enganar. O nosso sentimento em relação a determinadas pessoas e condutas, não.

Terconanto respira fundo e aliviado. Termina sua pequena ceia, deita-se e não demora a dormir.



*O deserto,  
segundo dia*

O amanhecer é lindo. Céu azul, sem nenhuma nuvem, e sol amarelo radiante.

Terconanto acorda de uma noite bem dormida. Nem sonho teve. Abre os olhos, procura pela mulher, mas não a vê. A quietude lembra incessantemente que ele está no deserto. Enxerga as brasas, mas não há mais fogueira. Ao lado dele, há uma bilha cheia de água fresca. *Onde a mulher teria encontrado água, e ainda fresca, naquele cenário inóspito?* – pensa.

Ele continua confuso. Não sabe ao certo como havia chegado no deserto. Mas o maior mistério para a sua mente analítica é o que aquele ser doce e confiante fazia no meio do nada, cuidando dele. De repente, ele vê a mulher se aproximando. Ela veste um manto cinza-claro e seu caminhar é lento, mas preciso, revelando firmeza de quem sabe por onde anda. Nota que carrega algo dentro das dobras de sua vestimenta. Isso o lembra de sua

infância, quando apanhava muitas frutas e não conseguia carregá-las nas mãos, então contava com a ajuda da parte de baixo de sua camisa para transportá-las. *O que ela teria colhido no meio do deserto?* – pergunta a si.

A mulher chega envolta de luminosidade e, apesar do calor, não está suando. Levemente ofegante, abre um sorriso encantador, saudando Terconanto:

— Lindo dia! Cheio de promessas!

— Só se for de calor.

— Vejo que a noite não restaurou seu equilíbrio. Devia caminhar para ver a paisagem.

— Esse cenário não muda. Estamos no deserto.

— Pensei que tivesse olhos mais treinados. É preciso ver, não apenas olhar. Nada é estático. Se for um bom observador, e acredito que seja, verá que a cada momento o sol incide de maneira diferente nas areias. Daqui a instantes, elas, que parecem ser da mesma cor, ganharão outras tonalidades. E o vento faz com que as pequenas dunas se movimentem, formando novos cenários. Até suas pegadas sumirão. Tudo é efêmero.

Ela se senta em frente a Terconanto para reviver as brasas. Retira de dentro de seu alforje um pano escuro, dobrado com maestria.

— Vou precisar de sua ajuda. Faremos uma tenda para nos abrigarmos do calor – diz, estendendo o tecido.

— Mas não temos onde fincá-lo.

— Talvez aqueles lenhos ali possam servir – aponta para um local

mais adiante. Terconanto olha perplexo para o feixe de madeiras, logo adiante, enquanto ela continua a falar:

— Sua fé na divina providência anda curta, rapaz.

O sol está bem em cima da cabeça deles. Terconanto abençoa a sombra que se projeta no pequeno acampamento que tinham montado. Está curioso acerca do manto que a mulher veste. Dali, como mágica, sai quase tudo que compõe o lar transitório. Na noite anterior, havia trazido batatas e legumes, que preparou cozinhando na panela. Ao lado da pequena fogueira, em cima de um pano branco e grosso, frutas apetitosas esperam para ser consumidas. Eles comem em silêncio. Ao terminarem, a mulher pergunta:

— O que aflige tanto o seu coração e perturba seu juízo?

— A história é longa e tenho a impressão de que já a conheço. De modo que lhe digo apenas que não aceito o que alguém predestinou para mim nem o que profecias dizem sobre minha pessoa. Sou dono do meu caminho.

A mulher ri e olha para ele, como uma mãe olha para um filho pequeno que diz que é um gigante imortal.

— Ninguém é dono de seu próprio caminho. Isso é uma ilusão. Claro que as escolhas são suas. Mas um dia a conta chega. Você pode empurrar as coisas que sabe que deve fazer para mais adiante. É uma escolha. Mas um dia, em seu caminho, elas chegarão inevitavelmente. E, na maioria das vezes, vão chegar muito maiores do que eram.

Dito isso, vira-se para pegar as frutas para os dois. Terconanto escolhe um punhado de tâmaras suculentas.

— Você já ouviu falar da Terra? —, pergunta Terconanto.

— Sim, o Planeta Azul. Lindo.

— A Terra tem mais de sete bilhões de pessoas sugando toda a matéria-prima que sustenta a vida delas. O que há de belo nisso?

— Eles estão no processo, filho. O amadurecimento leva tempo e muitas vezes deixa marcas profundas. Podemos crescer sem muito sofrimento. Dio sempre manda oportunidades para isso. Mas a arrogância em acreditar que somos operantes sobre a vida que temos nos faz descer até o fundo do poço para pegar impulso e subir. É uma escolha! Mas se temos confiança e serenidade, tudo se ajusta. A vida é como um caminhão de abóboras, se guiamos o veículo com tranquilidade, o sacolejar do caminho faz com que as frutas se acomodem perfeitamente, sem que nenhuma caia pela estrada. Como diz minha sábia amiga Rita: assim será também com a Terra.

— Não tenho muita paciência para a ignorância.

— Treuss nem sempre foi esse planeta róseo que você conhece. Também teve seus ajustes.

— Eu sei, ou melhor, ouvi falar. Mas querem que eu vá para lá resgatar quem não quer ser salvo.

— Ninguém salva ninguém, rapaz. Você pode contribuir, orientar, assim como faz com seus educandos. A Terra pode te surpreender. Existem pessoas inteligentes lá e conectadas no bem, no espírito da verdade. Os terrá-

queos estão ávidos de boas novas, de alternativas. Todos os rios, uma hora ou outra, chegam ao mar. Então, com a sua ajuda ou não, eles encontrarão seu caminho. Sua estada lá pode ser um atalho. Uma luz a guiá-los na escuridão dos tempos.

— Mas eles já sofrem as consequências de suas escolhas. O clima está mudando rapidamente e já sentem na pele as instabilidades que isso causa. E pensa que isso os acordou? Lançaram na atmosfera mais de 40 milhões de toneladas de gás carbônico, destruindo nesse tempo cerca de três milhões de hectares de florestas. Os mares estão recuando, animais são extintos muito rapidamente, existem mais epidemias por conta destes desequilíbrios e mesmo assim permanecem assaltando o banco da natureza, sem ter como pagar. Creio que essa dívida será paga com catástrofes cada vez piores. Não me sinto na obrigação....

— Concordo que não seja uma missão fácil. É extremamente desafiadora, sim! Mas é porque precisam de líderes conscientes e comprometidos e não fazem boas opções. Tudo é aprendizado. Um jogo de erros e acertos, um exercício.

— Estudei bastante muitos planetas, principalmente a Terra e Tintus, que são, como disse mestre Chokmah, irmãos de nascimento. Os desequilíbrios não param por aí. As diferenças sociais são calamitosas. Imagine que o número de pessoas obesas na Terra é duas vezes maior do que as que passam fome. Se os que comem muito comessem menos, poderiam zerar esse número. Mas nada fazem. Para mim, isso tem um nome: ignorância.

— Números e números. Mais uma mania do povo da Terra. Por trás desses números existem pessoas e situações. Não julgue tão drasticamente aquilo que você não conhece. Eu digo que a ignorância é uma espécie de escuridão. Para ver, é preciso da luz, no caso, a luz de uma sabedoria maior. Estão com os olhos fechados, adormecidos, entorpecidos por mensagens subliminares dos que mantêm o poder. São treinados para estudar, seguir uma carreira, casar, ter filhos e netos. Eles seguem o manual que alguém escreveu sobre uma vida que aparentemente dá certo e o seguem porque, antes de tudo, têm medo. E o medo é a ferramenta largamente usada para subjugar a população. Os terráqueos estão em sono profundo, distraídos pelo Sistema em que vivem.

— Isso mesmo. Os terráqueos sofrem de uma distração acelerada. Tudo é feito para manter as coisas como estão. O medo é imposto todo dia para mantê-los fragilizados. Medo de perder o emprego, de ficar doente, de não estar adequado, medo do futuro. Medo de amar e se comprometer. O medo é o que paralisa a comunidade da Terra. Se em Tintus tudo é feito pela quantidade de lardos, diria que na Terra a necessidade de Dio é substituída pelo dinheiro. A ideia é que a segurança de ter o dinheiro afasta o medo. Como ele não compra tudo, fica um enorme vazio na vida das pessoas. Então, tudo é movido para preencher este buraco na alma.

— Não sou bom em tapar buracos, mulher. Nem os meus, nem os dos outros.

— Tenha certeza de que, se foi chamado a servir, é porque tem os elementos para isso. Dio não se engana quanto à qualidade de seus escolhi-

dos. Basta que você aceite de coração a tarefa. Isso vai lhe dar convicção e encher seu peito de amor. O amor é o melhor remendo. É uma escolha, não só um sentimento. Você irá aprender a compaixão e a empatia. Só elas efetuam as curas necessárias. Os terráqueos precisam despertar, e eu digo uma coisa: a Luz nunca esteve tão acessível como agora. Seu trabalho será mais fácil do que imagina. É preciso semear entre eles a cooperação, porque precisam entender que a soma de todos, na mente coletiva, pode mudar os rumos da Casa que habitam em minutos, levando em conta o espaço de tempo da Terra.

Enquanto mastiga o que resta de sua última tâmara, Terconanto concorda:

— Mulher, vou seguir seu conselho e caminhar nesta paisagem tão diversa – disse brincando. Logo volto.

— Que o Espírito da Verdade lhe faça companhia.

Terconanto absorve as palavras simples da mulher. Também se lembra de pedaços de seu sonho, aquela vivência fora do corpo físico. Tinha uma leve ideia de onde esteve. Na Terra em suas matas diversas e exuberantes, no começo de sua existência no planeta. Nas cidades frias e sujas, mas também com gente de coração quente e limpo, as habitando. Tem a nítida impressão de que precisa sair da sua zona de conforto, do que é conhecido. Tem pânico de se comprometer tão profundamente com pessoas e de lidar com a volatilidade das relações, no entanto, o seu compromisso é com uma causa. Se colocasse as coisas desta maneira, talvez pudesse responder a este chamado.

A reflexão continua com a caminhada. Andar lhe devolve a lucidez e ordena as ideias. Pede, neste momento, que a verdade se apresente a ele. Como a aversão a algo é também um elo, começou por aí. *Por que essa ojeriza à Terra? Do que tem medo? Pelo que se pode entender, a Terra é o planeta de seu nascimento. Como então foi parar em Treuss?* Este vácuo o incomoda. Apesar do DNA terráqueo, como disse Chokmah, não se sente ligado ao planeta ou, pelo menos, responsável pelo que ocorre lá. Precisa entender esse vazio entre seu nascimento e sua criação. Sim, este era um ponto importante para aceitar o seu destino. *Afinal, que tipo de mãe renuncia a um filho?* Ali morava sua amargura. *O que moveu essa mulher a abandoná-lo?* Se conseguisse a peça que falta nesse quebra-cabeça, poderia, sim, aceitar o desafio. A vida em Treuss é segura, mas ele precisa de novos desafios.

A tarde chega tingindo o cenário de um vermelho intenso. No céu, as luas de Treuss vergam no horizonte, prontas para assumir o firmamento. Terco-nanto deita para descansar um pouco, pois está distante do acampamento provisório. É nesse lugar que tudo acontece.



*O deserto,  
terceiro dia*

Está escuro, silenciosamente escuro. E ali habita o que ainda não era. A água em que faz morada é morna, aconchegante. Seus olhos ainda não estão abertos para a luz. Sente um profundo amor, não há palavras que possam descrever. É o mesmo sentimento do Criador quando fez suas criaturas.

Na quietude vazia, o som gostoso da voz dela às vezes ressoa, como uma linda música. A intimidade do cordão, que liga seu corpo ao dela, pulsa em cadência, como um segredo existente somente entre eles. O mundo que conhece se resume às batidas compassadas do coração de sua mãe. É o milagre de dois corpos em um.

Ele não tem nenhuma ideia sobre o que é tempo. Apenas percebe que o espaço em que habita está diminuindo. Está maior e não consegue mais se mexer com tanta desenvoltura. Em um dos volteios costumeiros, encaixa-se no que parece ser um longo túnel, com uma porta dura, onde sua cabeça

está posicionada. De repente, algo acontece. A parede que abriga sua moleira vai se abrindo, formando uma passagem. Ele começa a descer por este canal. É estreito, cada vez mais apertado, comprimindo cada ossinho recém-formado. Seu coraçãozinho fica agitado. Por um instante, como se toda a luz entrasse pela sua boquinha, traz ar para o peito. Nos olhos enevoados de quem vê seu amor pela primeira vez, tudo ganha um brilho singular. O ato de dar à luz se manifesta de forma literal e intensa. Do outro lado, uma aura radiante se espalha, trazendo revelações antes invisíveis. Esse despertar trouxe à tona novas percepções, e ela recebe essa luz que revela e transforma partes escondidas de si mesma.

Ele acorda com os olhos molhados e com a cabeça no colo da mulher do deserto. Ela acaricia os seus cabelos negros e canta uma música baixinho, em um embalo com todo o corpo, nas ondas da serenidade. Não fazia tanto calor, e a sensação é tão boa que ele não quer abrir os olhos e sair daquele leve torpor. A mulher não percebe que ele despertou e continua a cantar, buscando na sua memória as cantigas que as crianças gostavam de ouvir.

A manga de sua túnica está levantada até a altura dos cotovelos, deixando os braços livres para acarinhar. Assim, bem perto de seus olhos, ele vê a estrela do Eneagrama, símbolo dos iniciados do Hejm-o, no punho dela. Sim, sua mãe também é filha daquela casa.

Sua idade e gestos revelam que ela é da Ordem do Valor, um grupo nobre

que servia ao Hejm-o, dedicado a todas as humanidades, não importando o planeta de origem. Sua curiosidade é reacesa. Após um longo tempo sem sentir esse contentamento, ele abre os olhos e sorri, sentindo-se renovado.

— Notei a marca da estrela em seu punho. Você é filha do Hejm-o?

— Sim, por isso posso estar aqui. Não é usual ter companhia quando se vai ao deserto, mas você clamou e Dio escutou.

— Tive uma vivência espetacular. Estive no ventre novamente. E mesmo estando no lugar mais confortável que se possa imaginar, tive que nascer para o mundo.

— Essa é a nossa maior aventura. Assim será por toda a existência. Sempre que crescemos, temos que mudar de roupas e sapatos. Tudo em nosso corpo se desenvolve. Nossa pele estica, os órgãos amadurecem; essa é a fabulosa dinâmica. Quando queremos parar em alguma parte do caminho, atrasamos o processo natural da evolução de sermos, um dia, um com Dio.

— Talvez, eu não caiba mais nesta paisagem. É preciso buscar novas paragens.

— Somos um milagre da Criação e, se tivermos consciência disso, temos que servir. A vida ganha sentido assim. Quem tentar ganhar a vida irá perdê-la.

— Mas agora senti o porquê do vazio que sempre me acompanhou, mulher. Minha mãe é uma terráquea. Por que me deixaria no Hejm-o, se um dia eu deveria voltar para o Planeta Azul?

— Às vezes, não compreendemos esses desígnios. Mas a fé e a con-

fiança nos levam à aceitação de que algo maior age em nosso destino. Sua mãe o trouxe à luz da vida. As mães são as mãos de Dio no convívio dos homens. Uma vez encontrei uma mulher no mercado que carregava seu filho doente. Ele já era um rapaz e devia pesar mais do que ela. Mesmo assim, ela o carregava no colo, com a força e a segurança que só poderiam vir de quem deu a ela essa incumbência, Dio. Isso me marcou muito e entendi que as mães são guardiãs e autoridades sobre o espírito de quem geraram.

— Você teve filhos? — pergunta Terconanto à mulher que agora está com os olhos perdidos, como se estivesse se lembrando de seu sofrimento.

— Sim, tive, sim. E o sagrado ofício fez com que fosse criado longe de mim. Mas não há um dia de minha abençoada vida que não ore por ele. O deserto não é lugar de parada, filho. Serve para estar só, situar-se e encontrar Deus. Ele é apenas uma passagem. Não se demore nele. Agora preciso me pôr a caminho. Ela abre os braços e silencia Terconanto num abraço sem tempo. Ficam ali perdidos dentro do menor espaço entre as emoções. Em seguida, a mulher faz uma prece no ouvido dele:

— “Mi amas vin, mi benas vin, mi metas vin en la manojn de Dio”<sup>43</sup>.

O cheiro dela fez com que Terconanto perguntasse, sem pensar:

— Mulher, como é seu nome?

— Tenho tantos nomes. Mas pode me chamar de Miriam.

Então, com um lindo sorriso maternal, ela começa a se afastar olhando para ele. Num dado momento, vira-se de costas e segue seu caminho. Terconanto cai no sono.

---

164 | <sup>43</sup>Tradução livre do esperanto:  
Eu amo você, eu abençoo você, eu coloco você nas mãos de Deus.

— Veja, você voltou!

Anima-se Hod Sadjo, que começa a molhar o rosto de Terconanto com um pano úmido de uma mistura fresca de folhas de alecrim-do-campo.

— Amado seja Dio! Como está, filho?

Terconanto abre os olhos e vê o rosto da sábia tutora e da mãe que conhecera. Ainda sonolento, sem saber o que havia acontecido, tenta se levantar, mas é impedido por Yesod.

— Calma, disse ela. Respire e habite-se antes de levantar. Sua alma continua agitada após tantas caminhadas. Então ele vê as conhecidas paredes da Mastro Domo. Seus vitrais coloridos estão apagados e refletem timidamente a luz que vem de fora. É quase noite em Treuss.

— O que aconteceu? Eu estava...

— Você desfaleceu, filho. Ficou desacordado por um tempo. Você está bem? – pergunta Chokmah.

— Estou, mestre. E vou fazer o exercício da respiração para que as

ideias voltem a seus lugares.

Mesmo assim, com os pensamentos um pouco embaralhados, nunca esteve tão lúcido. Terconanto se levanta e apruma sua postura para que a energia circule equitativamente em cada parte do seu corpo, preenchendo todos os chacras com vitalidade.

— Queridos mestres e anciãos, caminhei pelo deserto para me encontrar novamente. O deserto, como me disse uma mulher, não é lugar para ficar, apenas um caminho para encontrar Dio e a si. Estou pronto para a oportunidade que eu tenho de servir. Minha resposta é Jes<sup>44</sup>.

Olhando ao redor, Terconanto sente a energia vital de todos ali se juntarem à sua, numa prece de fé e confiança. Chokmah aproxima-se de seu filho e pupilo preenchido de uma imensa alegria.

— Seu sim, meu filho, fez nascer o Novo Homem a partir de seu interior. O velho homem foi quebrado. E assim, durante a sua existência, muitas mortes irão se suceder. Como roupas que não servem mais, pois você cresce. Terconanto fica surpreso, como se a última peça de um imenso quebra-cabeça fosse colocada na posição correta.

— É por isso que me foi dada a revelação de minha gestação, do meu parto e do meu nascimento.

— Nascer é nossa primeira morte, filho. Dio lhe deu essa experiência para poder compreender a necessidade de aceitar, de peito aberto, aqueles desafios que o Criador coloca como aparentes obstáculos. Assim,

aceitando essa quebra do velho homem, poderemos Ser novos no Espírito, nossa chama interna, a parte que interessa ao Criador. O resto é casca, apenas um recipiente, templo para o Espírito, daquilo que somos consubstanciais ao Pai: nossa verdadeira semelhança com Dio. Somente quebrando o velho homem, você virá a ser o que É.

E, virando para olhar nos olhos do sábio da Terra, Chokmah diz sorrindo de contentamento:

— Mais uma prova de que Energio antaŭas la materion<sup>45</sup>.

— Você deve partir quanto antes, Terconanto... — diz Hod Sadjo, que continua: pensamos que talvez queira levar alguém junto. Todos os mestres estarão conectados em essência com você o tempo inteiro, sabe disso. Mas seria bom ter a companhia de uma pessoa.

De algum ponto esquecido da sala, ouve-se outro sim.

— Jes! Vibra Pacífico Pigro. Se meu tutor e irmão de Hejm-o me aceitar como companhia, serei grato a Dio. Eu celebro o Novo Homem em mim. Eu festejo o novo homem em nós!

E todos que estão no Salão Estrela vibram com ele.

---

<sup>45</sup>Tradução livre do esperanto: A energia precede a matéria.

# 32

## *Tintus, a morada do caos*

Um cinza triste paira sobre a atmosfera do planeta.

Membros da Polícia Secreta, com máscaras de oxigênio sobre o nariz, caminham apressados em direção ao hangar 15. Sob uma das máscaras está o rosto rechonchudo de Regina Fiestro. Todos eles correm atrás do tempo para preparar a última nave, que partirá dali com os nove Ministros da Cúpula Heghuânica e alguns outros poucos convidados seletos.

Em vários pontos do planeta, furacões dizimam cidades inteiras em poucas horas; tempestades intensas arrasam vilas e aldeias; o mar, que havia se retirado das praias meses antes, volta com a fúria de ondas gigantescas do tamanho, corre o boato, de montanhas e cordilheiras. A fome, a sede, além de doenças nunca vistas antes, aniquilam populações inteiras de todas as idades: crianças, jovens, adultos e os raros idosos de Tintus. Nem os ricos, que integram o segundo e terceiro nível da Cúpula, conseguem escapar.



Todos estão sucumbindo pelo descaso sistemático de gerações que governavam o planeta. É como se, de uma única vez, fossem cobrados todos os pecados, omissões e iniquidades do coletivo imaginário de Tintus. Mas, como sempre diz Regina Fiestro, não há pecado sem pecadores.

Regina tem uma pedra no peito e uma que contorna a sua garganta. O mundo que a jovem conhecia está expirando. Agora, além da perda da mãe – o pai já havia falecido de infarto –, ela está sem casa, e Tintus está acabando. É mais uma entre os milhares de refugiados, “os sem planeta”, que tentam atravessar o espaço em busca de alguma promessa de sobrevivência, mesmo que efêmera. Fiestro odeia se sentir frágil. A tensão que sente, misturada à pressão e ao ódio, a faz morder os lábios com tanta força que um filete de sangue misturado à saliva escorre por baixo da máscara de oxigênio.

Sem tempo para autopiedade, corrige-se desse possível ataque de fraqueza. *Preciso estar naquela nave, com a Cúpula*, fala para si mesma. Estufa o peito e segue com os demais mascarados, pedindo ao espírito dos abstratus velar por ela. Sente que uma nova versão da Regina ressurgiu de uma velha.

O Comandante Petrarianos é o chefe dessa expedição de aflitos, verdadeiros sobreviventes dos últimos dias de Tintus. O planeta dá seus suspiros finais. A cosmonave está guardada no hangar 15 do QG da Cúpula do Palácio de Metal, perdida nas glórias que teve um dia o Programa de Expedições de Busca a Planetas Self Services – PEBPS.

A nave está em perfeito estado, apenas sem combustível para a viagem até a Terra. KÔ é enfático na ordem, ao telefone:

— Quero essa astronave pronta agora para sairmos de Tintus antes do anoitecer.

Fato que foi solucionado com o corte imediato da energia gerada pelas últimas usinas nucleares, que alimenta pouquíssimos hospitais.

Pelas janelas centrais, o piloto vê o que um dia foi sua morada. Lembra-se de quando era pequeno: nos dias quentes, corria pelos campos extensos e verdes da planície de Verdus. Quando se cansava, mergulhava no rio gelado que corria ao lado das altas montanhas. Ele se conecta com o passado e sente a plenitude daqueles momentos. Suspira profundamente e volta a sua atenção para alguns populachos, bem ao longe, que disputam a socos e tropeções algum item que passa de mão em mão.

A van, que trará o primeiro escalão do governo para o hangar 15, está atrasada. Em breve, suspeita Pretarianos, será difícil manter esse veículo longe do desespero da população, que busca salvar a própria pele. Uma sensação de empatia surge, logo substituída por uma sequência de afirmações que ganha voz:

— Tudo pelo Sistema. Nossos Ministros devem ser poupados para poderem explorar outros planetas. Se alguém deve sair ileso desta catástrofe, são nossos líderes e eu, que sou o piloto.

Ud é a última a chegar à van. Foi difícil escolher o que levar para a Terra. KÔ alertou sobre o pouco espaço disponível, somente para uma malinha. Ela acondicionou sua pequena bagagem em duas bolsas, que não chegam a ser malinhas, mas é o que tem para o momento. Caprichou no visual. Vestiu seu tubinho de onça, com malabarismo, pois tinha engordado um pouquinho. Vale o sacrifício, KÔ ama esse vestido. Ud coloca um sorriso no rosto para firmar as bochechas caídas e mostrar os dentes. Acredita ela que assim fica mais jovem. Não sabe ao certo o clima da Terra, mas ouviu dizer que nem mesmo os terráqueos sabem, pois as mudanças não definem as estações. Então, leva um pouco de tudo.

Ela irá com o status de Secretária do General. Ele havia dito que seria o conselheiro direto de pelo menos alguns presidentes e líderes de países locais. O comando é segmentado lá, mas isso mudará quando KÔ mostrar sua liderança nata.

A van está em frente ao edifício de Ud. Ela continua em seu apartamento, checando os últimos itens. Coloca os óculos escuros e o chapéu, e cruza os dedos para que ninguém a reconheça. Antes de fechar a porta, tira uma foto “mental” da sala. Surge uma imensa vontade de chorar, mas segura; ela não irá borrar sua maquiagem, um dos motivos de seu atraso. Caminha em direção ao elevador discretamente. É preciso ter muito cuidado para não chamar a atenção da vizinhança, que é contrária à sua posição na sociedade. Até os ricos estão revoltados. Ud entra no carro. A van, com todos os integrantes da

Cúpula, circula em velocidade reduzida. O que se vê no percurso é desesperador. Há centenas de corpos espalhados pelas ruas, uns mortos e outros meio vivos, praticamente zumbis. Irt havia alertado KÔ de que os ajuntamentos fariam parte do cenário. E que quanto menos a van chamar a atenção deles para a saída do planeta, melhor.

Sês e Seslam estão lado a lado como sempre, mas alguns passos à frente dos outros Ministros. Como já sabiam que o caos iria se instalar em Tintus, por conta do número de insurgentes crescer vertiginosamente, os gêmeos já vinham mantendo contatos com grandes empresários da Terra. Ficaram sabendo também que nem todas as empresas terráqueas são S.A., algumas têm donos, inclusive que a população conhece, pois mostram seus rostos em capas de revista. Eles comentam sobre isso com Irt, que ri da situação e fala para eles:

— Imaginem se os donos da S.A. de Tintus expusessem seus rostos na mídia. As revistas e TVs, inclusive as estatais, mostrariam incessantemente a imagem de KÔ, de Pês e, algumas vezes, a minha. Já me resenti por não ser destacado em meu papel de empresário. Hoje, agradeço por isso não ter acontecido. O anonimato salvou a minha vida. Os gêmeos concordam gesticulando a cabeça. Irt pensa, mas não fala: *Na Terra, tudo será diferente. Eles continuam verdes, um pouco ingênuos. Há um campo promissor para as minhas ideias. Lá será mais fácil galgar o primeiro lugar no pódio. KÔ estará vivo para ver este dia, mas só este dia. Assim que chegarmos ao nosso destino, irá se encontrar com Kelm Nuson, o homem mais rico e um gênio da tecnologia na Terra.*

O General assume a direção da van, mantendo-se na sensação de controle que ama. Esse veículo é um dos itens de sua coleção, a última versão do modelo mais luxuoso do planeta. Todas as funções do utilitário obedecem ao seu comando de voz. É poder na forma mais pura da palavra.

KÔ já não encara sua ida à Terra como uma derrota. Enxerga grandes oportunidades lá. *Só preciso causar a impressão certa, aterrorizá-los, colocá-los no devido lugar. Esses presidentes vão conhecer o que é força e domínio.* Já tem encontro marcado com Lord Dampnut, um dos maiores líderes do planeta Terra, e assegurou para si o cargo de Conselheiro pessoal. *Todos eles virão como criancinhas para os meus braços,* afirma mentalmente enquanto conduz a van. Sem perceber, perdido em pensamentos, o veículo sobe na calçada e atropela muitas pessoas.

O resultado é uma grande confusão. As bagagens que estavam em cima do carro desabam e as malas se abrem, e o conteúdo delas se mistura aos corpos e ao sangue. Mesmo assim, as pessoas disputam com veemência qualquer item para vender no mercado negro. Porém, quando elas percebem a turma que está dentro da van, o que começa com um burburinho torna-se uma grande onda sonora; essa gente desenganada ganhava agora um motivo para existir. Um deles grita:

— É a Cúpula! Vamos pegá-los!

KÔ consegue retornar a van à rua e vai em velocidade ao encontro do hangar 15. Por questão de segundos, os Ministros não são pegos. Eles se jogam

para o interior da nave. Seslam fecha a porta fazendo muita força, pois uma pessoa do lado de fora tenta mantê-la aberta, para a população entrar e linchá-los. O desespero é tanto que nenhum dos integrantes da Cúpula percebe a presença de Regina Fiestro.

Petranianos aciona a partida, o fogo sai pela base do foguete. E a população de Tintus é largada por seus dirigentes. O estrondo da turbina faz com que muitos nadaverianos despertem, assumindo para si a parte da culpa pela realidade que têm. Outros, numa parcela menor, conscientizam-se sobre onde tinham errado. Porém, a grande maioria ainda endeusa os governantes e chora, expressando uma pergunta que carrega um sentimento parecido com o de órfãos ao ver a nave se tornando cada vez menor até se perder no espaço:

— A quem seguiremos?

A nave é muito apertada, um cômodo só para sustentar o ego de todos eles. Pês levou um bolo feito pelos serviços de seu Ministério para celebrar esse dia promissor. Na rota traçada, estão ficando para trás o ar, os satélites e as estrelas. KÔ acende a vela do bolo e puxa o coro, adaptando uma antiga canção de aniversário, e todos, menos Regina Fiestro, seguem:

— E para eles nada! Para nós, tudo!

No silêncio do infinito, rumo à Terra, ecoa a risada uníssona de dez mentes doentias.

*Um quase epílogo*

Terconanto segue confiante em seu não tão novo destino. Já está na Terra, promovendo a conscientização entre nadaverianos e terráqueos. Tornou-se um influenciador digital e apresenta o podcast TVAV, difundindo essa mensagem entre ambos os povos.

Com Pacífico Pigro e Regina Fiestro, Terconanto fundou uma irmandade internacional chamada Núcleo Base. O objetivo dessa iniciativa é identificar pessoas que compartilham valores semelhantes e disseminar informações e práticas sustentáveis para uma população mais consciente. O Núcleo Base já conta com adeptos em todo o mundo, reunindo indivíduos que praticam suas crenças e focam no bem coletivo. Pessoas como você, leitor, que entendem que, na matemática da vida, um mais um é muito maior que dois.

Você e Terconanto estão interligados por mais pontos em comum do que se pode imaginar. Não há coincidência; existe atração: vibrações semelhantes

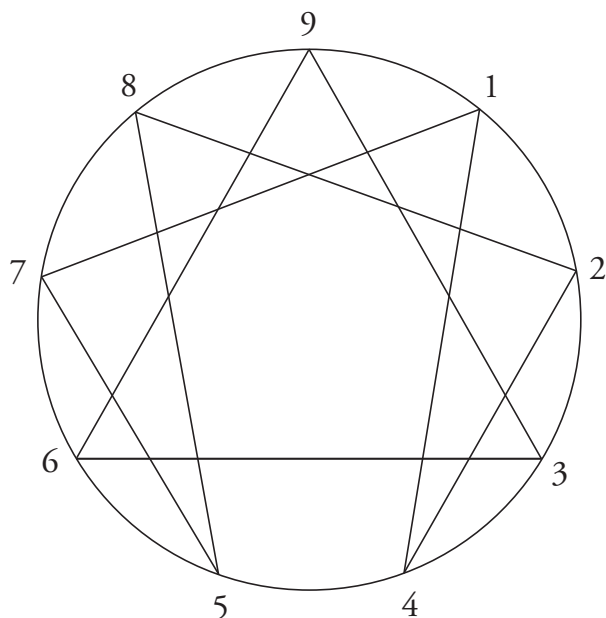
se atraem, ganham força e reverberam. Por isso, o conteúdo deste livro chegou até você e a centenas de outras pessoas. Agora, todos formam uma grande fogueira, iluminando os cantos escuros das almas de milhões e trazendo luz à urgente necessidade de mudança de comportamento. Ainda há tempo, mesmo que escasso, para corrigir a rota e as escolhas feitas por aqueles que comandam este lindo e encantador Planeta Azul.

Toda mudança coletiva começa no nível individual. Você acredita na transformação, pois ela já começou em você. Sente que algo mudou dentro de si desde que iniciou a jornada pela saga de Treuss. A labareda ganhou força e está iluminando partes ocultas de sua alma. A verdadeira batalha é entre aquilo que você expressa com alegria e o que tenta esconder.

Os extremos são ilusões do Uno; afinal, luz e sombra, longo e curto, mal e bem, preto e branco, só podem ser compreendidos um em relação ao outro. A luz não existe sem a sombra, assim como Yin não se separa de Yang, nem Tintus de Treuss. Na verdade, não há opostos; apenas relações. A Terra é essa relação.

Fim. Ou um novo começo?





1. Binah Perfektesta (Essência da Ordem). Unu (Ministro da Manutenção dos Padrões).
2. Chesed Amo Unidjo (Essência do Amor Incondicional). Ud (Assistente Pessoal de KÔ e Secretária da Cúpula Heghuânica).
3. Malkut Indo (Essência da Materialização). Irt (Ministro da Comunicação).
4. Geburah Uniketso (Essência da Unicidade). Ravk (Ministro de Culturas Implantadas).
5. Hod Sadjó (Essência da Sabedoria). Nivk (Ministro das Ciências a Qualquer Custo).
6. Thipheret Fido (Essência da Fé e da Confiança). Ses e Seslam (Ministros da Polícia Secreta).
7. Netzach Festo (Essência da celebração da Vida). Pês, o Magnífico (Ministro e Marqueteiro).
8. Chokmah Vero Povo (Essência da Verdade). KÔ (General da Cúpula Heghuânica).
9. Yesod Patsestra (Essência da Paz). Uan (Ministra da Guerra).

## *Considerações finais I, o Eneagrama e a estrela de nove pontas*

Para conferir profundidade às personagens deste livro, a autora utiliza como base o Eneagrama, uma ferramenta antiga e complexa que estuda os tipos de personalidade e comportamento humanos. Embora sua origem exata seja incerta, o Eneagrama é frequentemente associado a tradições espirituais antigas, como as dos sufis, que o transmitiram de maneira hermética ao longo dos séculos.

O Eneagrama descreve nove tipos de personalidade, cada um com suas motivações e padrões de comportamento próprios, oferecendo uma rica tapeçaria para explorar a complexidade humana. Neste livro, esses conceitos inspiram a criação dos nove membros da Cúpula em Tintus e dos mestres de Treuss.

A introdução do Eneagrama no Ocidente é atribuída ao pensador russo G.I. Gurdjieff, que o trouxe na década de 1920 após contato com tradições

místicas orientais. Posteriormente, estudiosos como o psiquiatra chileno Claudio Naranjo e a americana Helen Palmer aprofundaram e difundiram o sistema, tornando-o uma ferramenta reconhecida de autoconhecimento.

Com o Eneagrama, as personagens ganham profundidade e complexidade, revelando personalidades densas e independentes. O sistema permite explorar nuances da natureza humana, criando figuras autênticas e multifacetadas.

Graças a essa ciência sagrada, as personagens que habitam estes planetas passam a ser quadridimensionais, com densas personalidades independentes. No universo deste livro, as semelhanças de cenas e personagens com a realidade não são meras coincidências.

## *Considerações finais II, o idioma esperanto*

É a língua oficial de Treuss, utilizada em partes de alguns diálogos do livro e também para atribuir o sobrenome aos mestres treussianos (os primeiros deles foram retirados da Sagrada Cabala).

Trata-se de um idioma idealizado para a unificação dos povos da Terra. Ele foi criado por Lázaró Luiz Zamenhof, em 1887. Um polonês que, pelas características que possui, pode ser considerado um verdadeiro treussiano.

Lázaro nasceu em 1859, na pequena Białystok, na Polônia, uma cidade marcada por intensas lutas raciais, agravadas pela incompreensão linguística entre seus habitantes. Na época, a Polônia fazia parte do Império Russo, onde se falavam cerca de duzentas línguas diferentes. Só em Białystok falavam-se quatro idiomas oficiais: russo, alemão, polonês e ídiche. As constantes disputas, muitas vezes resultando em mortes violentas, marcaram profundamente Lázaró, levando-o a dedicar sua vida à criação de uma

língua universal, que chamou de esperanto, ou esperança, traduzido para português.

As pessoas que aderiram à língua neutra ficaram encantadas com a força unificadora do idioma e se renderam à autoridade irresistível do grande missionário Zamenhof, cujos talentos como pensador profundo, intelectual vigoroso, artista inspirado e líder nato sustentaram a causa com tal genialidade que nenhuma força, interna ou externa, jamais conseguiu destruí-la. O esperanto é falado hoje por cerca de seis milhões de pessoas em mais de 150 países.

Neste épico que entrelaça ficção científica, filosofia e espiritualidade, somos levados a explorar planetas como Tintus, onde a esperança parece ter secado com seus rios; Treuss, que está retomando sua prosperidade; e a Terra – o chamado Planeta Azul –, onde uma resistência começa a ganhar forma, liderada por almas corajosas que ousam sonhar com algo maior.

Mas este não é apenas um livro sobre mundos distantes ou civilizações à beira do abismo. É uma reflexão profunda sobre o que significa ser humano: os conflitos entre luz e sombra, matéria e espírito, coletividade e individualidade.

Prepare-se para mergulhar em uma narrativa rica e envolvente, em que cada página ecoa perguntas fundamentais sobre vida, propósito e liberdade. Aqui, o fim não é um ponto final mas, talvez... um novo começo.

